FRANCISCA MICHELLI LOPES

A CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES E A RELAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE BIOLOGIA

LONDRINA - PARANÁ
2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

FRANCISCA MICHELLI LOPES

A CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES E A RELAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE BIOLOGIA

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Sergio de Mello Arruda

LONDRINA – PARANÁ
2007

FRANCISCA MICHELLI LOPES

A IDENTIFICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE BIOLOGIA

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

_____

Prof. Dr. Sergio de Mello Arruda
Universidade Estadual de Londrina

_____

Prof. Dr. Marcelo Alves Barros
Universidade Estadual de Maringá

_____

Prof. Dra. Denise de Freitas
Universidade Federal de São Carlos

Londrina, 29 março de 2007.

A elaboração do texto de agradecimentos traz sentimentos conflituosos: apesar da alegria proporcionada em compartilhar o trabalho realizado, o receio de que, nesse momento em que a pressão do tempo se acentua, possa deixar de mencionar a contribuição de uma de tantas pessoas que participaram direta ou indiretamente, dessa empreitada. Ao longo desse meu trabalho pude contar com a colaboração de várias pessoas, a quem gostaria de registrar os meus sinceros agradecimentos:

Ao Prof. Dr. Sergio de Mello Arruda pela sua orientação atenta e afetuosa, seu incentivo, sua competência e por sua tranqüilidade nos momentos mais aflitos. Foi muito mais que um orientador, ensinou muito além do necessário para o desenvolvimento desse trabalho.

Ao Prof. Dr. Marcelo Alves Barros e à Prof. Dr. Denise de Freitas, pelo cuidado especial ao realizar as sugestões no exame de qualificação.

Ao Vagner, esposo, amigo e companheiro, pelo seu amor e paciência nas horas de aflição. Por me acompanhar nessa caminhada, por ter suportado minhas angústias e inseguranças sempre com muito carinho.

Aos meus pais e minha família pelo apoio e incentivo que sempre me dedicaram.

Aos alunos do curso de Biologia que contribuíram neste estudo com o precioso relato de suas vivências, permitindo-me a construção dos resultados deste trabalho.

Aos amigos e aos professores, do mestrado e do grupo de estudos, com pude trocar muitas experiências. Sentirei saudades de todos vocês.

À Prof. Dr. Vera, mais que professora, uma amiga que me apoiou a abrigou no decorrer do curso.

Às minhas amigas Francieli e Eliana, nós sempre juntas, quase que inseparáveis, obrigada pelo apoio, pela amizade e pela força que sempre trocamos.

Às amigas Léia e Ana Lúcia, cujos laços de amizades serão eternos.

Enfim, agora em lágrimas e sem palavras agradeço a Deus.

LOPES, Francisca Michelli. A construção dos saberes docentes e a relação de identificação no estágio supervisionado de Biologia. 2007. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar a formação inicial de professores de Biologia e Ciências, os saberes construídos no período de estágio supervisionado, bem como abordar elementos que auxiliem na compreensão da construção da identidade profissional. Participam dessa pesquisa estagiários do quarto ano do curso de Ciências Biológicas, cujos dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas. Durante as entrevistas o estagiário era questionado sobre escolha do curso, o seu contato inicial com a sala de aula. Para a análise dos dados utilizou-se os saberes docentes propostos por Tardif e alguns conceitos da teoria psicanalítica, em particular o conceito de *identificação*. Apontamos que o processo de construção da identidade docente do estagiário tem raízes, na maioria das vezes em sua experiência prévia enquanto aluno, sob influência do ambiente escolar e familiar. Ao inserir-se na sala de aula e ocupar a posição de professor, o estagiário parece construir-se a partir de um traço que é a marca do seu discurso e pelo qual vai construindo a si mesmo como professor e seus saberes docentes.

Palavras-chave: formação inicial de professores de Biologia, saberes docentes, estágio, identificação e identidade docente.

LOPES, Francisca Michelli. A identificação e a construção da identidade docente na formação inicial de professores de Biologia. 2007. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina.

ABSTRACT

This work had as objective to investigate the initial formation of Biology and Sciences teachers, the knowledge constructed in the supervised period of training, as well as approaching elements that assist the understanding of the construction of the professional identity. Teachers-apprentices of the fourth year of the Biological Sciences have participated in this research, whose data was collected through half-structuralized interviews. During the interviews the trainee-teacher was questioned about its choice for the course and its initial contact with the classroom. For the analysis of the data was used the teacher's knowledge considered for Tardif and some concepts of the psychoanalytic theory, especially the identification concept. We point that the construction process of the teacher identity of the trainee has roots, in the majority of cases in its previous experience while pupil, under influence of school and familiar environment. When inserting themselves in the classroom and occupying the teacher's position, the trainee seems to construct himself from a trace that is the mark of his speech and for which he goes constructing to himself as teacher and his own teacher's knowledge.

Key-words: Biology teachers' initial formation, teacher knowledge, period of training, identification and teacher's identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Identificação dos estagiários a partir dos momentos do Estágio Supervisionado relatado na entrevista.....28
Quadro 2 – Significantes identificados pelos estagiários que compõem esta pesquisa.....35
Quadro 3 – Saberes elaborados pelos estagiários inferidos a partir dos dados.....76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

Capítulo 1
SABERES DOCENTES E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL.....17
1.1 FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES.....18
1.1.1 Saberes Docentes.....20
1.1.2 Estágio Supervisionado: a Fonte dos Saberes Experienciais e Construção da Identidade Docente..... 23

Capítulo 2
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... 26
2.1 UMA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA..... 27
2.1.1 Sobre os Estagiários Envolvidos na Pesquisa.....28
2.1.2 O Contexto da Pesquisa..... 29
2.1.3 Instrumentos para a Coleta de Dados: Entrevistas..... 30
2.1.4 Sobre o Tratamento das Informações Recolhidas..... 31

Capítulo 4
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... 36
3.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E1..... 38
3.1.1 Saberes Docentes Construídos por E1.....41
3.1.2 A Construção da Identidade Docente de E1.....42
3.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E2..... 43
3.2.1 Saberes Docentes Construídos por E2.....47
3.2.2 A Construção da Identidade Docente de E2.....51
3.3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E3..... 52
3.3.1 Saberes Docentes Construídos por E3.....54
3.3.2 A Construção da Identidade Docente de E3.....56
3.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E4..... 57
3.4.1 Saberes Docentes Construídos por E4.....61
3.4.2 A Construção da Identidade Docente de E4.....62
3.5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E5..... 63
3.5.1 Saberes Docentes Construídos por E5.....67
3.5.2 A Construção da Identidade Docente de E5.....71
3.6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E6.....73
3.6.1 Saberes Docentes Construídos por E6.....74
3.6.2 A Construção da Identidade Docente de E6.....74
3.7 SÍNTESE DAS ANÁLISES APRESENTADAS..... 75

Capítulo 4

A IDENTIDADE PROFISSIONAL E A RELAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO..... 77
4.1 IDENTIFICAÇÃO..... 78

4.1.1 Identificação em Freud..... 79
4.1.2 Identificação em Lacan.....80
4.1.3 Estádio do Espelho.....84
4.2 A IDENTIDADE DOCENTE E A RELAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO..... 86
4.3 A RELAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO..... 88
4.3.1 A relação de identificação como processo constitutivo do professor: o caso de E4...89

Capítulo 5
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 95
5.1 REFLEXÕES DA INVESTIGADORA 99

REFERÊNCIAS..... 102

ANEXOS.....106

` Na travessia da vida muitas vezes percorremos um caminho que contém, antes que um ponto de chegada, um percurso. É neste caminhar que se entrela am várias experiências em que vozes entrecruzam-se, diversos olhares às vezes contraditórios, às vezes ambíguos, aliam-se a nossa vida, dando-nos uma convic ão de trabalho de compromisso com a ciência e com o conhecimento adquirido e adquirir.''

Ivanise Leite

INTRODUÇÃO

Os objetivos deste trabalho são discutir a formação inicial dos professores de Biologia e Ciências, os saberes construídos durante a fase de observação e regência de sala de aula e abordar elementos que auxiliem na compreensão da construção da identidade docente.

Quando da inscrição para fazer a seleção para o curso de mestrado, a proposta de trabalho era outra, muito diferente da que foi desenvolvida. Tratava dos modelos usados no ensino de ciências. Mas na primeira conversa com o orientador, ele falou sobre o projeto de pesquisa que estava desenvolvendo relacionado à formação de professores. Já havia uma pesquisa em andamento sobre a formação inicial de professores de Física (BACCON, 2005) e pretendia ampliar o campo de investigação, passando a pesquisar também a formação inicial de professores de Biologia e Matemática. Em vista disso, sua proposta foi que desenvolvesse uma pesquisa sobre a formação de professores de Biologia (já que esta é a minha formação), com enfoque no Estágio Supervisionado, buscando localizar os saberes docentes construídos durante essa etapa e as contribuições da Prática de Ensino para a formação do professor. Com o seu jeitinho sutil de propor as coisas, ele me convenceu facilmente e, logo que terminamos nossa conversa, já fui à livraria encomendar alguns livros – sugeridos por ele - que tratavam de formação de professores, pois pouco conhecia sobre o assunto teoricamente.

Na pesquisa desenvolvida nesses dois anos me senti muito mais inserida, do que provavelmente estaria se estivesse desenvolvendo o projeto apresentado no ato da inscrição. Em diversos momentos no decorrer do trabalho, me deparei pensando em mim, na minha formação, me perguntando muitas vezes: e daí como foi comigo? Hoje, com oito anos de experiência em sala de aula (sei que ainda é pouco), já aprendi muita coisa, mas muitas vezes ouvindo os entrevistados, parava para refletir sobre as minhas dificuldades na época em que eu mesma estava me formando e todas as angústias daquele momento. Isto veio mostrar-me que a formação, além de ser subjetiva a cada sujeito, compõe-se de um conjunto de elementos, ou melhor, de saberes que são construídos num processo e não em apenas um momento.

No início da pesquisa, o objetivo era entrevistar estudantes do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Londrina, mas surgiram alguns impasses. Diante disso, fizemos uma entrevista piloto com estudantes de uma Faculdade pública da

região de Londrina, também do curso de Ciências Biológicas, enquanto esperava que os imprevistos se resolvessem. Realizamos duas entrevistas apenas para treinamento. Porém foi nesse trabalho piloto, que surgiu a entrevista que apontou o caminho para a pesquisa: a relação de *identificação* entre o estagiário e o professor, como processo construtor da identidade profissional. De modo inesperado, o percalço do início acabou apontando o caminho a seguir, caminho que foi por nós acatado.

A partir deste ponto começamos as diversas leituras sobre a *identificação*, primeiramente em Freud e posteriormente em Lacan, além de diversos outros textos que pudessem colaborar na compreensão deste conceito. A participação de um curso aos domingos[1], também auxiliou na compreensão de diversos conceitos. Devemos admitir que estudar Psicanálise exige muito esforço e dedicação, pois trata de algo complexo, que muitas vezes foge à nossa capacidade de compreensão, mas acreditamos que vale a pena.

No início, a intenção estava apenas no processo de *identificação* ou *não* entre o estagiário e o professor regente. Posteriormente decidimos também localizar os saberes que o estagiário construiu no momento da regência de classe e inferir a relação de *identificação* como um processo que pode auxiliar na compreensão da construção da identidade docente.

Muito se tem debatido sobre temas relativos à formação de professores. Mas o que significa formar professores? Como são formados os profissionais da educação? Nesse contexto, quando dizemos formar alguém, podemos relacionar as várias acepções que esta palavra possui, "como dar forma a algo", "desenvolver-se paulatinamente". Podemos, aindanos referir a "criar", ou a "estruturar-se", e, até mesmo, "construir, elaborar" (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS). Nesse sentido, podemos supor que formar professores é construir uma unidade complexa estruturada pela língua e pela cultura vigente, que envolve uma multiplicidade de metas a serem atingidas e executadas, erigidas no campo objetivo do conhecimento e também construções pessoais que envolvem muito mais do que unicamente o conhecimento científico necessário para exercer a profissão. Ser professor consiste num desenvolvimento que ocorre aos poucos na longa caminhada da vida ou da profissão.

No entanto parece que nenhuma dessas palavras ou expressões parece ser suficiente para definirmos o que é formar um professor, para sabermos de que maneira formar um bom professor, ou mesmo para entender o que motiva o sujeito a entrar e se manter nessa

[1] Conduzido pelo psicanalista César Skaf de Curitiba.

profissão frente a tantos tropeços que ela apresenta. De fato, parece que o significado de formar supera o significado lingüístico do termo, possuindo um sentido mais amplo do que os melhores dicionários podem oferecer. A partir disso, podemos supor duas questões: Como o sujeito se forma professor? Que elementos subjetivos estão por trás dessa formação?

A LDB vigente, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, garante a formação de professores, visando a preparar o futuro professor de modo a atender os objetivos da educação. Nessa formação, a LDB faz referência à Prática de Ensino no artigo 65, informando que deve ser de "no mínimo, trezentas horas" (Lei 9.394/96, p.50). Ainda a mesma lei, em seu artigo 67, parágrafo único, valoriza a experiência dos profissionais da educação, salientando que a "experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino" (Lei 9.394/96, p.51).

Essa carga horária sofreu aumento pelo Conselho Nacional de Educação pelo CNE/ CP 21/2001 do MEC, passando a ser de 400 horas para a Prática de Ensino e de mais 400 horas para o Estágio Supervisionado. Esse documento apresenta uma valorização do contato dos futuros professores com a sala de aula para sua melhor formação.

De acordo com esse parecer, a Prática de Ensino deve se dar desde o início do curso de graduação e se estender até o final do mesmo sob orientação dos professores formadores. Ela deixa de ser uma disciplina isolada do restante do curso, restrita ao Estágio Supervisionado, e passa a ser a disciplina que fará a conexão entre todas as disciplinas da graduação e a prática de sala de aula, promovendo uma perspectiva interdisciplinar.

No parecer CNE/ CP 21/2001, estágio é definido como "o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou oficio para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou oficio". Possuindo a mesma carga horária da Prática de Ensino, o Estágio Supervisionado consiste num momento de formação no ambiente escolar, o momento de efetivar o processo de ensino/ aprendizagem sob a responsabilidade de um profissional experiente, ou seja, o professor regente. Como uma atividade obrigatória do curso de formação, o estágio oferece ao futuro professor um conhecimento real em situação de trabalho, em que ele assume efetivamente o papel de professor, sendo uma atividade articulada com a Prática de Ensino.

O tempo do Estágio Supervisionado deve ser denso e contínuo para que o estagiário possa entrar em contato com os diferentes momentos da vida escolar que não ocorrem de forma igualmente distribuída durante o semestre.

Pode-se perceber, assim, a importância que é dada à formação pedagógica do professor, pois são oitocentas horas, divididas entre Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, dedicadas ao progressivo processo de aprender a ser professor.

No entanto muitas vezes ignora-se a presença do estagiário dentro da sala, havendo casos também em que ele é usado apenas para substituir o professor que faltou. Ou ainda pode ser visto como alguém que quebra a rotina da sala de aula, em alguns casos, incomodando ou inquietando o professor apenas com a sua presença. Será que não se percebe a importância do estágio para formar o professor? Não se pode esquecer que a formação do futuro professor também ocorre nesse contexto e, queira ou não, o professor titular acaba intervindo nessa realidade, promovendo, mesmo que inconscientemente, um lugar de identificação pessoal nessa relação; servindo até mesmo de modelo para esses futuros professores.

Portanto o objetivo deste trabalho é identificar os saberes construídos no Estágio Supervisionado. Nossa investigação dará mais ênfase à questão da formação do professor no momento do estágio, isto é, como ele é visto pela instituição escolar; quais os impactos das atitudes do professor e quais as influências que essa relação causa na sua formação. Acreditamos que é o momento do Estágio Supervisionado a circunstância favorável para o estudante (futuro professor) "ver e analisar as escolas existentes com olhos não mais, de alunos, mas de futuros professores" (PIMENTA, 2005, p.28).

As ponderações desenvolvidas acima contribuíram para que pudéssemos delinear nosso foco de pesquisa. Além disso, alguns trabalhos anteriores (BACCON et al, 2005; ANTUNES et al, 2005), desenvolvidos pelos participantes do nosso grupo de pesquisa, sobre formação de professores, nos apoiaram, auxiliaram e reforçaram no desenvolvimento deste trabalho. Pudemos perceber que, embora sendo em áreas diferentes (Física, Matemática ou Biologia), os problemas, os anseios, as frustrações, as angústias e as aflições pelas quais os estagiários passam no momento do estágio são muito semelhantes. Na realidade, percebemos que, mesmo em diferentes instituições, com professores de Prática de Ensino também diferentes e ainda em escolas, alunos e professores distintos, os estagiários passam por momentos com diversos aspectos comuns durante a realização do Estágio Supervisionado. O estudo destes casos levou-nos a pensar sobre os saberes que possam ser construídos durante a realização do estágio nas escolas, sobre o que sustenta a vontade de ser professor em alguns estudantes enquanto em outros não, e de que maneira estes estudantes constroem o seu jeito de ser professor, ou seja, estruturam a sua identidade profissional.

Com base no exposto acima, esta investigação tem o intuito de responder as seguintes questões, as quais na verdade, encontram-se interligadas umas às outras:

- Em que medida o Estágio Supervisionado contribui para a construção da identidade docente?
- Em particular como o professor regente afeta essa construção?
- Quais os saberes docentes são desenvolvidos durante o Estágio Supervisionado?

Responder a essas questões pode nos permitir avançar no entendimento da construção dos saberes docentes na formação inicial, da construção da identidade docente do futuro professor e de quais elementos podem colaborar nesta relação.

Acreditamos que o fato de se escolher a profissão professor já passa por um processo subjetivo de cada sujeito, por isso a sua constituição pode ser pensada com os olhos da Psicanálise, dando-nos uma indicação de que esta construção não apenas se dá ao longo da carreira docente, mas se inicia muito antes, ainda quando criança, ou com seus professores de Ensino Fundamental e Médio. Pretendemos aqui buscar elementos, numa perspectiva compreensível, que muitas vezes não são encontrados no campo de conhecimento da Educação. Vemos na Psicanálise uma possibilidade de supor respostas, de dar um novo olhar às situações que ocorrem na escola e na sala de aula, e em nosso trabalho, principalmente, com o professor em formação. Claro que chegar a tais respostas não é tarefa fácil, diríamos que muitas vezes impossível, mas é preciso pensar sobre, explanar a formação também em seus aspectos subjetivos. Miller tem destacado a necessidade de a Psicanálise ir além das paredes de um consultório, para que se possa realizar "uma escuta mais profunda do que vem ocorrendo com a cultura, com a sociedade, tendo em vista capturar o surgimento de novos sintomas" (MRECH, 2005, p.24). A partir disso, poderíamos supor a Educação como parte de nossa Cultura e da Sociedade em que vivemos, surgindo daí a necessidade de se estabelecer articulações entre a Psicanálise e as situações de contexto escolar.

A seguir apresentamos com todas as particularidades, e de modo mais detalhado que nesta introdução, o trabalho que realizamos.

No primeiro capítulo, *Saberes Docentes e Construção da Identidade Profissional*, apresentamos a primeira parte do referencial teórico, onde se faz uma contextualização dos referenciais usuais acerca da formação de professores na perspectiva do

professor reflexivo. Apresentamos uma explanação acerca dos saberes docentes necessários ao exercício da docência, propostos por Tardif e, por fim, a questão do estágio, como momento da construção da identidade docente do futuro professor.

No segundo capítulo, *Procedimentos Metodológicos*, fazemos uma descrição pormenorizada dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, desde a definição do instrumento para coleta de dados (entrevistas), os sujeitos da pesquisa, até o refinamento dos dados coletados que culminaram em sua categorização.

No terceiro capítulo, *Apresentação e Análise dos Dados*, apresentamos os dados, apenas em seus pontos mais relevantes, no intuito de colocar o leitor em contato com os dados fornecidos por nossos entrevistados. Na seqüência, sua análise, em que procuramos relacionar os aspectos preponderantes para a construção dos saberes docentes, com a análise do caso de cada estagiário, inferindo os tipos de saberes que eles construíram durante o Estágio Supervisionado e que podem contribuir para a ação em sala de aula dos futuros professores, fazemos também uma análise na busca de compreender a construção da identidade docente.

No quarto capítulo, *A Identidade Profissional e a Relação de Identificação*, descrevemos o conceito psicanalítico de *identificação,* tido como elemento de constituição do sujeito, na visão freudiana e, posteriormente, na perspectiva lacaniana.. Por fim, propomos a utilização de alguns conceitos psicanalíticos no intuito de aclarar algo mais a respeito da construção da identidade docente.

No quito e último capítulo, procuramos tecer as considerações finais acerca do trabalho realizado, no intuito de apresentar algumas implicações para a formação de professores. Nossa intenção não é a de considerar esta pesquisa como um trabalho pronto e definitivo, mas apenas levantar alguns pontos relevantes e expor algumas reflexões para fomentar a discussão no campo da formação inicial de professores.

12

SABERES DOCENTES E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

A curiosidade como inquieta ção indagadora, como inclina ção ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de aten ção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

Paulo Freire

Nosso trabalho está norteado por duas vertentes teóricas: a formação inicial de professores, na qual nosso foco principal é a construção dos saberes docentes referentes às relações propostas por Tardif..

Neste capítulo, situamos o contexto atual da pesquisa em formação de professores com uma breve explanação sobre a formação inicial dentro da perspectiva do professor reflexivo; situamos ainda os saberes docentes necessários à atividade profissional e as atividades de Estágio Supervisionado como elemento fundamental na aquisição de saberes experienciais.

1.1 FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

O ofício de professor vai além da aplicação de técnicas e métodos pedagógicos, pois envolve um sujeito que deve estar cônscio do processo de construção de si próprio e do outro, o aluno. Nessa perspectiva, tem-se buscado a formação de um profissional que saiba agir nos momentos de incertezas e dificuldades, um profissional que esteja preparado para se defrontar com a complexidade que é uma sala de aula e com a singularidade de cada situação no decorrer do dia-a-dia profissional. Para isso, Schön (1992) propõe a formação do "profissional reflexivo", pois só este parece ser capaz de aprender com sua própria experiência de trabalho, sendo o professor o responsável pela sua formação, superando com isso a formação tradicional existente até então que deixava a cargo da universidade toda a formação do professor. Tem-se notado que apenas a formação universitária não consegue dar respostas a problemas que emergem no dia-a-dia profissional, porque o contexto da sala de aula "ultrapassa os conhecimentos elaborados pela ciência e as respostas técnicas que esta poderia oferecer ainda não estão prontas" (PIMENTA, 2005, p.19). Neste mesmo contexto, Libâneo (2005, p.70) ressalta que, "por meio da reflexão, o professor é levado a compreender o seu próprio pensamento e refletir de modo crítico sobre sua prática". Nesse sentido, Nóvoa (1998, p.25) ressalta que "a formação não se constrói por acumulação de cursos ou técnicas, mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal".

Nesse contexto de formação, o professor é levado a construir parte do conhecimento que necessita para atuar em sala de aula por meio da reflexão, pois só assim poderá lidar com as incertezas da sua profissão. Mas será que as universidades estão

preparando os futuros professores para refletirem sobre a sua própria prática e serem responsáveis pela sua contínua formação? Até onde a universidade é responsável pela formação do professor, ou até mesmo pela construção de sua identidade docente? Como o sujeito aprende a ser professor, ou seja, aprende a ensinar alguém? Será que os futuros professores realmente estão comprometidos de modo a desejar ao longo de sua carreira esse crescimento pessoal e profissional? Afinal, só é possível aprender, evoluir profissionalmente se o sujeito professor tiver dentro de si um "desejo consciente ou inconsciente" (CHARLOT, 2005, p.76) daquilo que se almeja.

Seguindo mais um pouco os caminhos trilhados por Charlot, quando se refere à formação de professores, salienta-se que formar professores é "dotá-los de competências, construir as mediações entre práticas e saberes" (2005, p.98). Nesse aspecto poderíamos nos perguntar: de que modo os estudantes do curso de licenciatura estão sendo realmente formados, dotados de competências para o dia-a-dia de uma sala de aula?

Acreditamos que uma formação na qual o aluno, futuro professor, seja também um ator importante no seu processo de profissionalização, e não apenas a universidade e os professores do curso de formação, deve ser aquela que fuja de metodologias que visem memorização de conteúdos e busque, por meio da reflexão, a articulação entre o conhecimento teórico oferecido pela universidade e a prática de sala de aula, de modo a realmente compreender a problemática da prática.

Assim, construir a identidade docente passa por uma série de etapas de construção de saberes ao longo não apenas da formação universitária, mas também no decorrer da profissão. Parece-nos que "o que está em jogo na formação não é somente uma relação de eficácia a uma tarefa, é uma identidade profissional que pode tornar-se o centro de gravidade da pessoa e estruturar sua relação com o mundo, engendrar certas maneiras de ler as coisas, as pessoas e os acontecimentos." (CHARLOT, 2005, p.95). A formação do docente, a aquisição do saber ensinar ou mesmo do aprender a ensinar, não se reduz ao curso universitário, é uma caminhada muito mais longa e complexa que envolve o próprio desejo de se construir professor. Está claro para nós que compete ao curso de formação, não formar um professor completo, mas fornecer as bases, as ferramentas com as quais, o futuro professor vai dar início à construção do seu modo de aprender a ensinar e a trabalhar com as situações problemáticas da sala de aula e até mesmo solidificar a sua postura pedagógica, o seu jeito de ser e agir.

1.1.1 Saberes Docentes

O professor, no decorrer de sua profissão, desenvolve uma série de saberes para atuar em sala de aula. Estamos partindo do pressuposto tratado por Tardif (2002) de que o saber dos professores é um campo vasto de conhecimento originado de diversas fontes e em momentos diferentes de sua vida. Não apenas a formação universitária e a experiência prática do professor são os conhecimentos que utiliza e de que necessita. Na verdade o professor parece utilizar-se de conhecimentos oriundos de ambientes variados: de sua família, de seu meio cultural e de sua própria história de vida, além de, claro, daqueles adquiridos na instituição universitária, dentro da escola com os pares e de sua prática de sala de aula.

No decorrer de sua vida profissional, os professores desenvolvem um conjunto de saberes que são utilizados no seu cotidiano. Tais saberes vão sendo reorganizados e remodelados no e pelo trabalho, pelo compartilhamento de idéias com os pares, com os alunos, consigo mesmo e com a instituição escolar. Como afirma Tardif (2002):

> O saber dos professores não é um conjunto de conteúdos cognitivos definido de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar o seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua 'consciência prática' (p.14).

Para Tardif, a experiência do trabalho é uma fonte privilegiada do saber ensinar dos professores, designados como saberes práticos. Os saberes da história de vida do professor, da sua formação escolar anterior somados aos saberes pedagógicos, científicos e curriculares adquiridos na universidade são levados para a sala de aula e articulados aos saberes da prática. O saber dos professores, portanto, não provém de uma fonte única, mas de várias fontes diferentes, momentos da história de vida e da carreira profissional.

A questão da identidade profissional dos professores também surge em articulação com sua prática. O trabalho dos professores está articulado com o que ele faz e com o que ele é, não havendo como separar uma coisa da outra. Como diz Tardif, "o ser e o agir, ou melhor, o que eu sou e o que eu faço ao ensinar, devem ser vistos não como dois pólos separados, mas como resultados dinâmicos das próprias transações inseridas no processo de trabalho escolar" (2002, p.16). Desse modo, o trabalho do professor parece estar intimamente relacionado com a pessoa do professor, com sua história de vida e identidade pessoal. Tendo isso em vista, parece cabível dizer que parte do que os professores levam para a sala de aula não provém da universidade, mas da sua experiência de vida e da construção do

conhecimento prático de sala de aula que é construída ao longo da carreira e que "vão sendo incorporados ao seu trabalho sem que ele se tome conta disso" (BORGES, 2004, p.94).

Parece-nos, pois, que a sala de aula é um espaço privilegiado, onde o professor tem a oportunidade de construir seus saberes, crescer e evoluir profissionalmente. Sabemos que esse saber é algo pessoal, construído de acordo com a subjetividade de cada indivíduo em sua singularidade e com interação do ambiente escolar em que está inserido. Devido a isso concordamos com Tardif, quando diz que

> [...] o saber do professor traz em si mesmo as marcas de seu trabalho, que ele não é somente utilizado como meio de trabalho, mas é produzido e modelado no e pelo trabalho. Trata-se, portanto, de um trabalho multidimensional que incorpora elementos relativos à identidade pessoal e profissional do professor, à sua situação socioprofissional, ao seu trabalho diário na escola e na sala de aula (2002, p.17).

Em suma, Tardif aponta para a escola, mais especificamente a sala de aula, como um local privilegiado para o desenvolvimento profissional, mesmo que, na maioria das vezes, carregado das características ímpares de cada professor. Desse modo a relação existente entre estagiário, aluno e professor[2] aparece como alicerce neste pilar da aprendizagem. O professor aprende com os alunos, num processo contínuo, e o estagiário pode aprender também com os alunos, assim como com os professores regentes de sala. Essa relação intrínseca de aprendizagem, em que um aprende com o outro observando, às vezes imitando e remodelando modos de agir e fazer, tem como ponto inicial, muitas vezes, a construção dos saberes iniciais que o professor em formação precisa para construir sua identidade docente.

Tardif aponta a seguinte definição de saber:

> [...] saber docente é um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (2002, p.36).

Temos, portanto, a designação de quatro tipos de saberes que se relacionam entre si para compor o repertório dos saberes docentes. São considerados como *saberes da formação profissional* os saberes transmitidos pelas universidades e demais instituições de formação são os saberes das ciências da educação e da pedagogia. Os *saberes disciplinares* são os saberes referentes ao conteúdo a ser ensinado nas escolas, transmitido pela

[2] Neste trabalho, o professor e o aluno indicam o professor e o aluno do colégio, enquanto que o estudante de Licenciatura é designado como estagiário.

universidade nos diversos campos do conhecimento, como matemática, química, física, biologia, etc. Os saberes *curriculares* são referentes aos programas, conteúdos e métodos a serem utilizados pelo professor. Por fim, os *saberes experienciais*, que são aqueles que se constroem a partir da própria experiência, como um *saber-fazer*.

Esses saberes não estão fracionados no pensamento do professor. Eles apresentam-se como uma amálgama difícil de separar. Dentro da sala de aula é preciso saber desenvolver os saberes disciplinares bem como os curriculares, mas também é necessário que se tenha domínio dos saberes da ciência da educação, não de modo a transmiti-los, mas de forma a colaborar com o relacionamento entre professor e aluno, e dos saberes experienciais, que só são aprendidos dentro da sala de aula no relacionamento do professor com os alunos e com o conteúdo.

Estes saberes experienciais, tão particulares, tão intrínsecos a cada professor, estão relacionados com todo o contexto da instituição escolar e com a própria pessoa do professor, com toda a sua história de vida, valores pessoais, emoções, expectativas, frustrações pessoais e profissionais. É, portanto, por meio das experiências próprias da profissão que novos saberes são construídos e desenvolvidos, bem como novas práticas e estratégias de ação.

Tardif vai mais além. Considera os saberes dos professores como *temporais, plurais e heterogêneos, personalizados e situados*. Esses saberes "carregam as marcas do ser humano." São temporais porque são adquiridos através do tempo de vida e profissional. Outro aspecto importante é que

> Os professores são os trabalhadores que foram mergulhados em seu espaço de trabalho durante aproximadamente dezesseis anos (em torno de 15.000 horas), antes mesmo de começarem a trabalhar. Essa imersão se manifesta através de toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente. Estes fenômenos permanecem fortes e estáveis através do tempo. (2002, p.261)

São saberes *plurais* devido a sua proveniência: sua vida e cultura pessoal, vida escolar anterior e universidade. São *heterogêneos*, porque provêm de diversas fontes, não formando uma receita de conhecimento unificado pelas próprias características de sua atividade profissional, que exigem diferentes habilidades e competências. São *personalizados e situados*, ou seja, difíceis de dissociar das pessoas, de sua experiência e situação de trabalho. Por fim esses saberes carregam marcas dos seres humanos que compõem essa relação, já que

é um trabalho com pessoas que possuem pensamentos diferentes e acabam interagindo entre si.

Com relação à formação inicial, podemos dizer que ela consiste numa junção de expectativas e dificuldades que o professor encontra no início da carreira. Além disso, é no exercício da profissão que se consolida o processo de tornar-se professor, ou seja, é com a prática que acontece o aprendizado da profissão.

Pesquisas realizadas por Tardif (2002) com professores em formação inicial nos Estados Unidos mostram que o saber-ensinar originou-se muito antes da experiência vivida em sala de aula, ou seja, a história de vida social e familiar de cada indivíduo e sua vivência são fontes de aprendizagem que o sujeito vai construindo no decorrer de sua própria existência.

O professor em formação já tem previamente construído algum modelo do que é ser um bom professor ou do professor que gostaria de ser e uma maneira de relacionar-se com a escola e com os alunos, pois traz uma certa postura profissional mais ou menos estruturada, mesmo que inconscientemente. Segundo Tardif, o tempo de aprendizagem do trabalho não se limita à duração da vida profissional, inclui também a existência pessoal dos professores, os quais de um certo modo aprendem seu ofício antes de iniciá-lo. A respeito disso Tardif aponta que:

> Nesse sentido, a prática é como um processo de aprendizagem através do qual os professores e professoras retraduzem sua formação anterior e adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servi-lhes, de uma maneira ou de outra, para resolver os problemas da prática educativa (2002).

1.1.2 Estágio Supervisionado: a Fonte dos Saberes Experienciais e Construção da Identidade Docente.

Neste trabalho, estamos investigando a formação inicial, com ênfase na etapa do estágio supervisionado, disciplina que "assume um papel relevante na formação do professor" (Pimenta, 2004, p.17), pois é por meio dela que a maioria dos estudantes se posiciona frente a uma sala de aula na posição de professor, após anos e anos sentados em uma cadeira apenas como receptor do conhecimento, ou seja, como aluno. A partir do estágio vai ficar à frente dela, sendo o responsável pelos problemas que ali surgirem, pelo

direcionamento dos alunos à descoberta do conhecimento. É o estágio que vai colocar esse sujeito, que passou tanto tempo de sua vida a ouvir os seus professores, como um deles.

Nesse sentido, Marcelo Garcia ressalta a importância da prática de sala de aula na construção do conhecimento do professor dizendo que "a própria prática conduz necessariamente à criação de um novo conhecimento específico e ligado à ação, que só pode ser adquirido através do contato com a prática, pois trata-se de um conhecimento tácito, pessoal e não sistemático" (1992, p.62).

É no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino que a práxis se dá. É por meio dessa atividade prática de formação que são "consolidadas as opções e intenções da profissão" (PIMENTA, 2004, p.62) e que o processo de construção da identidade docente se desenvolve e evolui.

Poderíamos perguntar, então, em que bases são realizadas as escolhas e as opções. Acreditamos que tais decisões passam por um complexo processo que envolve a identificação (ou não) do estagiário com os seus professores atuais e anteriores. É como nos diz Charlot: "os professores, na verdade, estão se formando mais com os outros professores dentro das escolas do que nas aulas das universidades" (CHARLOT, 2005, p.90). Para este

Em nosso trabalho, estaremos enfocando principalmente a aquisição de saberes durante o período de estágio realizado, na maioria das universidades, nos últimos anos de formação, que de algum modo contribuem para a construção da identidade docente. Poderíamos nos perguntar: Quais os saberes que o estágio pode propiciar ao estudante de licenciatura? Quais saberes são efetivamente construídos durante o período de estágio? Quais as contribuições do Estágio Supervisionado para a formação dos futuros professores? Temos notado que o estágio parece ter um forte impacto na formação do futuro professor, pois o estudante se depara muitas vezes com situações inesperadas e imprevistas, que o deixam freqüentemente na dúvida de seguir ou não na carreira docente. Enquanto alguns dos estudantes vêem no estágio a confirmação do desejo de ser professor, para outros o estágio desperta uma oposição à carreira de professor. Nesta pesquisa, tratamos o Estágio como um momento fundamental na formação do professor, pois é nessa etapa da formação que o futuro professor sai da posição de aluno para ocupar a posição de professor, e essa primeira experiência pode ter determinações fortes na construção da identidade docente do futuro professor.

Estamos partindo da hipótese de que o professor regente de sala desempenha intensa participação na formação do futuro professor durante a realização do Estágio Supervisionado, e que se estabelece entre eles algum tipo de relação. Vamos tentar fazer uma analogia de como essa relação se estabelece e o modo como ela interfere na construção da identidade docente, pressupondo que o ser se constrói a partir do outro, ou seja, que o estagiário constitui-se professor a partir de outros professores. Parece haver algo a mais na relação entre estagiário e professor de sala do que simplesmente uma relação formal de deveres a cumprir. O professor, muitas vezes sem se dar conta, está proporcionando o estabelecimento de relações inconscientes no estagiário que poderão ter interferência na formação de sua identidade profissional.

1

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

` Não era mais a denúncia das palavras que me
Importava mas a parte selvagem delas, os seus refoflos,
As suas entraduras.''

Manoel de Barros

Neste capítulo apresentaremos de modo pormenorizado a metodologia de pesquisa utilizada no trabalho. Descreveremos o contexto no qual se deu a coleta e o tratamento dos dados obtidos. Também tentaremos colocar o leitor em contato com os sujeitos envolvidos na pesquisa.

2.1 UMA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Este trabalho utiliza-se de uma abordagem qualitativa como metodologia de pesquisa, uma vez que o tratamento das informações tende a seguir um caminho de indução, dando ênfase à descrição, à significação e à interpretação dos dados obtidos.

Uma pesquisa qualitativa importa-se muito mais com a compreensão dos fatos que tendem a ocorrer "à medida que os dados recolhidos vão se agrupando" e não meramente em comprovar alguma hipótese ou mesmo testá-la. Numa abordagem qualitativa, o pesquisador entra em contato com o ambiente a ser estudado ou com os sujeitos a serem investigados. A análise dos dados tende a ser feita de modo a ler as entrelinhas da fala dos sujeitos entrevistados e compreender o sentido daquilo que é dito por eles, "com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo" (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.49). Portanto com o propósito de ler as entrelinhas dos nossos dados e com a concepção de que "nada é trivial" é que examinamos minuciosamente os dados que aqui apresentaremos, na tentativa de localizar em qualquer trecho do relato do estudante uma pista que permitisse instituir um entendimento acerca de como contribuir para a compreensão da construção da identidade docente do estagiário.

As pesquisas no campo educacional não podem ser feitas de modo isolado entre pesquisador e objeto de estudo, como ocorre nas ciências exatas. Na área educacional, a relação entre professor, aluno, aprendizagem, entre outros fatores, acaba sendo tão intrínseca que é praticamente impossível separá-las. O investigador está, desse modo, em contato direto com o ambiente de pesquisa e o seu objeto de estudo, de modo a entender o contexto em cada situação, já que "a investigação qualitativa é descritiva" (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.48) com o propósito de permitir descrever com o maior número possível de detalhes o contexto no qual se desenvolve com toda a sua riqueza.

Neste tipo de investigação, o direcionamento da pesquisa "só começa a se

estabelecer após a recolha dos dados, não se trata de montar um quebra-cabeça cuja forma já conhecemos de antemão. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinem as partes" (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.49). De fato, isso parece que ocorreu no desenvolver desta pesquisa, pois a princípio não havia um caminho a seguir. Essa direção só apareceu após a realização das entrevistas, a partir das quais pudemos nos dedicar a investigar um alvo mais preciso: a construção da identidade do futuro professor.

2.1.1 Sobre os Estagiários Envolvidos na Pesquisa

Os sujeitos entrevistados tinham um perfil jovem, a idade variava de vinte e um a vinte e oito anos. Nem todos apresentavam a vontade de ser professor. Percebeu-se que alguns tinham interesse de lançar-se no caminho da pesquisa, enquanto outros já admitiam claramente um querer ser professor.

Usaremos um código para nos referirmos aos estagiários: a letra E seguida de uma seqüência numérica, como E1, E2, E3, por exemplo. As professoras regentes de sala, citadas pelos estagiários, serão chamadas pela sigla Prof, seguida do número do estagiário acrescido de uma letra, por exemplo, o estagiário E4 fala a respeito de duas professoras: Prof (4A) e Prof (4B). Observe os códigos que utilizaremos no quadro 1.

Quadro 1 - Códigos dos estagiários e dos professores citados neste trabalho:

Código referente aos estagiários	Código referente aos professores citados pelos
E1	Prof (1A), Prof (1B) e Prof (1C)
E2	Prof (2A) e Prof (2B)
E3	Prof (3A)

2.1.2 O Contexto da Pesquisa

Em todo curso de formação de professores, o estudante tem que realizar o estágio, a fim de no mínimo cumprir carga horária estabelecida pelo programa do curso. Claro está que na maioria das vezes o estágio não é só isso, mas um momento de muitas inquietações e questionamentos por parte dos estagiários. Os sujeitos participantes desta pesquisa cursavam, no momento de coleta dos dados, o quarto ano do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. O curso era realizado numa faculdade da região de Londrina, onde o estágio era organizado em duas etapas: na primeira, no terceiro ano da graduação, realizavam sessenta horas de observação de sala em turmas do 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) e no Ensino Médio. Na segunda etapa, que acontecia apenas no quarto ano da graduação, realizavam trinta horas de regência. Todo o estágio era feito individualmente.

Paralelamente ao estágio realizado nas escolas, durante as aulas da disciplina de Prática de Ensino, eram realizadas discussões e seminários acerca das teorias da Educação e de algumas tendências na formação de professores nos quais acabavam ocorrendo muitos debates sobre os problemas ocorridos durante o estágio. Apesar de serem realizados relatórios das atividades, eles não serão utilizados nesta pesquisa, pois esses nos pareceram muito formais e pobres em informações, realizados apenas como uma atividade burocrática da disciplina. Os estágios dos sujeitos aqui entrevistados ocorreram todos em escola pública. Alguns alunos trabalharam apenas com um professor, outros com dois.

Os sujeitos da pesquisa são seis estagiários. Quando se deu o início desta pesquisa, a primeira etapa do estágio, a observação de classe, já havia ocorrido; mas tentamos resgatá-la durante a entrevista, como veremos posteriormente. A regência de classe estava em andamento.

Como as entrevistas eram realizadas de acordo com o tempo disponível dos estudantes, elas não foram realizadas no mesmo período. Temos entre uma entrevista e outra um espaço de tempo considerável, de modo que alguns estagiários já haviam realizado ou estavam realizando as regências quando foram entrevistados; diferentemente dos primeiros entrevistados, com quem pudemos realizar duas entrevistas, uma para cada momento. Nesse caso, optou-se então por realizar a entrevista e questionar os estudantes a respeito das duas etapas do estágio.

Vejamos de que forma foram obtidas. Com os estagiários E1 e E2 foram realizadas duas entrevistas: uma sobre a observação de classe e uma outra logo após a regência de classe.

Já com os estagiários E3, E4, E5 e E6, realizamos apenas uma entrevista, na qual os questionamos sobre os dois momentos do estágio. Apenas E4 fala, durante a entrevista, sobre as observações de classe. E3, E5 e E6 mesmo quando questionados, pouco falaram sobre suas observações de classe, na maioria das vezes fazendo comparações, detendo-se na maior parte do tempo apenas na regência.

2.1.3 Instrumentos para a Coleta de Dados: Entrevistas

A coleta de dados foi realizada entre os meses de abril e novembro de 2005. Foram usadas como método de coleta de dados entrevistas semi-estruturadas, gravadas em áudio, a maioria realizada no âmbito da faculdade.

A entrevista consiste numa técnica de coleta de dados que "permite a captação imediata e corrente da informação desejada e pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial" (LÜDKE e ANDRÉ, 1986) As entrevistas semi-estruturadas são tidas como aquelas que não têm uma ordem rígida de questões a seguir, em que se deixa o entrevistado falar espontaneamente sobre o assunto em questão, permitindo ao investigador obter dados descritivos "na linguagem do próprio sujeito" (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.134), para poder desenvolver de forma perspicaz "uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo" (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.134).

O tempo de duração das entrevistas variou de vinte minutos a uma hora e trinta minutos, dependendo da fluência e espontaneidade do entrevistado. Percebemos durante a realização das entrevistas que nem sempre o entrevistado responde exatamente à pergunta que lhe é feita. Parece que a pergunta funciona apenas como um gatilho para que o entrevistado fale sobre o assunto, que acaba referindo-se sempre aos problemas, frustrações ou aos méritos atingidos que mais chamaram a sua atenção ou marcaram-no de alguma forma durante o período em que realizava o estágio.

O assunto das primeiras entrevistas era apenas a observação de classe, pois como já foidito anteriormente, essa etapa foi realizada no segundo semestre do ano anterior. No início de 2005, os estagiários ainda não haviam começado a etapa de regência de classe.

Quanto à forma de acesso aos estagiários, partimos de dois estudantes de Biologia que já conhecíamos. Após esse primeiro contato, pudemos nos aproximar de outros estudantes. Um foi indicando outro e assim fomos compondo nosso banco de dados.

Todas as entrevistas foram transcritas mantendo com exatidão a fala dos estudantes. Portanto nem mesmo os erros gramaticais ou os vícios de linguagem foram corrigidos durante a transcrição, para que não se perdesse o relato real do estagiário. No entanto, ao se utilizar as falas na análise, foram necessárias edições ou correções para que se tornassem mais compreensíveis. No andamento dessas correções, cuidou-se ao máximo para que o sentido daquilo que o estagiário estava falando não fosse modificado ou alterado.

2.1.4 Sobre o Tratamento dos Dados Recolhidos

Nesta secção, faremos uma apresentação geral e breve dos procedimentos que foram adotados para a análise dos textos originados a partir das entrevistas, nossa fonte de dados para este trabalho. Esses textos apresentam, abundantemente, informações sobre os medos, as frustrações, as angústias, as conquistas, as dificuldades e os sentimentos desenvolvidos durante o período de estágio realizado nas escolas e, ainda, quais saberes essa atividade pode desenvolver no futuro professor de modo a contribuir na construção de sua identidade docente.

Na organização dos dados, para propiciar uma melhor compreensão dos mesmos foi utilizada a “análise textual discursiva”. Esse tipo de análise produz significados emergidos a partir de um conjunto de textos, em nosso caso, os textos provenientes das entrevistas que “constituem os significantes a que o analista precisa atribuir sentido” (MORAES, 2003, p.192). O que faremos com nossos textos será uma descrição e interpretação dos “sentidos que a leitura” (MORAES, 2003, p.192) de nossos dados pode proporcionar.

Num primeiro momento, fizemos várias leituras das transcrições das entrevistas de cada estagiário, numerando seqüencialmente cada trecho da entrevista, nossa unidade de análise. Por exemplo, para o estagiário E1, sua primeira fala corresponde ao número um indicado entre parênteses: (1) precedido da sigla correspondente ao estagiário.

Com os estagiários com quem fizemos duas entrevistas, manteve-se na segunda entrevista a seqüência numérica dada a partir da primeira, ou seja, se na primeira entrevista, por exemplo, os fragmentos estão numerados até o número 24, a segunda iniciará a partir do número 25. Após várias leituras, passamos a selecionar na entrevista tudo que o estagiário falava sobre os pontos mais relevantes para esta pesquisa. Consideramos, inicialmente, como pontos predominantes na fala do entrevistado, os relacionados aos alunos, aos professores, às dificuldades encontradas, à concepção do estágio, a seus sentimentos. A partir daí, partimos para uma inferência quanto à construção dos saberes docentes e à construção da identidade docente.

Nosso interesse voltava-se para a tentativa de identificar os saberes que foram elaborados durante essa atividade proporcionada pela formação inicial, e também para a compreensão da construção da identidade docente. Devido a isso buscou-se nos trechos da entrevista perceber de que maneira cada estagiário elaborara os seus saberes necessários à docência, que ou quais fatores contribuíram para esse processo e se houve de alguma forma uma identidade própria desenvolvida durante a experiência com o estágio. O que se pretendia era "conseguir perceber sentidos dos textos em diferentes limites de seus pormenores, ainda que compreendendo que um limite final absoluto nunca é atingido" (MORAES, 2003, p.195).

A partir dos trechos das entrevistas já numerados, originados na etapa anterior, levantamos a seguinte questão: Quais representações o estagiário elabora sobre a regência de classe em relação aos professores, aos alunos, ao estágio, ao seu domínio de sala, ao conteúdo e sobre si mesmo como professor?

Responder a essa pergunta não é tarefa fácil, diria até que é quase impossível dar uma resposta satisfatória a uma questão tão complexa e tão subjetiva. Mas empreenderemos esforços para ao menos abrir uma discussão sobre como se tornar professor, um processo tão complexo que envolve mais fatores subjetivos do que comuns a toda uma classe profissional.

Na tentativa de vislumbrar as possíveis respostas a esta pergunta, foram feitas as apresentações dos fragmentos selecionados das entrevistas, no intuito de colocar o leitor em contato com os nossos dados. Foram, ainda, identificadas palavras ou expressões que surgem implícita ou explicitamente nas falas dos estagiários, às quais denominamos significantes[3]. Estes significantes foram obtidos a partir de várias leituras da entrevista onde

[3] Parece-nos importante salientar que a palavra significante aqui apresenta um conceito diferente da psicanálise, podendo ser entendida como um termo ou palavra que expressa, revela, manifesta ou informa de modo sintetizado aquilo que o estagiário estava pensando ou sentindo no momento de sua fala.

pudemos localizar aquilo que mais se destacava da entrevista do estagiário, elegemos então uma palavra, ou seja, um significante para representar o que estava mais explicito nos dados.

Os significantes foram retirados dos trechos das entrevistas, ou seja, das unidades de análise. Para facilitar a visualização dos significantes que aparecem na fala de cada estagiário, organizou-se o quadro 2, que contém os significantes originados da entrevista de cada estagiário.

Quadro 2 - Significantes identificados pelos estagiários que compõem esta pesquisa

	E1	E2	E3	E4	E5	E6
Conduta do professor	▪ Aula mecânica ▪ Indiferente ▪ Não explica ▪ Ausente ▪ Não reconhece os alunos fora da sala	Prof (2A) ▪ Explica bem ▪ Indiferente Prof (2B) ▪ Chama a atenção dos alunos		Prof (4A) ▪ Rotina ▪ Não explica ▪ Única metodologia Prof (4B) ▪ Dinâmica ▪ Bom relacionamento com os alunos ▪ Diálogo / Conversa	▪ Falta de ânimo ▪ Acomodação ▪ Desperdício de tempo	
Conduta dos alunos que afeta o estagiário	▪ Indisciplina ▪ Desatenção ▪ Interesse ▪ Prestavam atenção ▪ Amizade	▪ Interesse ▪ Desinteressados ▪ Falta de respeito ▪ Resistência ▪ Prestavam atenção ▪ Participativos	▪ Participativos ▪ Prestavam atenção	▪ Falta de respeito ▪ Indisciplina ▪ Desinteresse	▪ Interesse ▪ Hierarquia ▪ Falta de responsabilidade ▪ Biologia mais fácil	▪ Indisciplina ▪ Desinteresse ▪ Falta de responsabilidade
Conduta do estagiário	▪ Falta de diálogo ▪ Controle de sala	▪ Reservada ▪ Persistente ▪ Uso de materiais biológicos	▪ Metodologia diversificada ▪ Fixação de conceitos ▪ Brincadeiras ▪ Sabe o nome dos alunos	▪ Não domina a sala ▪ Diálogo / conversa ▪ Aproximação	▪ Linguagem diferente ▪ Fixação de conceitos ▪ Atencioso ▪ Uso de materiais biológicos	▪ Não domina a sala ▪ Conduta semelhante à dos professores observados
Impressões do estagiário	▪ Realização ▪ Aprender mais	▪ Aprendeu ▪ Realização ▪ Gostou ▪ Interesse	▪ Responsabilidade ▪ Experiência ▪ Sentiu-se professor ▪ Insegurança	▪ Aprendeu	▪ Aprendeu ▪ Realização ▪ Gostou	▪ Cansativo

O passo seguinte consistiu em fazer uma análise da entrevistas de cada estagiário.As análises indicam alguns aspectos determinantes nas representações que os estagiários elaboram sobre a experiência com a regência de classe, os saberes elaborados durante este momento e mesmo os fatores pré-profissionais que podem contribuir na construção da identidade docente.

Nossas análises visam buscar na fala do estagiário o que, consciente ou inconsciente, pode estar relacionado à construção do ser professor, seja oriundo da experiência atual ou passada.

1

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

`... na docência se expressam fragmentos de vozes sociais e históricas que os professores fazem suas em um processo dialógico durante o ensino. O diálogo com essas vozes, articulado pelos professores em seu trabalho de ensino, os mostram como sujeitos inteiros, ou seja, duas diversas experiências se articulam na relação com o ensino.''

Ruth Mercado Maldonato

Neste capítulo faremos a apresentação[4] e a análise dos nossos dados em seus aspectos mais relevantes para esta pesquisa. Os dados ou trechos selecionados de nossas entrevistas[5] apontam os elementos subjetivos que compõem a elaboração dos saberes necessários à docência, o envolvimento do estagiário com seus saberes, permitindo que se faça uma leitura dos dados coletados por meio desses elementos.

Como já exposto anteriormente, este trabalho foi norteado por duas vertentes teóricas: os saberes docentes propostos por Tardif e a psicanálise, na vertente lacaniana, na qual se utilizou o conceito de *identifica ao* na construção da identidade docente. Portanto, para que a análise fosse feita de maneira mais compreensível, decidimos dividir a análise dos dados em duas partes. A primeira parte da análise localiza-se neste capítulo, que apresenta a vertente da construção dos saberes docentes dos estagiários.

Consideramos como saber teórico aquele relacionado ao conteúdo, às teorias da educação, às metodologias de ensino e à organização curricular. Poderíamos citar como exemplo saber sobre a metodologia mais adequada, sobre diferenciar as disciplinas da faculdade da realidade escolar, sobre o conteúdo, sobre preparar aulas, curricular sobre o sistema de ensino e também saber sobre outras disciplinas.

O saber fazer pode ser entendido como aquele relacionado ao conteúdo, às teorias da educação, às metodologias de ensino e à organização curricular. Podemos citar como exemplo o saber da experiência, o saber sobre os alunos, sobre controlar a disciplina, sobre fixar conceitos considerados importantes, saber prender a atenção do aluno, chamar a atenção, saber usar materiais biológicos e saber ensinar.

Procuraremos inferir quais estagiários construíram um saber fazer e um saber teórico. Tentaremos uma análise procurando evidenciar a construção dos diferentes saberes que cada estagiário experimentou ou construiu durante o estágio e se houve uma construção da identidade docente.

Na seqüência faremos a análise de nossos dados, na tentativa de identificar a construção inicial da identidade docente dos estagiários que parece ser elaborada a partir de um traço[6] pelo qual o sujeito se constrói professor.

Parece-nos que o saber que permeia essa construção é o saber ser professor que é construído juntamente com a identidade profissional. Poderíamos dizer que este saber é

---

[4] Para esclarecer o sentido da fala ou evitar dúvidas, algumas observações colocadas entre colchetes foram acrescentadas às transcrições.

[5] Para fins de dar maior clareza, as falas transcritas foram parcialmente editadas.

[6] Esse traço, como uma analogia ao traço unário, já referido no capítulo 2.

aquele relacionado aos pontos singulares, às particularidades de cada sujeito, ao jeito de ser e estar de cada um na posição de professor. É aquilo que há de mais pessoal e subjetivo. O saber ser nesta etapa da formação é um processo, está em movimento entre o ser aluno e o ser professor.

Faremos primeiramente a apresentação dos dados e em seguida sua análise.

3.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E1

Com E1 foram realizadas duas entrevistas. A primeira relacionada à etapa de observação de classe e a segunda relacionada à fase de regência de classe. E1 nunca havia estado frente a uma sala de aula na posição de professor, sendo essa sua primeira experiência.

A primeira etapa do estágio, a observação de classe, foi realizada na 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental, no período vespertino, com a Prof (1A). No desenvolver da observação, a estagiária parece não concordar muito com a conduta da professora.

Parece que a Prof (1A) tinha certas atitudes de que E1 discordava e a todo momento referia-se a elas com reprovação. E1 nomeou a atuação da Prof (1A) como "fraca", pois "ela não dominava o conteúdo, e não explicava a matéria". Suas aulas baseavam-se apenas em "leituras e resolução de exercícios". Os pontos negativos apontados por E1 se referem também ao relacionamento que a Prof (1A) mantinha com os seus alunos:

> *E ( ) – Sabe, acho que ela nem saberia reconhecer os alunos fora da sala, assim muito fria, e eu acho que já é meio preocupante entrar, sentar, passar no quadro e dizer assim: 'Responde isso e me entrega daqui a pouco.' Não olhava caderno, não olha se aluno está fazendo, saía, muitas vezes deixava a sala de aula.*

Outro ponto que se destaca na entrevista de E1, no momento da observação, é a falta de atenção dos alunos durante a aula e o excesso de conversa na sala. Conforme se pôde perceber nas falas de E1, essa falta de interesse dos alunos é um ponto que causa preocupação:

> *E ( ) – Os alunos eram rebeldes, era aquela bagunça, o professor falava uma coisa e os alunos falavam duas, três em cima do que ela falava.*

Esse excesso de conversa na sala E1 julga como "falta de domínio do professor" tanto de conteúdo como de disciplina, no entanto isso lhe suscitava um certo temor: "o medo". Medo de "não saber lidar com os alunos" e de "não conseguir interagir com

eles, passar algum conhecimento". A estagiária relata, de acordo com suas convicções, que o professor:

> *E (4) – Tem que se impor dentro da sala, você não pode deixar que o aluno fique acima de você, sempre o professor acima dos alunos. Sabendo também que não pode ser aquele professor, rude, que tudo fala para o aluno calar a boca..., ficar quieto, faz se não eu dou zero, você tem que saber lidar com este tipo de situação. Eu acho que o principal é isso.*

Outro comportamento da Prof (1A) incomodava a estagiária durante as observações de classe: a ausência da professora, que "saía" muito da sala de aula e demorava a voltar e com isso a sala "virava uma bagunça". Além disso, a professora pouco "explicava a matéria", apenas "abria o livro didático que estava trabalhando", faziam a leitura e os exercícios do final do capítulo. Para E1, isso devia ser feito de modo diferente:

> *E (7) – Tem que ler, acompanhar a leitura do aluno, ir explicando e se surgir dúvidas ir tirando.*

Mesmo mostrando-se pouco satisfeita com o que viu, E1 julga "interessante" sua atividade de estágio, pois:

> *E –( ) Deu pra notar como é que é um professor, depende muito a aula do professor, se ele não tem motivação, se ele não tem dominância da aula, do assunto que ele vai trabalhar, não tem como ele fazer uma coisa bem feita. Eu achei que mesmo sendo deste jeito, eu tirei proveito disso, porque deu pra eu ver como que são as coisas.*

Na etapa de regência de classe, E1 se deparou com duas situações distintas, a primeira no Ensino Fundamental, em que se sentiu professora e a segunda, em que dependia da presença da professora regente para ter o controle da turma.

No Ensino Fundamental, E1 trabalhou com a 5ª e 7ª séries. Relatou que as regências nessas turmas foram "muito legais" e que se sentiu "realizada", pois os alunos "prestam atenção" e isso fez com sentisse que foi tudo "muito bom". A estagiária realizou alguns experimentos que parecem ter causado um efeito satisfatório:

> *E –(7) Então, isso que foi o legal, fiquei me sentindo um verdadeiro Einstein, como se eu soubesse tudo, porque as crianças ficaram maravilhadas.*

> *E –(♣) Os alunos ficaram encantados, sabe. Nossa, queria que eu ficasse, falavam assim: 'a professora fica dando aula pra gente, não vai embora não' e eu me sentia.*

Para E1 isso só foi possível porque suas aulas foram bem preparadas, e talvez "no dia-a-dia o professor não consiga fazer isso" devido à grande quantidade de aulas que precisa ministrar. Salientou também que mesmo assim fará esforço para quando tiver sua turma, "ser do jeito que foi na regência". Como ela diz:

> *E –(9) Quero fazer coisas diferentes, mostrar para o aluno onde está o que nós estamos falando. Acho que isso chama a atenção do aluno. Pelo menos foi o que eu percebi na minha aula. Nossa em comparação com o que eu observei no ano passado, minhas aulas dão de dez naquela professora.*

O Prof (1B), das turmas de Ensino Fundamental, "pouco ficava na sala". Ele saía deixando a estagiária sozinha o tempo todo. De modo contrário, a Prof (1C), do Ensino Médio, permanecia "quase o tempo todo na sala" . Isso provocou diferenças fundamentais no comportamento dos alunos. A estagiária relata que foi "difícil" pois "os alunos se comportavam quando a professora estava na sala", já quando a Prof (1C) se ausentava "a sala ficava uma bagunça".

Na tentativa de resolver essa situação, E1 "chamava a atenção, gritava com os alunos, mas eles paravam apenas num momento. Ao começar explicar a matéria, começava a conversa de novo". Isso deixou a estagiária "sem saber o que fazer" e "nervosa", mas tudo se acalmava quando a Prof (1C) retornava à sala.

Tendo de enfrentar estes problemas, E1 relata que sua "realização" como professora foi no Ensino Fundamental, pois lá:

> *E –(3) Eu senti que o meu relacionamento com os alunos foi tranqüilo, eu ia explicando, fazia uma gracinha, eles davam risada, criou assim uma amizade entre a gente. Nas últimas aulas passou a conversar sobre outras coisas além da matéria que eu tinha que dar.*

Frente a isso, E1 acredita que seja necessário "melhorar muito ainda para poder ter controle da sala" e também para "saber relacionar-se melhor com a turma". Acredita, ainda, que talvez tenha faltado um pouco de "diálogo". Como ela diz:

> *E –(3) Bom, de repente minha praia são os menores mesmo, mas eu quero melhorar e poder chegar numa sala com domínio da turma sem ficar dependendo dos outros pra você conseguir transmitir o seu conhecimento.*

3.1.1 Saberes Docentes Construídos por E1

Nesta pesquisa, os saberes e experiências desenvolvidos durante o estágio são fundamentais. Portanto, estar inserido na sala de aula e dominar um conteúdo não é suficiente. É preciso saber estabelecer uma relação, pois o tipo de convivência existente dentro da sala de aula é muito mais importante do que a metodologia utilizada pelo professor. E esse saber é desenvolvido apenas na ação. Tentaremos, neste instante, analisar como E1 construiu esse saber. Vejamos o que ela diz E1:

> *E ( ) – Nossa os alunos queriam que eu ficasse, falavam assim: 'ah professora fica dando aula pra gente, não vai embora não.'*

Pode-se perceber que houve por parte dos alunos, ao menos no Ensino Fundamental, um desejo deque E1 permanecesse como professora da turma. Portanto pode-se inferir que E1 construiu algum saber relacionar-se. Porém, ao dar aulas no Ensino Médio, parece que algo lhe escapa e não consegue manter na prática esse saber:

> *E (3) – Eu chamava a atenção, gritava com eles, mas paravam apenas na hora, eu começava a explicar a matéria de novo e pronto! Começava a conversa de novo, eu fiquei sem saber o que fazer, continuava meio sem saber mais o que estava dizendo, porque ficava nervosa com aquilo, até que a professora voltava e eles davam uma de santinhos.*

Um saber sobre o conteúdo parece ter sido desenvolvido. Percebe-se que E1 dedicou-se à preparação de suas aulas, o que de certa forma parece ter indicado que uma aula bem dada prende a atenção dos alunos:

> E1 (29) – *Mostrar para o aluno onde está o que a gente está falando, acho que isso chama a atenção do aluno. Pelo menos foi o que eu percebi na minha aula. Nossa, em comparação com o que eu observei no ano passado, minhas aulas dão de dez naquela professora.*

Como se pode notar, no trecho acima, E1 descobriu que trazer o conteúdo próximo à realidade do aluno pode fazer com que eles participem mais. Sua dedicação ao preparar as aulas indicam essa preocupação. É possível inferir, que E1 construiu algum saber ensinar. Também podemos concluir, pela fala de E1, que ela possuía um conhecimento: o saber sobre o conteúdo e sabia trabalhá-lo de maneiras diferentes, realizando alguns experimentos durante a aula.

Um saber sobre o uso de materiais biológicos parece ter se desenvolvido durante a experiência com o estágio. Esse saber consiste na habilidade de não apenas tratar o conteúdo teoricamente, mas também saber trabalhar com o próprio objeto em estudo.

> *E (6) – Com os alunos de 5ª a 8ª foi muito gostoso, eles prestando atenção na gente, eu fiz alguns experimentos, sabe, trabalhei o ar na quinta série, então fiz demonstração da existência do oxigênio, do gás carbônico.*

Percebe-se que E1 realizou alguns experimentos no intuito de tornar sua aula mais atrativa, e realmente conseguiu, pois parece que os alunos ficaram encantados com realizações simples. Podemos inferir que a metodologia utilizada por E1 contribuiu para o seu bom relacionamento com a turma.

3.1.2 A Construção da Identidade Docente de E1

A análise dos dados fornecidos por E1 nos permite supor a importância do professor de sala durante a observação de classe. Na maioria das vezes, esse professor é um modelo que o estagiário tem nesse momento da formação. No caso de E1, o professor do momento da observação acaba sendo mais um contra-modelo, ou seja, um exemplo a não ser seguido, que para a nossa estagiária indica aquilo que um professor não deve fazer dentro de sala de aula.

A partir da observação, a estagiária tece considerações sobre o tipo de professor que não quer ser e quais as condutas que não quer ter para si.43.617(b79(a)7.83068(ç)-13.4433(383

quando demonstrou ter exercido completamente sua função, enquanto professora, portanto esses momentos contribuíram para sua formação.

Ainda foi possível notar que, ao ministrar aulas no Ensino Médio, E1 só conseguia exercer o seu papel de professora, quando a Prof (1C) estava presente na sala. Quando ela não estava, o seu papel era destituído. Com a presença da Prof (1C), a situação mudava, ou seja, para E1 o poder ser professora, realmente exercer sua função, dependia da presença da professora regente. Na experiência de E1 parece que algo também faltou na sua relação com os alunos do Ensino Médio, pois ela apenas ocupava o lugar da professora em serviço. Adquirir um saber sobre ser professor é colocar algo de seu, da sua singularidade, e sustentar isso independentemente de qualquer fator que permeie essa relação.

O Estágio Supervisionado é apenas um dos momentos em que se dá a construção do professor. Não se espera que o professor saia dessa experiência totalmente formado, até mesmo porque a identidade docente é construída e reconstruída ao longo de toda a carreira docente.

3.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E2

Com E2 foram realizadas duas entrevistas. A primeira relacionada à etapa de observação de classe e a segunda relacionada à fase de regência de classe. E2 nunca havia estado frente à sala de aula na posição de professor, sendo essa sua primeira experiência.

E2 apontou dúvidas em seguir ou não na profissão docente. Disse que pretende "ser bióloga", no entanto, num primeiro momento, vai "atuar como professora". A escolha do curso superior, Licenciatura em Biologia, parece ter sofrido influência da família, pois seu pai "queria ter uma filha professora", e também de sua formação escolar, em que um gosto pelo ensinar foi despertado, pois diz que:

> *E ( ) – É muito bom nós podermos ver transmitir o conhecimento porque tem aluno que fica parado e o professor lá falando. Acho que é muito gostoso, acho que saber que ele sabe e poder estar ensinando outro.*

A primeira etapa do estágio, as observações de classe, foi realizada no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, com o Prof (2A), e na 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental, com a Prof (2B). No desenvolver da observação, a estagiária pôde perceber algumas diferenças entre os dois professores e também alguns pontos comuns. Segundo ela, ambos explicavam muito

bem o conteúdo, porém apresentavam diferenças quanto à exigência de comportamento dos alunos.

> *E (4) – Ele Prof(A) é assim· dá a aula dele lá, explica super bem, e aqueles alunos na maior bagun a, mas ele não se importa, não pede para os alunos ficarem quietos.*

Parece que o Prof (2A) deixa em E2 a impressão que sabe bem a sua matéria, mas limita-se a dar aulas, não se importando com a participação e atenção dos alunos na sua aula. Parece deixar a aprendizagem sob a responsabilidade dos alunos. Mesmo com a maior bagunça na sala, o Prof (2A) não reage perante tal situação e continua a sua aula:

> *E (7) – Ele Prof(A) não fala muito alto, explica para aqueles alunos que estão prestando aten ão, mas para aqueles que estão fazendo bagun a ele não dá bola, só dá uma olhadinha e deixa.*

Pelo relato de E2 o professor é indiferente com a bagunça na sala de aula. Essa indiferença é a principal característica apontada por E2 em relação ao Prof (2A).

Já a Prof (2B) apresenta atitudes diferentes no que se refere ao comportamento dos alunos e manejo de sala, como podemos perceber neste trecho:

> *E (0) – Ah, é uma professora Prof(B) muito boa, dinâmica, ela dá trabalho em sala, incentiva, busca outros livros na biblioteca, pede para fazer pesquisas durante a aula, toda aula tem tarefa para casa, explica muito bem, ela é o contrário do outro Prof (A) que não chamava aten ão, ela Prof(B) chama muita aten ão, porém nem com todos os alunos ela consegue porque tem alunos que são muito indisciplinados e mas ela é, nossa, muito boa.*

Podemos perceber que a característica explicar também está presente na Prof (2B), mas no aspecto disciplina dos alunos diverge radicalmente, pois a Prof (2B) chama a atenção dos alunos, ou seja, tenta impor disciplina na sala, mesmo que não consiga o controle de sala total. Ao que parece E2 vê nesse aspecto uma atitude positiva. Mas quando E2 faz uma comparação entre os dois professores, veja o que diz:

> *E ([illegible]) – Os dois professores que eu ob (ne)- .[illegible]7 6 (s)-4.6t (qua)- 3 .44[illegible](ndo) 0(d)- 0.[illegible]*

E (6) – Acho que eu vou seguir esse exemplo, do Prof(A) vou ser assim se tiver aluno descontrolando a aula.

Mas também salienta que talvez não consiga ter essa postura, de deixar os alunos à vontade, nesse caso, daí provavelmente, assumiria a postura da Prof (2B):

E (6) – Bom, não sei também se eu vou resistir.

Um outro aspecto importante durante as observações de classe foram os relatos referentes ao comportamento dos alunos. E2 salienta diversas vezes o desinteresse dos alunos, bem como a bagunça em sala de aula:

E (7) – Quando você vê o descontrole dos alunos ... são demais não sei se querem aparecer, se é uma fase, é muita bagun a, muita conversa parece que você não tem o controle.

Ao longo de sua fala, pode-se perceber que este momento de observação parece ser cercado por grande expectativa por parte da estagiária que aguarda ansiosamente pela sua inserção na sala de aula, salientando que sua vontade é "sentir tudo o que um professor sente":

E –(39) Quero sentir de verdade, não simplesmente ver e achar que isso é legal e isso não é.

Toda essa expectativa parece ser acompanhada de insegurança quanto à postura profissional, gerando em E2 um "medo" de "não conseguir controlar" os problemas de indisciplina com os alunos, bem como de saber se vai conseguir ensinar. Porém, mesmo assim, ao que parece, o que quer é inserir-se na sala de aula e "chegar ao sucesso".

Esta angústia que circunda a inserção na profissão, e ao mesmo tempo a vontade de inserir-se nela e alcançar os méritos que deseja, leva a estagiária a julgar inclusive as aulas do curso de graduação, inferindo os temas relevantes que poderiam ser trabalhados na formação, como o "comportamento dos alunos", pois as disciplinas da graduação "passam uma visão muito certa da escola" como se todos os alunos estivessem "prontos para aprender". Como ela diz:

E (39) – Aqui na gradua ão , nas aulas de Didática, Estrutura, Metodologia, tudo parece muito fácil, a metodologia ajuda claro, mas a hora que você vai lá pra prática, acho que a coisa é diferente.

Ao avaliar a experiência com a observação de classe e prestes a iniciar as regências, E2 julga-a como um momento “bom” e que “gostou muito” da “convivência” com o aluno, dizendo que tem um “gosto pelo ensinar”.

Como relatado acima, quando E2 iniciou o estágio, no período de observação, o impacto foi forte, principalmente pelo excesso de conversa e descontrole dos alunos.

Ao iniciar sua regência, parece que E2 também se depara novamente com esse problema no Ensino Médio. Porém, com o passar das aulas, E2 parece ir conquistando os alunos. Já ao relatar aulas no Ensino Fundamental, E2 deixa claro que consegue ter controle da disciplina da sala e, por isso, sente-se “poderosa”, pois afinal “não teve conversa”, na sala, comparando-se com as observações do ano anterior:

> *E (47) – Ano passado eu vi quando fiz a observação, como era o comportamento deles dos alunos e de repente ali eu dando aula foi diferente, é foi melhor comigo estagiária do que com a professora.*

Além disso, E2 julga-se reservada dentro da sala de aula, alguém que busca o controle da turma mantendo-se afastada dos alunos, ocupando apenas o lugar de professor:

> *E (49) – Ah, eu parecia um marechal. Eu sou muito séria, sabe não sou de ficar fazendo brincadeira na sala, estou ali, procuro saber se está sob controle, não sou de me abrir. Eu estudei, fui lá e dei minha aula.*

Para E2, um aspecto importante de suas aulas foi o uso de materiais biológicos. Apesar dos problemas que enfrentou no início, para a estagiária este é o ponto forte de suas aulas, fazendo com que sejam boas, pois assim a Biologia se torna uma matéria mais fácil de se aprender:

> *E (44) – Eu falei sobre os moluscos, levei umas conchas, caramujos e lesmas, pra eles poderem observar sobre o que eu estava falando, é claro que todo mundo conhece, mais eu acho que quando você vai dar uma aula sobre este tipo de assunto, por exemplo, por mais que já se conhe a do que está falando você levar o animal, nossa, parece mais verdade o que você está falando.*

Mas ao ministrar aulas no Ensino Médio, parece que o seu relacionamento com os alunos não foi inicialmente tão amistoso, devido ao modo pelo qual encaminhava suas aulas. Sofreu uma certa rejeição, e os alunos mostravam desinteresse e até mesmo uma certa falta de respeito com a estagiária. Isso parece ter sido fortalecido pela professora da sala:

> *E ( )– Pois você acredita que havia aluno que zoava falando assim: 'O que são esses matos aqui professora?' E caiam na risada. Até a professora entrou na sala neste dia ela, abriu a porta e disse: 'Nossa, que cheiro!'*

Mesmo frente a essas perturbações, E2 foi determinada, não abandonou sua posição de ensinar segundo suas convicções, devido a um pequeno grupo de alunos que lhe deram "forças" para que mantivesse a metodologia que estava utilizando. Acreditava que tinha que usar "material concreto" e usou, mesmo com a resistência e gozação dos alunos no início. Com essa persistência, E2 parece ter conseguido, aos poucos, conquistar os alunos, pois próximo ao término de suas aulas notou que se sobressaiu frente à resistência sofrida inicialmente, uma vez que os alunos chegaram mesmo a solicitar que ela continuasse a dar aulas para eles:

> *E ( ) – No final das minhas regências os alunos já começaram a falar coisas do tipo: 'ah, professora não vai embora, continua dando aula pra gente.*

Isso fez com que E2 pudesse sentir-se "realizada" ao final de suas regências, tendo por meio dessa experiência a oportunidade de "aprender muito", sendo um aprendizado muito "legal".

3.2.1 Saberes Docentes Construídos por E2

A análise dos dados de E2 nos permite supor que sua identidade docente tem raízes a sua história de vida, assim como os saberes que elaborou durante o estágio parece sofrer as influências de suas experiências prévias, bem como dos professores com que realizou o estágio. Outro aspecto importante na constituição do ser professor de E2 é o controle da disciplina em sala de aula.

Ao criar um estilo próprio de docência, poderíamos questionar os saberes que E2 construiu para dar suas aulas. Pela análise e pelos dados fornecidos pela estagiária, poderíamos inferir que E2 construiu os saberes apontados por esta pesquisa.

No contexto escolar, a sala de aula é um espaço privilegiado de construção de saberes, principalmente aqueles concernentes às interações professor aluno. Pode-se assegurar que dominar o conteúdo da matéria a ser ensinada não é suficiente para garantir a aprendizagem. Mas parece-nos que é preciso criar um vínculo com o aluno, é preciso estabelecer um bom relacionamento na relação entre o professor e o aluno. Esse saber

relacionar-se é um saber subjetivo, que não envolve conteúdos e conhecimentos acadêmicos, mas algo pessoal, construído a partir das múltiplas interações que o sujeito tem durante sua vida e que constrói a sua personalidade.

Como já relatado acima E2 teve problemas de relacionamento com a turma, mas, com sua "insistência", parece que ela conseguiu reverter essa situação:

> *E (3) – Aos poucos eu fui sentindo que a galera foi chegando ou eu fui conquistando, e a maioria dos alunos que eu tinha que ignorar, acabaram se interessando e passaram a prestar atenção ... porque os alunos começaram a gostar sabe, aos poucos a sala foi gostando, daí nossa interação ficou muito boa.*

Apesar dos problemas iniciais, E2 foi aos poucos conquistando a turma. Conseguiu estabelecer um laço de amizade, uma relação de respeito mútuo com os alunos, obtendo deles respeito e reconhecimento como professora, pois os alunos que inicialmente não participavam, com o tempo, foram seduzidos pela sua aula, ou por ela mesma. Portanto pode-se inferir que E2 construiu o saber relacionar na prática, dentro da sala de aula, a partir de suas dificuldades com os alunos, mesmo sem o auxílio do professor de sala.

Algum saber ensinar parece também ter sido desenvolvido por E2. Esse saber contempla várias características: o saber transmitir, fixar ou relembrar conceitos, dar atenção individual, fazer correções, saber trabalhar no cotidiano do aluno, usar materiais diversos que estiverem ao alcance, entre tantas outras que poderíamos explorar.

E2 relata que esperava que os alunos fossem atrapalhar o desenvolvimento de sua aula, mas o contrário acontece, e ela pode dar-lhes atenção individual para auxiliá-los a resolver as atividades:

> *E (4) – Esperava que os alunos fossem se aproveitar, eu sou nova ainda, só uma estagiária. Eu os ajudava a resolverem as atividades, porque tem aluno que não sabe procurar no livro, a resposta está ali na cara dele e não acha.*

É possível notar no trecho acima que a estagiária reconhece a sua posição de apenas "uma estagiária", dando a impressão de que, por ser estagiária, não deva ter o mesmo reconhecimento pelos alunos. Também podemos perceber, mais uma vez, a importância dada por E2 ao controle da disciplina. Parece que tudo que pode fazer em sala deve-se ao fato de "não ter conversa" na aula.

Pode-se inferir ainda que ao utilizar materiais do cotidiano do aluno, E2 percebeu que, apesar das dificuldades iniciais, valeu o esforço, pois os alunos acabaram se interessando:

> *E (...) – Pedi pra eles trazerem flores, nossa foi muito boa essa aula, porque daí eles começaram a gostar, sabe, aos poucos a sala foi gostando, daí nossa interação ficou muito boa, sabe, acho que viram que é muito melhor estudar Biologia olhando pra cara do que você está falando do que só no quadro e no livro.*

Podemos considerar que o estágio é um espaço de confirmação das teorias do estagiário, que precedem a prática de ensino, ou seja, é no momento da regência de classe que o futuro professor põe em prática aquilo que julga certo e vê se realmente se confirma como algo que é possível realizar na prática. Enquanto algumas teorias se confirmam, outras são descartadas. Podemos inferir que E2 tem um saber sobre ensinar como também um saber sobre conteúdo, pois, além de saber trabalhar o conteúdo teoricamente, sabe explorar o objeto em estudo, identificando cada um de seus componentes.

> *E (...) – Eu fui explicando cada uma das partes da flor, mostrava no desenho do livro e na planta também, eu pedi que eles pegassem as plantas deles e dissecassem, tirasse cada uma das partes, localizando o suas partes, imagine você vai falar em gineceu, androceu e daí o cara tem que decorar que o androceu é formado pelos estames, que tem o filete e a antera, é difícil. Agora o cara vendo, manuseando, separando as partes, nossa! Mesmo que ele esqueça todos os nomes ele vai se lembrar pelo menos que uma flor é constituída por muitas partes e que cada uma tem sua função.*

Podemos inferir que E2 tem um saber sobre manipular os materiais biológicos em estudo e que o praticou em suas aulas no Ensino Fundamental e Médio. Esse saber parece funcionar como um elemento coadjuvante na construção de sua identidade profissional, pois é no período de estágio que os futuros professores têm a oportunidade de testar as metodologias que dão certo e as que não.

Um saber fundamental nesta pesquisa é o saber ser professor. Ele engloba o estilo que cada um tem de lidar com as situações inesperadas, o comportamento que assume diante dos problemas, a maneira de impor sua autoridade, flexibilidade, o autoconhecimento das situações diárias do contexto escolar. O saber ser professor sobre controlar a disciplina da sala, saber sobre se comportar e agir como professor, em suma, são saberes relacionados aos pontos singulares, às particularidades de cada sujeito, ao jeito de ser e estar na posição de professor.

Durante o tempo em que se deu a coleta e análise dos dados apresentados nesta pesquisa, foi possível perceber o estilo próprio de cada estagiário, o jeito de se posicionar frente à turma e de se comportar. Esse estilo próprio determina o seu saber ser e este saber ser determina a sua identidade como professor, a sua personalidade.

Analisando o caso de E2, pode-se inferir que o estágio foi um momento de construção do seu ser professor e mesmo de superação do medo que demonstrava ter no momento da observação de classe. O processo de E2 foi uma construção efetiva de aprendizagem, pois nota-se que aprendeu a lidar com os alunos, a conquistá-los no dia-a-dia. E2 foi aos poucos conquistando o seu espaço, não desistindo no primeiro obstáculo que lhe apareceu no caminho:

> *E (2) – Eu me senti muito realizada por isso, acho que apesar da insegurança deu tudo certo, conquistei os alunos, aprendi muito também e foi isso, foi legal.*

Do processo de construção dos saberes elaborados por E2, durante o período de regência, pode-se inferir que conseguiu construir um saber-fazer necessário à construção de sua identidade profissional. Além disso, a regência também proporcionou momentos de intensa aprendizagem e superação de medo. E2 demonstrou em suas falas que aprendeu a lidar com assituações imprevistas que lhe apareceram durante o estágio, como a resistência dos alunos em aceitar sua metodologia de trabalho ou talvez em aceitá-la. Mesmo tendo sofrido uma certa rejeição no início, E2 não desistiu e aprendeu a lidar com o problema e conquistar os alunos, pois esses mesmos alunos com o passar do tempo passaram a participar ativamente da aula.

É relevante, ainda, que a imagem que a estagiária constrói a partir de professores constitua elemento a partir do qual possa modelar-se. É importante salientar que a construção dessa identidade profissional tem início na observação de seus antigos professores, na faculdade, na escola em contato com os alunos e na relação de tudo isso consigo mesmo. Enfim, podemos inferir que o processo de vir a ser professor não é algo construído apenas no meio universitário. Sofre também efeitos do meio no qual o sujeito está inserido, e da realidade escolar na qual se encontra. Todos esses aspectos parecem ser determinantes na construção de uma identidade profissional, mostrando que a essa identidade é construída a partir de múltiplos fatores que vão se incorporando à vida e à prática de sala de aula do professor, cujo aprendizado inicia-se muito antes de inserir-se na profissão e só termina ao final da carreira.

3.2.2 A Construção da Identidade Docente de E2

Pode-se inferir que o processo de construção da identidade de E2 tem início ainda na época em que era aluno, a partir da observação de seus próprios professores ou mesmo em seu ambiente familiar. A vontade do pai parece apenas apontar para uma justificativa da escolha da profissão. Em seu depoimento é possível perceber ainda que os momentos em que diz não querer ser professora e sim bióloga parecem apontar como um elemento pouco significativo, pois E2 salienta diversas vezes o seu "gostar de ensinar", de dar aula, até mesmo chega ao final da etapa de observação dizendo: "o que eu quero é chegar lá e sentir tudo o que um professor sente". Por meio dessa frase podemos inferir que E2 tinha dentro de si mesma um gostar de ser professor.

Ao inserir-se na sala de aula e realizar suas observações, a estagiária se depara com várias situações desconfortáveis quanto ao comportamento dos alunos. "A falta de controle", sua principal preocupação, parece ser um traço presente na fala de E2. O seu "medo" é não ter o controle da disciplina e não "conseguir ensinar", ou seja, para E2, para que se consiga ensinar, dar uma boa aula, "ser reconhecida" é preciso ter controle. Esse aspecto aparece nas duas entrevistas. Na primeira surge como uma preocupação e na segunda como um meio de justificar suas aulas como boas ou ruins. Pode-se inferir, portanto, que esse é o principal aspecto, destacado por E2 como fundamental, para ser professor.

Ainda durante a observação, E2 parece encontrar na postura dos professores opções de ações para lidar com tais problemas, dizendo que vai "seguir esse exemplo", relacionado à postura do Prof (2A), quanto ao comportamento dos alunos. A insegurança apresentada por E2, prévia às regências de classe, aponta a sua expectativa e vontade de ser um bom profissional. Parece que, à medida que todo esse "filme" passa em seus pensamentos, E2 vai construindo maneiras de ser na profissão, aprendendo com os alunos e com professores mais experientes. Esse momento de observação também parece construir em E2 um saber sobre os conteúdos trabalhados na faculdade, fazendo inferências de quais temas seriam mais relevantes para sua formação.

Já ao ministrar suas regências, E2 parece desenvolver saberes que apontam para a construção de sua identidade, bem como saberes relacionados ao manejo de sala para conseguir contornar as situações inesperadas que aparecem. Pode-se inferir que E2 constrói-se professor ao longo de sua trajetória como aluna do Ensino Fundamental e Médio, pela sua passagem pelo curso superior e, principalmente, na realização do estágio, em que aprende a

lidar com a complexidade de uma sala de aula e com a individualidade de cada aluno. É nesse momento também que a estagiária constrói os seus primeiros saberes experienciais, ou seja, o seu saber-fazer.

Ao analisarmos os trechos referentes à regência de classe, podemos perceber que, ao dar aulas no Ensino Médio, E2 sofre uma certa rejeição por parte dos alunos. E como E2 lida com isso?

> E2 (51) – ... *Eu ignorava aqueles alunos que não levavam a sério, agia como se eles nem estivessem ali.*

Parece que a postura de E2 para tratar esse problema passa por algum tipo de modelagem, em que se apóia nas ações do Prof (2A), quando "ignora" os alunos que não estão interessados. Como ressaltado no capítulo 2, o estagiário tem nos professores que o cercam um modelo, selecionando o que é bom para a partir daí ir criando o seu próprio jeito de ser na profissão. Poderíamos salientar ainda que E2 não se satisfaz apenas com um grupo de alunos que se atentam a sua aula, pois insiste em seus métodos e aos poucos acaba "conquistando" a maior parte da turma. Podemos inferir que E2 possa ter se modelado nos professores que observou, mas também parece-nos que a partir desse molde criou o seu próprio estilo.

3.3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E3

A vontade de ser professor em E3 parece ter sido despertada após o período escolar, tendo influências de sua participação em grupo religioso. Nesse grupo era preciso que ele falasse em público:

> *E3 (0) – Comecei a ganhar paixão sabe pelo fato de você estar falando e alguém prestar atenção em você. E quando você começa a se apaixonar por tal coisa você quer fazer cada vez melhor, pra conseguir atrair mais pessoas, porque você quer ser admirado e isso é uma prática do ser humano gostar de ser admirado, então aí você vai gostando cada vez mais.*

Então, quando começou a trabalhar numa escola, a conviver com professores, todos com curso superior, decidiu prestar vestibular e cursar uma licenciatura. Disse: "se eles [os professores] têm [curso superior], eu também preciso ter, eu também preciso crescer, eu não posso me contentar com o que eu tenho".

Com o estagiário E3 realizamos uma entrevista ao final da fase de regência. Na época da entrevista, E3 já trabalhava em uma escola, na secretaria, tendo realizado os estágios nessa mesma escola. Disse que já tinha "aquela intimidade" com os alunos, conhecendo todos pelo nome. Apesar disso, o estágio, principalmente a regência, acabou sendo uma experiência nova, porque o estagiário nunca havia estado frente a uma sala de aula de Ensino Médio. Como ele diz:

> *E3 ( ) – "Tinha as mini regências que a gente praticava aqui na faculdade, mas aqui a gente não tinha aquela responsabilidade de estar transmitindo o conhecimento, porque a gente estava simulando, então se eles não entendessem, no caso, eles já sabiam".*

Tendo de enfrentar a responsabilidade "de ensinar pra eles aquilo que o professor teria ensinado se eu não estivesse", sentiu-se cobrado, mas achou "muito legal", porque havia uma expectativa por parte dos alunos.

O estagiário relata que o fato de "usar transparências" e "dar uma aula mais dinâmica" contribuiu para o seu bom desempenho como professor e para prender a atenção dos alunos que estão acostumados "ao professor passar no quadro".

Parece que usar métodos de trabalho diferentes é algo que contribui para a participação na aula e, ainda, como afirma E3, conquista os alunos:

> *E3 (3) – Eles estão ali acostumados só ficar na sala, então você fala que tal um dia vamos fazer um trabalho de campo, mas nós precisamos de tal material então vocês têm que trazer, às vezes eles trazem até sobrando.*

> *E3 ( ) – Nós fizemos vários trabalhos diferentes do que eles estavam acostumados. Então você chega, você quer tentar agradar a sala, aí você inventa um monte de moda e acaba realmente conquistando.*

Para E3, os alunos não causaram nenhum impacto forte, pelo contrário, parece que tudo correu tranqüilamente, e o estagiário pôde ministrar suas aulas sem maiores problemas, com os alunos de certa forma bastante participativos e prestando atenção:

> *E3 (4) – Nas aulas que eu apresentei, eu não tive esse problema reclamação do professor , todos participaram, todos prestaram atenção sabe ficaram assim, a maioria perguntava.*

Saber o nome dos alunos parece ter sido um meio de manter a disciplina na sala e a participação de todos:

> *E3 ( ) – Conhe o todos por nome, então quando chegava dentro da sala tratava cada um por nome e isso era muito bom, na hora de chamar a aten ão ou pedir alguma coisa.*

Outro aspecto que, segundo o estagiário, se destaca em suas aulas é o fato de "fazer [de suas aulas] uma piada", pois acredita que assim

> *E3 (4) – aquele um que, de repente, come a às vezes ficar despercebido, quando ele come a riscar o caderno, você faz uma gra a assim ele nem prestou aten ão no que você falou, aí a sala inteira dá aquela risada e ele levanta apavorado pra saber e aí pergunta: 'o que aconteceu?'*

Relatou que durante as aulas sentiu uma certa "insegurança", com receio de falar algo na hora errada, mas mesmo assim o estagiário avalia o estágio como "uma experiência muito boa". Mesmo ficando "inibido, com medo de estar atropelando alguma coisa" relata que "sentiu-se professor", justificando assim a importância do estágio:

> *E3 (6) – O estágio é a base de tudo, na verdade, não adianta eu sai daqui um doutor na minha matéria se eu não conseguir transmitir. Porque a minha fun ão a de professor vai ser transmitir, e o estágio é que mostra pra você... Então eu acho que o estágio te dá aquela seguran a.*

A construção do ser professor de E3 parece estar ligada à própria construção de suas metodologias de trabalho. É possível perceber ainda algumas influências de sua formação escolar prévia e também de seu meio cultural. Os saberes desenvolvidos durante o estágio estão carregados de suas próprias concepções sobre o ensino e sobre o ser professor.

3.3.1 Saberes Docentes Construídos por E3

Pode-se inferir que E3 construiu um saber relacionar com os alunos, pois, como já mencionado, parece não ter tido problemas com indisciplina e, portanto, pode-se inferir que soube interagir com a turma, construindo o pilar do saber relacionar-se. Observe:

> *E3 (4) – A gente percebe muita reclama ão do professor quando a gente já trabalha em escola... E eu nas aulas que apresentei, eu não tive esse problema, todos participaram, todos prestaram aten ão, sabe, ficaram assim, a maioria perguntava, é lógico tem alguns que ficam, mas você percebe que ele pelo menos não atrapalha o outro.*

Como se viu acima, E3 parece ter mantido uma boa interação com a turma, e acredita que acabou “realmente conquistando” os alunos e isso foi para ele muito gratificante.

Um saber sobre o conteúdo parece entrar em construção. Para E3 esse saber o faz sentir muita responsabilidade, pois, durante a realização das regências, o estagiário é o responsável pelo ensino. Podemos perceber ainda que E5 sente-se um pouco inseguro com a presença do professor na sala, com medo de falar algo errado ou a

> *E3 ( ) – Levei os alunos para o rio, quando trabalhamos questão de mata ciliar. Você está falando e chega lá pra você mostrar pra eles ali: ó essa mata deveria estar até um tal lugar, essa árvore não poderia ter sido cortada, essa pequena valeta que está surgindo aqui vai se tornar numa vo orocd , sabe essas coisas que você fala teoricamente e que o aluno parece não capta, quando ele sente na pele desperta uma aten ão muito grande.*

Podemos inferir, portanto, que E3 desenvolveu vários saberes necessários à docência, como saber utilizar materiais biológicos, relembrar conceitos e interagir. Com seu estilo próprio, conseguiu construir algum saber sobre ser professor. As piadas que utilizava serviam muitas vezes como recurso para despertar nos alunos vontade de aprender, ou mesmo controlar a disciplina, mantendo-os atentos. Em suma, para E3, o estágio foi uma experiência positiva, além da oportunidade de adquirir e desenvolver vários saberes.

3.3.2 A Construção da Identidade Docente de E3

A opção pela carreira docente parece ter sofrido influências do meio cultural no qual o estagiário vivia. A "paixão" por ter pessoas ouvindo-o falar, a convivência na escola com outros professores, a vontade de mudar de vida são fatores que parecem ter interferido na opção pela profissão professor.

O contato freqüente com profissionais do magistério unido à vontade de ter pessoas que escutem o que tem a dizer são dois elementos que levaram E3 à escolha da profissão.

Sua fala deixa entender que ter pessoas prestando atenção em si é algo que busca a todo momento. Ao relatar suas regências, o principal foco de sua fala é a preocupação em manter os alunos prestando atenção no seu discurso, para isso tenta usar diversas metodologias para que essa atenção seja mantida. Pode-se inferir que o ser professor para E3 é estar à frente de um grupo que pare para ouvi-lo e dar-lhe atenção. A construção do ser professor em E3 tem início com o contato freqüente com os profissionais do magistério em seu próprio ambiente de trabalho.

Cabe ressaltar ainda outro momento quando o estagiário refere-se à postura do professor, mas aos professores de sua vida escolar, que também influenciaram sua construção do ser professor:

> *E3 (4) – O que eu percebi, pelo menos no meu aprendizado, que você não pode chegar na frente e só falar. Eu me cansava, quando eu estudava e estudo até hoje, eu acho que o professor que fala muito a gente se cansa bastante.*

Em muitos momentos, a formação escolar anterior à formação do professor é mais forte, julgando algumas atitudes de modo positivo e desaprovando outras. Parece que no caso de E3, o fato de um professor apenas falar na sala é algo que o cansa, não retém sua atenção, sendo portanto um aspecto que provavelmente influenciará na sua postura profissional.

Diante disso pode-se afirmar que o professor tem um papel fundamental no desenvolvimento da formação profissional do estagiário e que todas as suas ações e comportamentos refletem-se nas representações que o estagiário elabora da profissão professor, bem como na construção dos saberes que o estagiário desenvolve nesse período de formação.

Ao ministrar suas regências, E3 parece desenvolver uma metodologia de trabalho que vai ao encontro do que mais admira: busca a atenção das pessoas para si. Ao relatar suas aulas vemos que o estagiário tem uma preocupação com a aprendizagem dos alunos, apresenta até mesmo certa insegurança em relação ao conteúdo a ser ensino, com cautela para não cometer nenhum equívoco. Para realizar uma aula "diferente", que "chame a atenção dos alunos", utiliza-se de metodologias diversificadas, como "trabalho de campo [...] transparências [...] e piadas". Isso parece levar o estagiário a construir o seu jeito de ser professor de acordo com suas convicções e crenças a respeito da profissão, ou seja, de sua relação com os alunos, com o conteúdo e em relação a si mesmo, de como agir, como se reportar aos alunos, em suma , como ser professor.

3.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E4

Com E4 realizamos apenas uma entrevista, mas ele fala separadamente dos dois momentos de seu estágio. No seu caso, as regências correspondem ao primeiro contato com a sala na posição de professor regente, não apenas como estagiário, mas como professor regente mesmo, pois havia pegado algumas aulas no Ensino Fundamental e são essas que fez valer como estágio para a faculdade.

Ao iniciar a entrevista, E4 relata que “pretende sim ser professor”, porém relata também que, ao ingressar no curso, sua intenção, assim como a de E2, era ser “pesquisador”. No decorrer do curso, sua posição vai mudando, pois

> E4 – (1) *A gente come a a ter uma outra visão diferente de quando a gente entrou, e pretendo sim... eu acho que é legal seguir na carreira.*

A primeira etapa do estágio, a observação, foi realizada com duas professoras diferentes: a Prof (4A), de 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental, e a Prof (4B), do 2º e 3º anos do Ensino Médio. No desenvolver da observação, o estagiário pôde perceber diferenças essenciais entre as duas professoras. Segundo ele, as professoras observadas possuíam estilos bem diferentes de docência: enquanto a Prof (4A) ministrava as aulas de forma apática e sem interação com os alunos, a Prof (4B) parecia desenvolver uma aula dinâmica, prazerosa e ter um bom relacionamento com os alunos. Além disso, segundo o seu relato, a Prof (4B) conseguia chamar a atenção do aluno para sua aula, enquanto a Prof (4A) não despertava o interesse dos alunos para a aprendizagem.

> *E4( ) – Eu observava que era sempre da mesma forma· ela Prof(4A) entrava, abria o livro no conteúdo que tinha trabalhado até na última aula daí dificilmente ela explicava conteúdos, dificilmente. Sempre abria o livro e eles faziam leitura em voz alta, ela junto com os alunos todos ao mesmo tempo.*

O estagiário começa apontando para o que a Prof (4A) fazia na sala de aula. Podemos perceber que ele desaprova os procedimentos adotados pela professora, demonstrando uma insatisfação:

> *E4( ) – Eu acho que não é muito certo o professor fazer isso... o professor tem que buscar além daquilo, trazer inovação para a sala de aula, chamar atenção do aluno de uma certa forma.*

No sentido de justificar sua avaliação (negativa) da metodologia empregada pela Prof (4A), o estagiário se reporta à época em que era aluno no Ensino Fundamental e Médio:

> *E4( ) – Porque eu, praticamente no meu estudo de ensino fundamental e ensino médio, não fui embasado dessa forma; foi totalmente diferente.*

Percebemos, portanto, que, na observação de sala, muitas vezes o estagiário efetua comparações entre o professor observado e seus antigos professores, tendo por base sua experiência anterior enquanto aluno. Esse procedimento parece ser fundamental para que o

estagiário consiga vislumbrar o tipo de professor que ele gostaria de ser. Muitas vezes, por não dispor de exemplos positivos, o estagiário acaba conseguindo refletir mais sobre aquilo que ele não quer ser. No caso desse estagiário, entretanto, ele possuía um modelo de professor

> *E4 (33) – Eu acho que a Prof (4A) estreitava tanto os la os entre professor e aluno que estava ali como profissional apenas, para trabalhar. Com ela os alunos não demonstravam assim afeição, aproximação por ela; eles sempre se mostravam restritos. Apenas estava ali para ensinar alguma coisa pra vida, alguma coisa de conteúdo e apenas isso, nada mais. Saindo da porta pra fora acabou, era tudo normal, não tinha mais nada. Eu acho até que se perguntasse pra ela PROF (4A) qual é o nome de um aluno, acho que dificilmente ela saberia.*

Percebemos que para o estagiário a relação entre o professor e o aluno deveria ir além dos papéis previamente definidos pela instituição, parecendo ultrapassar a própria questão do conhecimento em si, conforme podemos ver abaixo:

> *E4(35) – O professor, hoje em dia, não deve se prender apenas a conteúdo, a livro didático. ... Buscar o aluno além do ser humano; ele tem que buscar ali... o indivíduo que está se preparando pra viver.*

Vemos então que, com base nas diferenças atribuídas às Prof (4A) e (4B), o estagiário tece considerações sobre o que é ser professor, sobre o aprendizado e sentimentos do aluno. Tais reflexões parecem implicar em uma escolha sobre um modelo de professor a

E4(7) – Eu senti que quando chegou mais ou menos no meio do ano, lá pra junho, que eu tinha conseguido manter um pouco mais de disciplina, reter um pouco mais de aten ão deles, assim fazer com que eles parassem um pouco pra ouvir o que queria explicar, entende?

Todas essas dificuldades parecem ter sido acompanhadas por grande ansiedade por parte do estagiário. Segundo o seu relato foi apenas quando começou a "conversar" com os alunos que uma aproximação se estabeleceu e que foi possível reter a "atenção" dos alunos para sua aula:

E4(7) – Dar bronca não adiantava, eu gritava mas ninguém estava nem aí, era mesma coisa de nada. Acho que só quando eu comecei a tentar dialogar com eles, alguns come aram a prestar aten ão na minha aula e eu continuei tentando me aproximar deles através de conversas, contava um pouco da minha vida ah, sei lá conversava sobre um pouco de tudo, foi aí que aos poucos fui conseguindo controlar a sala, fazer com que os alunos fizessem menos bagun a e prestassem aten ão.

Essa conquista de E4 foi um momento muito importante, uma "vitória", ao comparar como "era no início", em que não "conseguia fazer com que ninguém me ouvisse", e depois acabar "conquistando a maior parte da turma".

Essa experiência inicial parece apontar, como diz E4, que:

E4(7) – É só o conhecimento da sala, do dia-a-dia é que vai te ajudar.

3.4.1 Saberes Docentes Construídos por E4

O estagiário E4 parece indicar que a formação do professor se remete a sua própria formação. O ser professor para E4 parece depender de um saber existente para construir uma relação que deve existir entre professor e aluno na sala de aula, ou mesmo fora dela. Todo o ser professm

E4(7) – Depois eu acabei conquistando a maior parte da sala, apesar que houve alguns que não tiveram jeito, mas sempre tem em toda sala aqueles que não têm jeito.

Analisando o caso de E4, pode-se inferir que o ponto relevante para ser professor é saber se relacionar com o aluno. Parece que todo o saber ser de E4 está na construção do laço (BACCON, 2005) entre o professor e o aluno. Para ele o saber relacionar está intimamente ligado ao saber ser, ou, em outras palavras, para E4, saber relacionar-se com os alunos é a característica fundamental no ser professor. Não há como ser professor, ou ao menos um professor digno de admiração e respeito, se não souber relacionar-se amigavelmente com os alunos.

Em suma, parece que E4 aprendeu a lidar com essa perturbação, conquistando seus alunos. Suas percepções parecem apontar que aprendeu a construir-se professor com os alunos e na prática de sala de aula. Podemos inferir ainda que todos esses aspectos foram determinantes na construção da identidade docente. No próximo capítulo, faremos uma exploração maior dos dados fornecidos por E4, pois parece-nos que a construção de sua identidade docente vai além dos aspectos conscientes de que falamos até o momento. Parece que há algo mais nessa construção que passa pelos aspectos subjetivos e inconscientes do sujeito.

3.4.2 A Construção da Identidade docente de E4

No caso de E4, assim como no de E2, a construção da identidade docente parece ter início ainda na época de estudante do Ensino Médio, quando um gosto pela Biologia parece ter sido despertado pela professora da época. Ainda outro aspecto entre E2 e E4 são comuns: a inserção no curso de Biologia com o intuito de seguir carreira na área da pesquisa ou como biólogo, ou seja, de início ambos descartavam a possibilidade de seguir carreira docente, mas, durante o curso, parece que as opiniões acabam convergindo para a carreira de professor.

Quando se refere à escolha do curso de Biologia justifica-se dizendo:

E4( ) – Porque eu fiz Ensino Médio, então eu gostava muito da disciplina, eu me via muito dentro da disciplina, eu achava interessante porque... sabe é uma nova forma de você ver o mundo sabe, a vida, ver os fenômenos que acontece no nosso dia a dia mesmo que a gente vê e às vezes passa e nem dá bola e de repente se depara com aquilo ali, vai estudar um pouco mais a fundo e come a a entender, sabe coisas diferentes que enquadre.

Podemos inferir que a escolha do curso de Biologia se deu já a partir de uma identificação não apenas com o conteúdo, mas já com a Professora que ministrava essa disciplina.

Durante a realização da primeira etapa do estágio, a observação de classe, parece reforçar em E4 sua admiração pela antiga professora de Ensino Médio. Isso faz com que ao relatar esse momento de observação tenha uma preferência pela Prof (4B) e uma certa aversão à Prof (4A).

Ao justificar sua preferência pela Prof (4B), o estagiário está levando em conta um aspecto que o marcou ainda na época em que era aluno: a relação que essa professora mantinha com seus alunos. Mediante o que diz o estagiário, parece que sua admiração pela professora conduz ao caminho inicial da escolha da profissão, ou seja, o fato de admirá-la pôde levá-lo à escolha da sua profissão idealizando uma vida profissional como a de alguns de seus antigos professores. Pode-se inferir que o traço que marca E4 quanto a sua preferência por essa professora é a "amizade" que existia entre ela e seus alunos. O que nos parece é que, segundo E4, para ser um bom professor é preciso ter um bom relacionamento com a turma. A interação em sala de aula, com conversas, amizades dentro e fora da sala são características que parecem essenciais na construção do ser professor para E4.

Ao dar suas aulas E4 apresenta dificuldades em construir essa ponte entre si e os alunos. O aspecto que E4 aponta como principal problema em suas aulas é a falta de controle da disciplina. Mas todo esse problema parece ser resolvido a partir de "conversas" com a turma. Segundo o seu relato, a solução de todas as situações inesperadas que vivia no contexto da sala de aula tem uma única solução: a amizade. Segundo o estagiário, "a partir do momento que você cria um laço com o aluno", desenvolve uma amizade, e "amizade é um sinal de bom desenvolvimento de trabalho".

3.5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E5

Com o estagiário E5 realizamos uma entrevista, porém depouco falou sobre suas observações de classe, apenas algumas falas soltas. Deteve-se na maior parte do tempo da entrevista, a falar de suas regências.

Na época da realização da entrevista E5 estava terminando de fazer suas regências. Ao iniciar a entrevista e ser questionado a respeito de sua escolha profissional

como professor de Biologia, E5 relata que isso deve-se por considerar "uma profissão importante" e que gosta, dizendo inclusive que sabe "fazer de uma forma legal". Além disso, sente um "retorno pessoal", pois diz que como professor:

> *E (35) – Você fez parte do que essa pessoa é, do que essa pessoa vai ser e acho que parece importante porque tem uma função primordial acho que intelectual futuramente e pessoal também.*

E5 é um dos poucos estagiários que entrevistamos que relata ter entrado no curso com a intenção de ser professor, justificando que o "jeito de ser, fazer palestras, apresentações com animais, essas coisas para crianças" parece ser mais a sua "cara".

Suas regências foram realizadas no período noturno de um colégio público. Parece que as professoras com quem trabalhou não tinham de disposição para ministrar suas aulas, eram "acomodadas". No intuito de justificar a sua avaliação negativa da professora, o estagiário supõe como faria se estivesse em sua posição:

> *E (47) – Talvez seja melhor pegar exercícios, corrigir e os alunos que não estão conseguindo assimilar o que você está passando, chegar na carteira do aluno e falar não é assim. É possível fazer isso direito. Você explica a teoria de novo pra ele, você pode aproveitar esse tempo.*

Concluindo sua justificativa a respeito da professora, E5 expõe qual a melhor postura a ser tomada:

> *E (47) – Quer dizer coisas que eu acho que não estaria mandando eles fazerem, eu preferia fazer outra atividade levar algumas coisas para os alunos observarem ali ao vivo e a cores.*

É possível perceber que o estagiário avalia as professoras observadas de forma negativa, dizendo que não aproveitam o tempo e mesmo que falta um pouco de ânimo.

Há um outro aspecto importante, segundo o estagiário, em relação ao uso do laboratório, ou mesmo de espécimes ou exemplares do objeto em estudo. O colégio dispõe de um laboratório rico, mas os professores mal o conhecem:

> *E (30) – Pelo o que eu percebi a professora não tinha levado os alunos lá no laboratório, não havia tirado material, porque eu perguntei onde estavam as coisas ela não sabia. Eu, um mês que estava ali dentro, mexi mais que ela.*

O estagiário aponta, como causa dessa a*comodação*, o fato de se tratar de um colégio público, já que o professor não é mandado embora. Se fosse professor de escola particular e mantivesse posturas inadequadas, provavelmente seria demitido:

E5 (30) – Falta um pouco de força de vontade, ainda já é contratado não vai ser mandado embora, é fácil. Talvez a mesma professora se estivesse dando aula em colégio particular seria muito mais agilizada que na pública, que lá o cargo está a prêmio.

Ao falar sobre a realização das regências, E5 chama a atenção para a hierarquia na sala de aula, como se os alunos a desconhecessem, ou não a respeitassem. Podemos perceber também que para E5 o controle da disciplina na sala é um fator fundamental para a sua atuação:

E5 (3) – Os alunos não estão ali para ser meus amigos, estão ali para aprender e eu sou o professor. Às vezes parece que eles os alunos esqueciam disso que apesar de a gente ser jovem e respeitá-los como nós, parecia que eles esqueciam que ali existia uma relação professor aluno, eles esqueciam disso.

E5 também chama a atenção para a falta de responsabilidade dos alunos:

E5 (0) – Eles não foram bem na prova... e eles não estão nem aí, eles não estão nem um pouco preocupados se vão passar ou não vão como é que está a nota deles e a recuperação.

Em relação ao seu relacionamento com os alunos, E5 apresenta uma diferença entre os alunos do Ensino Médio e do Fundamental:

E5 (5) – No ginásio isso a relação com o aluno é até melhor porque houve alguns dias que no intervalo tinha alunos que não queriam nem sair da sala de aula, eles queriam ficar conversando com a gente.

Percebe-se que o aluno também participa ativamente do processo de formação do professor e que seus comportamentos refletem-se na construção dos saberes do estagiário. Além de um bom relacionamento com os alunos, E5 parece também ter muita habilidade em transmitir o conteúdo de forma compreensível:

E5 (7) – Uma aluna comentou: então você passa as coisas de uma forma tão clara pra gente que pô!

O saber relacionado ao conteúdo da matéria também é um ponto fundamental na atuação do professor. Nas falas acima podemos inferir que os alunos estavam gostando de suas aulas, demonstrando interesse, devido à sua maneira de explicar, por dar atendimento individual ou mesmo pelo conhecimento que o estagiário demonstrava ter:

E5 (6) – Houve alunos que eu percebi que eram bem bagunceiros na época da professora, se interessaram na minha matéria, por quê? Porque não me

preocupei em só chegar e dar o conteúdo, teve alguns, que estavam sentados ali na frente perguntaram alguma coisa fui lá e dei atenção pra essa pessoa.

Tendo a responsabilidade de dar aula, E5 parece possuir características que faz com que se destaque em relação ao professor regente. Como, por exemplo: a "linguagem diferente" que tinha com os alunos por também ser jovem como eles; a fixação de conceitos, como um fator importante na aprendizagem; ser "atencioso", pois sempre procurava atender individualmente cada aluno e corrigir inclusive os erros de português; o uso de materiais biológicos como elemento que facilite a aprendizagem dos alunos, proporcionando uma boa aula.Observam-se esses elementos nos trechos abaixo:

E5) – Nós somos mais novos, é uma linguagem diferente, o modo de se vestir diferente, uma for a de vontade talvez não que seja maior mas às vezes acaba se destacando.

O fato de E5 ser atencioso aparece como um destaque do estilo do estagiário, que ajuda a tornar o seu ensino claro e significativo. Também acaba proporcionando uma melhor interação:

E5 6) – O pessoal come ou no intervalo a não sair no intervalo queria ficar discutindo coisa assim... assuntos da matéria

Um outro aspecto significativo que destaca E5 é o fato de fixar conceitos, sempre os relembrando quando necessário. Afirma ainda que isso ajuda na aprendizagem do aluno:

E5 4) – Eu tentei fazer da forma mais básica possível, tentar passar pra eles alguns conceitos, dava conceito toda santa aula,... de conceitos que se repetem todos os filos ...toda aula que eu estava come ando falava esse filo essa característica pertence ao filo triblástico tal, eu fiz isso desde o come o até a última aula.

Ainda aparece como fator importante nas suas aulas o uso de materiais biológicos que enriqueciam e facilitavam o aprendizado dos alunos:

E5 6) – Mas eles se interessavam, eu mostrava algumas coisas pra eles, então fazia algo diferente levava coisas pra eles observarem. As aulas que eu fiz eu levei um monte de exemplar, levei no laboratório deles e levei pra eles verem então é uma coisa você falar o que é um piolho de cobra, ninguém sabe o que é isso, você pega lá e leva ó isso aqui você já viu outro dia, você vai ver na rua de novo e vai lembrar que é piolho de cobra.

O estagiário afirma que o estágio foi um momento de praticar coisas pequenas tais como que palavras usar ou mesmo qual postura tomar em sala de aula. Ao mesmo tempo que "foi super legal", se pudesse estaria "fazendo mais, faria". E5 afirma ter gostado do estágio, principalmente por estar participando da aprendizagem do aluno, por ter parte da responsabilidade desta aprendizagem, fato que o deixa muito sensibilizado:

> *E 5 (3) – Para mim foi emocionante, saía das aulas, às vezes emocionado, comovido com aquilo. Pra mim foi uma coisa tão simples, um conhecimento que eu tenho que eu passei para uma pessoa... então o aprendizado, a transmissão de conhecimento de diferentes formas que pra mim já me realizam.*

3.5.1 Saberes Docentes Construídos por E5

Os dados do estagiário E5 parecem apontar para um professor que se constrói amparado pelo conteúdo da disciplina. Sua principal motivação para ser professor se dá no ensino dos conteúdos da Biologia. Assim como os demais estagiários desta pesquisa, E5 também aponta para a sua formação anterior como coadjuvante nesse processo de tornar-se professor.

Podemos inferir que E5 tem um estilo próprio de docência e que desenvolveu autonomia durante suas aulas, bem como cuidou para desenvolver bem os conteúdos trabalhados.

Os saberes construídos por E5 são bastante diversos. Aparentemente seu jeito de ser, de intervir e de lidar com as situações singulares da sala de aula parecem ter ocorrido naturalmente. Apesar dos problemas enfrentados, o estagiário demonstra saber como intervir e demonstra que cada coisa tem o seu tempo:

> *E 5 (4) – Chegou uma hora que eu chamei a atenção, bati na mesa falei e o cara não parou. Mandei parar, puxar a carteira para um lado, falei 'oh, galera eu estou aqui porque eu gosto, estou aqui com muito respeito em relação a vocês... E foi aquele silêncio alguns alunos ficavam até com cara meio até de constrangidos.*

E5 também parece manter uma boa interação com seus alunos, pois estes pedem para que não deixe as aulas:

E5 ( ) – Os alunos reclamam da professora na frente dela, falam ˙ porque você não dá aula pra nós o ano inteiro, estamos cansado dessa professora.'

Como se viu nos fragmentos acima, E5 parece ter conseguido construir um saber sobre o relacionamento com os alunos, de modo a conquistá-los, bem como um saber referente à maneira de intervir quando alguns imprevistos aconteciam.

Para E5, o seu saber ensinar fica evidente pela posição em que o aluno põe o estagiário: como alguém que sabe ensinar de forma compreensível. Podemos inferir que E5 possuía algum saber ensinar, pois, além de "passar as coisas de forma clara", também se preocupava em corrigir alguns erros de ortografia, ou seja, não se limitava a ensinar apenas sua matéria, mas cuidava para ensinar tudo o que precisasse e estivesse ao seu alcance:

E5 ( ) – Houve alunos, inclusive na prova, cada erro de português, eu corrigi os erros de português da prova também porque... não sabiam diferenciar onde colocar o U ou o L ou então coisas básicas que tinham que arrumar, porque eles não sabiam escrever direito mesmo.

E5 também preocupava-se com alguns conceitos importantes de sua matéria, demonstrando uma certa preocupação com a aprendizagem dos alunos, pois relembrava-os sempre:

E5 (4) – Os conceitos que se repetem todos os filos como triblásticos, simetria lateral, toda aula que eu estava come ando falava˙ ˙ esse filo tem essa característica, eu fiz isso desde o come o, na última aula, eu falava porque eu achava que era importante, que é uma coisa que faz fixar... eu estava tentando fazer isso direito lembrando puxando assunto tri..o que é? É três...

Além disso o seu saber ensinar também está ligado à maneira como conduz uma discussão com a turma, isto é, aproximando-se de seu cotidiano:

E5 (6) –Eu lembro que foi legal, eu estava dando aula sobre sistema respiratório e sistema circulatório. No sistema respiratório eu peguei na questão do cigarro que foi o que mais tiveram interesse. Eu perguntei˙ ˙ quem fuma aqui?' ... O pessoal ficou meio assim tal ... Aí come ou aparecer um outro falando˙ ˙ oh eu fumo, a eu fumo faz dois anos', ˙ fala sério você fuma há dois anos.' Come ou rolar uma conversa mais legal.

Um outro ponto do saber ensinar que parece ser importante para o estagiário é o saber utilizar material concreto nas aulas. Ele acreditava que usando materiais biológicos ou espécimes, no seu caso de animais, pois trabalhou vários Filos de Zoologia, suas aulas se tornavam mais ricas e atrativas. Veja o que E5 relata a respeito, demonstrando a importância para a aprendizagem do aluno e justificando sua metodologia:

E5 (30) – Enriquece, eu acho que isso é uma das melhores coisas que se possa estar fazendo. Você pode dar os filos e trabalhar o Reino Animalia inteirinho mostrando exemplos que tudo você tem... Peguei um crustáceo, eu levei tênia, lombriga pra eles verem porque isso é normal. Teve aluno que levantou a mão e disse: 'ah, eu tive isso'. Então quer dizer ele mesmo teve, mas não sabia o que era, então você mostrando você diz foi isso que você teve. Eu tirei do frasco, mostrei pra ele tudo mais...

Parece que a sua maneira de dar aulas, ou a sua pessoa, realmente conquista os alunos, pois afirmaram querer que E5 continuasse dando aula, porque ficou mais fácil aprender a matéria. Podemos inferir que E5 construiu um saber sobre a utilização de materiais biológicos, e isso contribuiu para seu relacionamento com os alunos, fazendo inclusive com que se destacasse em relação ao professor da sala.

O estagiário demonstra ter noção das dificuldades em aprender Biologia, mas podemos inferir que sabe como lidar com essas complexidades, selecionando apenas o que é relevante para a aprendizagem do aluno no nível de ensino em que se encontra:

E5 (6) – Biologia não é uma disciplina fácil pela questão dos nomes os alunos perguntavam assim: 'como é que você consegue estudar tudo isso?' Eu falei: 'é vocês imaginam como que é ter que passar pra vocês, o que eu passo é um vinte avos do que a gente tem que estudar em termos de nome,' Porque a gente quase não passa nome científico pra eles, passo de forma simplificada.

O seu saber sobre o conteúdo é reconhecido por alguns alunos, vejamos:

E5 (6) – Teve um aluno que veio falar pra mim: 'como pode você está dando aula e ser aluno ainda e saber tanta coisa e tem professor que está aqui e a gente pergunta as coisas eles não sabem?'

Parece que até os alunos perceberam que o estagiário tinha conhecimento dos conteúdos de Biologia superior inclusive a de seus professores. Podemos inferir que E5 possui um saber sobre o conteúdo, e esse saber provavelmente o auxiliará muito na sua caminhada de construção da identidade docente, pois saber o conteúdo não é suficiente para ser um bom professor, mas com certeza é um quesito fundamental.

E5 parece ter ainda um saber curricular, ou seja, um saber sobre quais conteúdos devem ser estudados e em que ordem devem ser tratados durante o ano letivo. Esse saber foi apresentado apenas por E5. Sua entrevista aponta uma preocupação com a ordem dos conteúdos e se todos os conteúdos estão sendo estudados, pois, segundo o seu relato, o professor não se importa muito em seguir a ordem curricular, ou mesmo preocupar-se em que

todos os alunos aprendam todos os conteúdos da série em que estão para que no ano seguinte não estejam sem pré-requisitos:

> *E5 ( ) – Eles os professores não têm a preocupação de estar as duas turmas iguais, não acabar o ano meio que todo mundo num mesmo conteúdo, ou passar o conteúdo que está no plano anual como vai ser desenvolvido esse trabalho no ano durante o ano, eles não têm essa preocupação. O pessoal vai sair do segundo ou terceiro colegial faltando*

Parece que E5 também percebeu que estar no dia-a-dia da sala de aula pode provocar diferenças no comportamento dos alunos, sendo necessário mudar também o seu jeito de intervir no controle de disciplina da turma:

> *E5 ( ) – Os alunos só me desrespeitaram no momento que eu trabalhei durante dez, vinte aulas quase com eles, come avam conversar, de uma forma que eles não conversavam antes anteriormente.*

Esse ponto parece apontar para uma visão diferente do professor regente, pois, no mom2551( )-5.31 do4.61789( )tbe 0381(nt)1.40381(e)-2a809(c)-13.44551(e)-2.3.4459(s)6.0204(t)-9.

a provocpr

3.5.2 A Construção da Identidade Docente de E5

A construção da identidade docente de E5 apóia-se no conteúdo da disciplina, na Biologia. O seu "jeito de ser" parece ancorar-se no conhecimento da Biologia, que dá a impressão de ser um mundo que o fascina e encanta. Provavelmente esse "gosto" foi despertado ainda na época em que era aluno. Não podemos deixar de lado a maneira de E5 relacionar-se com a turma, de interagir com ela, ou mesmo de chamar a atenção, quando necessário, mas tudo aponta o conteúdo da matéria, o conhecimento em si como o traço da construção do seu ser professor. Pode-se notar isso em vários trechos de sua entrevista, em que, ao relatar suas aulas, o ponto forte é a maneira como trabalha o conteúdo, usando exemplares, ou ainda, o fato de fixar alguns conceitos que julga importantes na formação do aluno. Um outro aspecto que preocupa o estagiário é a "falta de conteúdo" dos alunos, pois os professores parecem não se preocupar muito com a ordem em que são trabalhados ou mesmo se todas as turmas vêem todos os conteúdos.

No que concerne a sua formação escolar anterior, parece que E5 pôde perceber diferenças em seus professores, chegando a dizer que não concordava com algumas metodologias de seus professores, como pedir para fazer "desenhos". Ao trocar de colégio, analisa a maneira diferente de ensino que cada um oferece:

> *E5 (30) – A escola está entre as melhores só se for de estrutura porque em relação de ensino é uma porcaria quando eu estudava no (nome do colégio), era uma escola pequena, mas era muito mais forte o ensino ... é que lá eles estavam preocupados com a formação do aluno no primeiro, segundo e terceiro colegial.*

Isso nos indica que a formação anterior sempre acaba deixando marcas no indivíduo e ainda influenciando nas ações futuras como professor ou mesmo determinando sua escolha profissional. No caso de E5, sua "vontade mesmo era Biologia", mas devido à parte "financeira", acabou prestando vestibular para "odontologia" e desistindo:

> *E5 (33) – Mas até foi bom se não eu ia começar fazer e provavelmente não tinha continuado, não era minha praia mesmo. O que é com certeza o curso que eu tinha escolhido, fora que já me trazia a possibilidade de dar aula, Mas eu acho que Biologia é mais a minha cara, mais o que eu estava procurando.*

Pelo fragmento acima podemos inferir, mesmo com a dúvida apresentada entre o curso de Odontologia e o de Biologia, que o estagiário acaba escolhendo um caminho,

e esse caminho carrega, provavelmente, influências do meio em que viveu até esse momento ou mesmo uma imagem idealizada de si na figura de um professor.

Ao dizer que sente "um retorno pessoal" ao ensinar o que sabe a alguém, esse gostar parece ser muito mais de saber Biologia e compartilhar isso com alguém, do que realmente o quanto essa pessoa irá aprender. Pode-se inferir que E5 constrói-se como professor durante toda uma aquisição de saberes relacionados à Biologia e ao ter a oportunidade de transmitir isso.

As observações dos professores parecem ter sido importantes no aspecto de mostrar algumas atitudes que os professores praticam ou mesmo que não praticam. Esse aspecto tem importância num momento de avaliação do que é bom ou ruim, em que o estagiário seleciona o que faria naquela posição. No seu caso E5 pôde utilizar-se de metodologias que acreditava serem melhores para a aprendizagem dos alunos, julgando-as como positivas em relação às das professoras observadas, ou mesmo de seus antigos professores.

Outro aspecto relevante na caminhada de E5 parece ser a menção que faz ao comportamento dos alunos a partir do momento em que realizou várias aulas. Podemos inferir que pôde perceber a diferença no comportamento dos alunos no início e ao final das regências, em que os alunos começaram a dar problemas com a indisciplina. Este aspecto parece indicar que as críticas apontadas, muitas vezes, ao professor da sala, como o responsável pelo caos no comportamento dos alunos, pode ser um aspecto relativo. Pois a presença do estagiário por várias aulas seguidas acaba conduzindo a um mesmo caminho.

Podemos inferir que a construção da identidade de E5, assim como dos demais estagiários aqui apresentados, é um processo que se iniciou durante sua formação ainda como aluno do Ensino Fundamental, continuou na Faculdade, onde tece considerações sobre os modelos de professores que devem ou não ser tomados como modelos, como se pode perceber no trecho a seguir:

> *E5 (♣) – Vi outros professores da faculdade que tinham, dão aula com muito gosto, preparam aula com muito gosto, se dedicam a isso, e isso que alegra você.*

Em suma, parece que a construção da identidade do professor, sofre influências dos mais variados ambientes em que o sujeito possa estar.

3.6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE E6

Com a estagiária E6 realizamos apenas uma entrevista. Ela fez as regências passando por todas as séries do Ensino Médio e Ensino Fundamental, 3º e 4º ciclos. Na época da entrevista a estagiária havia terminado recentemente as atividades de estágio.

E6 aponta a escolha do curso de Biologia e da profissão devido a uma antiga professora de Ensino Médio, como ela diz:

> *E6(3) – Porque eu quando tive aula no Ensino Médio, que eu escolhi fazer Biologia foi por causa da minha professora. Ela sempre deu aula muito bem dada e todos os alunos tinham verdadeira admira ão por ela. Porque ela sabia a matéria, não deixava a matéria cansativa, mas ao mesmo tempo não dormia no ponto.*

Essa professora parece ainda servir de possível modelo para E6, quando ingressar na carreira docente:

> *E6(3) – Eu vou tentar ser assim também, pra que eles os alunos tenham interesse em assistir minha aula.*

E6 relata que durante as suas aulas tudo aquilo que não gostava que os professores fizessem ela procurou não fazer. Cita, como exemplo, que não gostava de "um professor que anda muito devagar, não com a matéria em si, mas uma aula parada, desmotivada". Aponta que talvez isso tenha sido um "ponto negativo" de suas aulas.

> *E6 –( ) Às vezes os alunos,como não me conheciam, tinham vergonha de me perguntar alguma coisa, se queria perguntar também não deu tempo, porque eu disparei e fui indo.*

Na preparação das aulas, "não ficou inventando muito", usou retroprojetor e o quadro negro enquanto "ia explicando e sanando as dúvidas dos alunos".

Outro aspecto a ser destacado da entrevista de E6 é sua posição em relação ao estágio: uma atividade que "não tem função nenhuma", que "contribui muito pouco". Relata ser tudo muito burocrático, com muitas fichas e relatórios para preencher, além de queixar-se que o número de horas de observação e regência é muito.

O único aspecto do estágio que parece ser importante é a observação de classe. Relata que:

E6 – (9) Na observa ão a gente aprende, aprende sim porque é observando os professores que dão aula no Ensino Fundamental e Ensino Médio que a gente aprende.

E6 –(3 4) Um dos pontos da observa ão é para quê? Para quando for dar a regência fazer o quê? Desenvolver mais fácil, não é? Então, o que eu fui fazer foi isso.

Nas suas aulas E6 "fazia igualzinho" aos professores que observou.Vejamos como:

E6 – (3) Chegava, geralmente cada aluno lia um trecho do livro do capítulo que ia ser estudado aquele dia e depois explicava, lia mais um trecho e explicava, lia mais um trecho e explicava. Eu achei bacana isso, porque eu achei assim que houve até uma participa ão legal dos alunos, ficou mais fácil pra compreender, porque em vez de compreender tudo de uma vez só, lê e depois jogar aquele monte de informa ão, não ela aos poucos foi jogando e eles foram absorvendo o conteúdo. Que eu achei bacana dela foi isso. Tarefa também, quando ela dava tarefa ela corrigia no outro dia, na próxima aula ela sempre corrigia a tarefa, ela nunca deixava de corrigir.

3.6.1 Saberes Docentes Construídos por E6

Pela análise dos dados fornecidos por E6, podemos inferir que o momento de estágio não serviu como uma etapa de efetiva aprendizagem da profissão. Suas queixas apontam o estágio mais como uma disciplina obrigatória a ser cumprida, e cheia de atividades burocráticas para ser feita. Essa parece ser a única estagiária desta pesquisa a não ver o estágio como um momento de aprendizagem.

Sua fala nos permite afirmar que construiu apenas algum saber sobre o conteúdo, ou seja, apenas um saber teórico. Os demais saberes apontados por esta pesquisa, como o saber ser e o saber fazer, parecem estar ainda imaturos em E6.

3.6.2 A Construção da Identidade Docente de E6

Falar em construção da identidade docente de E6 nos permite supor mais uma vez que ela tem raízes em sua formação escolar anterior, na observação de seus antigos professores.

Durante a sua passagem pela formação superior e realização das observações de classe, tem nos professores que observou um modelo que segue conscientemente, ou seja, E6 toma como modelo de trabalho condutas dos professores com quem realizou as observações de modo que no momento da regência parece manter em sala ações semelhantes, sem criar um estilo próprio de docência.

Chega mesmo a desistir de dar aula em uma turma de oitava série, por não conseguir controlar a turma.

Poderíamos supor que a identidade docente de E6 é um processo que necessitará de um investimento maior por parte da estagiária na carreira docente, pois é preciso que molde o seu estilo de professor de acordo com suas convicções pessoais, deixando de apenas "imitar" um outro professor.

3.7 SÍNTESE DAS ANÁLISES APRESENTADAS

Para resumir tudo o que falamos a respeito dos saberes dos estagiários, ou melhor, os saberes que cada um construiu durante a realização da regência, será apresentado um quadro com os tipos de saberes que cada estagiário demonstrou ter adquirido.

Quadro 3– Saberes elaborados pelos estagiários inferidos a partir dos dados

Tipos de saberes	**E1**	**E2**	**E3**	**E4**	**E5**	**E6**
Saber relacionar	X	X	X	X	X	-
Saber ensinar	X	X	X	-	X	-
Saber sobre o conteúdo	X	X	X	-	X	-
Saber curricular	-	-	-	-	X	-
Saber utilizar materiais biológicos	X	X	X	-	X	-
Saber sobre a metodologia mais adequada	X	X	X	X	X	-
Saber diferenciar as disciplinas da faculdade da realidade escolar	-	X	-	-	-	-
Saber preparar aulas	X	X	X-	-	X	-
Saber sobre o sistema	-	-	X	-	X	-
Saber sobre outras disciplinas	-	-	-	-	X	-
Saber chamar a atenção do aluno	X	X	X	X	X	-
Saber fixar conceitos	-	-	X	-	X	-
Saber sobre os alunos	-	X	-	X	-	-

Para concluir a análise deste capítulo, pode-se fazer a seguinte reflexão: se os estagiários iniciaram o estágio partindo do mesmo ponto, cheios de expectativas, ideais, desejos, sonhos, tiveram os mesmos professores durante todos os anos da graduação etc, o que determina que essa experiência seja positiva ou não? A partir das análises apresentadas, pôde-se perceber que cada estagiário reagiu de maneira diferente diante das perturbações que surgiram no contexto da sala de aula, ou seja, alguns conseguiram lidar com elas, outros não.

Pode-se inferir, então, que depende exclusivamente da própria pessoa sua construção como professor, neste caso, de cada estagiário.

1

A IDENTIDADE PROFISSIONAL E A RELAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

` Que a psicanálise nos fa a compreender enfim, que é no dom da palavra que reside toda a realidade dos seus efeitos; porque é pela via desse dom que toda realidade veio ao homem e é pelo seu ato continuado que a mantém.''

Jacques Lacan

Nestas considerações acerca da construção da identidade docente, há alguns elementos em nossos dados que parecem escapar à nossa compreensão, elementos que outras teorias talvez possam responder. Nossos dados parecem apontar para uma possível analogia com a compreensão psicanalítica da questão da constituição do sujeito, por isso, apresentaremos a seguir alguns conceitos psicanalíticos na tentativa de ver como a psicanálise entende a compreensão desses elementos.

Primeiramente, trataremos do estádio do espelho um momento de constituição fundamental na teoria de Lacan, no intuito de indicar a exterioridade com a qual o sujeito é constituído, o que abre caminho para ocorrerem as identificações. Na seqüência, exploraremos a teoria da identificação, primeiro na visão freudiana, em seguida na visão lacaniana.

Queremos deixar claro que não estamos psicanalisando os estagiários que forneceram os dados para esta pesquisa. Estamos apenas nos inspirando na psicanálise, na maneira como ela entende a constituição do sujeito, e experimentando a utilização de conceitos como *identifica ão* no campo da educação de uma forma análoga. Provavelmente, ao serem utilizados dessa forma, em um outro campo, o conceito também sofra deslocamento de sentido. Em outras palavras, o que definimos e usamos como *identifica ão* nesta dissertação não é necessariamente o mesmo conceito da psicanálise, embora apresente forte semelhança.

O que estamos admitindo hipoteticamente é uma outra maneira de ver, de analisar como se dá a construção da identidade docente por meio da relação de *identifica ão*.

4.1 IDENTIFICAÇÃO

A identificação em psicanálise pode ser definida como "o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam" (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.363).

Nasio (1989, p.99) procura esclarecer as diferenças entre o conceito psicanalítico e as idéias do senso comum sobre a identificação. Por exemplo, na psico-sociologia a identificação é o esquema em que uma pessoa A adota traços de (ou identifica-se

com) uma outra pessoa B, sendo tanto A quanto B dois indivíduos distintos. Entretanto na psicanálise o conceito de identificação é muito diferente, pois, em primeiro lugar, trata-se de um fenômeno inconsciente e, em segundo lugar, ocorre no espaço psíquico (na "mente") de uma mesma pessoa. A identificação é perceptível indiretamente, ou seja, o sujeito não tem consciência de sua identificação com as pessoas que o cercam, é algo que está além, está no inconsciente do sujeito.

Podemos perceber que o senso comum e a psicanálise apresentam definições distintas para o conceito de identificação. Dentro da própria teoria psicanalítica existem diferenças: a elaboração do conceito por Freud e, a explanação e aprofundamento dado por Lacan. Cada qual em seu tempo explora o conceito, tentando responder aos problemas com que se defrontam. Não se trata de um ser o correto enquanto o outro errado; pelo contrário, ambos se complementam, respondendo a inquietações distintas, sendo, portanto, ambos dignos de nossa consideração. Apresentaremos, assim, uma explanação do conceito de identificação na visão freudiana e, posteriormente, na visão lacaniana.

4.1.1 A Identificação em Freud

Para Freud, a identificação é um fenômeno que ocorre no inconsciente de uma mesma pessoa, onde duas de suas instâncias psíquicas, o *eu* e o *objeto* (isto é o outro)[7], estabelecem uma relação. Freud, portanto, "propõe o nome identificação para qualificar a relação de intricação entre duas estâncias inconscientes – o eu e o objeto" (Nasio, 1989, p.101), em que o eu se transforma em um aspecto do objeto.

Caminhando nesse sentido, numa relação de identificação, o eu "esforça-se por moldar o próprio ego segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo" (FREUD, 1921). Podemos inferir que no estabelecimento dessa relação um dos sujeitos passa a apresentar características do outro. Por esse mecanismo, o eu tenta tornar-se como o seu semelhante que foi tomado como modelo. Estas características não compreendem o conjunto que forma o sujeito mas apenas 'um traço' do objeto, o chamado traço unário: "*einziger Zung*". Podemos dizer que a identificação é parcial, limitada a apenas um traço daquele que foi tomado como modelo.

[7] Para Freud, entretanto, o objeto não é "a pessoa do outro", mas a "representação psíquica inconsciente desse outro" (NASIO, 1997, p.102).

O que parece é que o eu admira algo no outro e quer para si a mesma admiração; inconscientemente, então, assume para si o traço que aprecia no outro, ou seja, "ama-se aquele que se gostaria de ser" (CHEMAMA, 2002, p.66). É como se as qualidades das pessoas que estão próximas ou admiramos se tornassem parte de nós mesmos. A personalidade de todos é bastante influenciada pelas pessoas importantes com quem nos identificamos ao longo da vida, sobretudo nos primeiros anos de vida.

Podemos inferir que o conceito de identificação fornece, na obra de Freud, subsídios para se pensar a exterioridade com que se forma o eu, a falta de um reconhecimento de si próprio, posto que o processo de identificação é necessário para que o sujeito se constitua já que ele ainda não 'existe'. A identificação tem o seu maior valor não como um processo de constituição de uma identidade, mas justamente por expor a ausência dessa identidade natural para o humano.

4.1.2 A Identificação em Lacan

Em Lacan o conceito de identificação é tratado de modo diferente do de Freud. Não se trata apenas de um eu que adota traços do objeto, mas da própria criação do eu pelo outro: o sujeito com o qual o eu se identifica é a base da constituição, formação, transformação do eu. Ou seja, não é apenas, como na visão de Freud, que o eu adota ou se transforma em um aspecto do objeto, se modela a ele: é o objeto que constrói o eu. Nasio diz que a identificação para Lacan significa que o "objeto com o qual o eu se identifica é a causa do eu; ou seja, o agente da identificação é o objeto, e não mais o eu" (NASIO, 1989, p.101). É o estabelecimento da relação de identificação que fornece os subsídios para "o nascimento de uma nova instância psíquica, a produção de um novo sujeito" (ibid:102).

O sujeito cria no espaço psíquico de sua mente uma imago[8] que, aos poucos, vai constituindo-o de modo a gerar uma "identidade própria" não com base em si mesmo mas na imagem do outro construída dentro de si. Para Lacan, portanto, o outro é o responsável pela constituição do sujeito, através de sucessivas identificações. Em suma. "o eu é o outro". Lacan, em seu texto *Os Complexos Familiares*, diz que "a constituição do sujeito tem a identificação como principal operador; o acesso a uma identidade própria só ocorreria a partir de uma outra" (LACAN: 1934), ou seja, o outro é quem assume o papel principal na

[8] Imago é definida pelo dicionário de Psicanálise como "uma representação que se fixa no inconsciente do sujeito e ulteriormente orienta sua conduta e seu modo de apreensão do outro." (Chemama, 2002: 105)

constituição do sujeito, pois "é apenas no semelhante que o sujeito se reconhece" (LACAN, 1936, p.91). Em síntese, o conceito de identificação em Lacan, ao indicar que o eu é formado por algo externo ao sujeito, deixa clara a ausência da identidade própria de cada ser humano, sendo "o outro quem assume o papel principal na constituição do sujeito" (SALES, 1997).

Dada a importância, dentro da teoria psicanalítica, do processo de identificação na constituição do sujeito, devemos ressaltar ainda que o que se propaga por essa via psíquica "são os traços que, no indivíduo, dão a forma particular de suas relações humanas, ou dito de outra maneira, sua personalidade" (LACAN, 1936, p.92). Esses traços ainda podem abranger "elementos de várias pessoas diferentes" (FINK, 1998, p. 145).

É importante lembrar que a identificação é diferente da imitação. Enquanto esta compreende uma assimilação global de uma estrutura, uma reprodução baseada na repetição ou ainda uma aproximação do real, a identificação compreende um processo inconsciente de constituição da personalidade.

A teoria lacaniana apresenta três categorias de identificação: *a identificação simbólica*, que está "na origem do sujeito do inconsciente", a *identificação imaginária*, que está "na origem do eu" e a *identificação fantasística*, que está na "instituição de um complexo psíquico" (NASIO, 1989, p. 111).

A identificação simbólica tem como componentes "o significante e o sujeito do inconsciente" (ibid: 111). Para melhor compreendê-la, vamos definir o significante. Para o dicionário Chemama, significante é o "elemento do discurso, referível tanto ao nível consciente como inconsciente, que representa e determina o sujeito" (2002: 197), em outro momento diz que o significante "é um cruzamento entre a palavra e a linguagem [...] conota a diferença em estado puro; a letra, que o manifesta na escrita, distingue-o radicalmente do signo" (ibid: 103). Nasio define significante como "uma entidade estritamente formal, indiretamente referida a um fato que se repete e definida pelas relações lógicas com outras entidades similarmente significantes" (1989: 112).

Para identificar a categoria significante, temos três referências. A primeira delas diz que "um significante é uma entidade formal" (ibid: 112). De um modo mais simples, poderíamos nos referir ao significante como a um engano, uma confusão, um equívoco nos atos conscientes de uma pessoa. É como se o sujeito soubesse o que pensa, mas decide que não vai falar o que realmente quer. Porém algumas vezes isto lhe escapa como um engano, e o sujeito acaba expondo seu ponto de vista sobre a forma de um lapso, por exemplo. Este significante pode ser uma palavra, um gesto, um sofrimento, uma frase, um sonho, entre tantas outras formas. Desde que estas manifestações ocorram de forma involuntária, poderão

ser designadas como um significante, que conota o desejo do sujeito, sua própria verdade, ainda que às vezes não se tenha consciência disso.

A segunda menção ao significante refere-se a atos involuntários ligados a "todos os significantes que marcam outros atos similares, passados ou futuros" (NASIO, 1989, p.112). Isso conota a idéia de que um significante está sempre acompanhado de outros significantes. Quando um se manifesta, o que temos é uma rede deles, todos ligados entre si.

A terceira e última referência é que "o sujeito do inconsciente é o nome de uma relação abstrata entre um significante e um conjunto de significantes" (ibid: 113). Bom, mas o que exatamente isso quer dizer? Esse é exatamente o ponto central da identificação simbólica, do "nascimento do sujeito do inconsciente[9]" (ibid: 113).

Quando acontece um fato relevante, articulado com outros significantes já existentes, dá-se uma correspondência entre o evento atual e os passados. Com isso o que temos é uma relação abstrata entre o significante atual e os significantes anteriores. Um significante só tem sentido quando relacionado com um conjunto de significantes. E aí está o sujeito do inconsciente: justamente na relação de um significante com os demais já existentes. Nas palavras de Lacan: "o sujeito é o sujeito do significante - determinado por ele" (LACAN, 1964, p.69), que o marca ao longo da vida.

Para uma melhor compreensão, façamos uma analogia. Imaginemos uma situação de sofrimento, ou várias delas, que passamos em nossa vida. Poder-se-á notar que, mesmo em situações muito diferentes, algo, um detalhe sempre se apresenta da mesma maneira, ou seja, há algo invariável nesses momentos difíceis. Esse elemento invariável, que não muda, que é comum, que se repete em diversos acontecimentos significantes é chamado por Lacan de *tra o unário*, que "marca, como tatuagem, o primeiro dos significantes" (1964, p.134). A denominação traço é "porque marca cada instante repetido" e unário "por ser o Um que se unifica e reúne os diferentes significantes sucessivos" (NASIO, 1989, p.114).

No Seminário 11, Lacan se refere ao traço unário como aquilo a que

> O sujeito se agarra, está no campo do desejo, o qual só poderia de qualquer modo constituir-se no reino do significante, no nível em que há relação do sujeito ao Outro. É o campo do outro que determina a função do traço unário (1964, p.242).

---

[9] O sujeito do inconsciente é o sujeito da psicanálise "entendido fundamentalmente como sujeito submetido e constituído pela linguagem, um sujeito estruturado pelo desejo." (ARRUDA, 2001, p.153). O sujeito do inconsciente mostra que nunca nos sentimos plenamente realizados, nossas necessidades nunca estão satisfeitas, estamos sempre querendo mais.

Ao tentarmos lembrar os acontecimentos marcantes de nossa vida, o traço comum que está presente não é recordado, ou seja, o traço que marca estes eventos é esquecido, não identificado por nós. Como não é possível destacar este traço, Lacan o denomina de *menos um*. Este é o ponto central da identificação simbólica: "o sujeito do inconsciente está identificado com um traço, sempre o mesmo, que baliza invariavelmente uma vida significante e, apesar disso, é subtraído dessa vida" (LACAN, 1964, p. 115). Temos portanto um sujeito que apresenta falta e isto que falta o marca para sempre. Parece que a identificação aponta para uma falta, uma falta em e no outro.

A segunda abordagem lacaniana de identificação é a identificação imaginária do eu com a imagem do outro. Tem como componentes a imagem e o eu. Lacan considera que o nascimento do eu tem como momento 11.28 Tf 47a

A terceira e última categoria lacaniana de identificação é a identificação fantasística do sujeito com o objeto. Possui como componentes o sujeito do inconsciente e o objeto a^{0}.

Ao dizer que um indivíduo se identifica com o objeto numa fantasia, o que temos é o aparecimento de uma formação fantasística, onde o sujeito "expressa o desejo do outro no papel mais emocionante de si" (FINK, 1998, p.83). Esta emoção pode ser ummu umpode umpode p

refletida, momentânea e precária da dominação" (LACAN, 1964, p.135), imaginando-se homem somente a partir daquilo com que forma sua imagem. Pode-se perceber o momento de reconhecimento da imagem do corpo da criança por sua expressão de contentamento, e a mãe garante, autentifica "sim, é você meu filho".

Esse momento é fundamental na constituição do sujeito, pois a criança assume uma imagem de si mesma. Essa "identificação narcisista será o ponto de partida das séries identificatórias com as quais o eu irá ser constituído" (CHEMAMA, 2002, p.103), sendo que "nunca é com os próprios olhos que a criança se vê" (CHEMAMA, 2002, p.58), mas sempre com os olhos daquele que ela ama ou odeia.

Lacan ressalta que a função do estádio do espelho é "como um caso particular da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com a realidade". E avança mais quanto à constituição do indivíduo durante a fase do espelho:

> [...] o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade... e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1949, p.100).

A partir de sua imagem e da comparação com as imagens dos outros que vivem ao seu redor, a criança idealiza o que quer ser. Também assimila imagens ideais constituídas a partir do outro que lhe são transmitidas pela fala, ou seja, "estruturadas lingüisticamente", sendo essas regras ou conceitos aceitos socialmente. Na verdade "é a ordem simbólica que realiza a internalização das imagens especulares e de outras imagens" (FINK,1998: 57).

> Uma vez internalizadas, essas várias imagens fundem-se, digamos assim, em uma imagem global imensa que a criança vem a considerar o seu *self*. É claro que esta auto-imagem pode ser incrementada ao longo da vida da criança, à medida que novas imagens são enxertadas sobre as velhas. Em geral, é essa cristalização de imagens que permite um "sentido do eu" coerente (FINK, 1998: 57).

É esta imagem internalizada que constitui o "eu" para Lacan, ou seja, "o eu é uma produção imaginária" (FINK, 1998, p.108).

O estádio do espelho tem o papel fundamental de esclarecer a dinâmica exterior com a qual o eu se funda e de mostrar também a sua "negatividade existencial" (LACAN, 1949, p.102); ou seja, o sujeito ao nascer é vazio, só vai sendo constituído a partir

de suas relações com outras pessoas, sendo construído não por si mesmo mas pelos outros que vivem ao seu redor. É essa condição de exterioridade íntima do eu, em que a relação consigo se marca e se atualiza através da relação com o outro, no desejo de reconhecimento do outro de sua imagem.

Lacan diz que "basta compreender o estádio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem" (ibid: 97). Sendo que "o que se transmite por essa via psíquica são os traços que, no indivíduo, dão a forma particular de suas relações humanas, ou, dito de outra maneira, sua *personalidade*" (ibid: 92). Assim a formação da imagem ideal tem origem na imagem do próprio corpo refletida no espelho, mas também na imagem do sujeito refletida no outro, de modo que

> Aqueles que consideramos parecidos conosco, de certa forma, compartilham de uma relação com o Outro semelhante à nossa. E uma vez que o Outro generaliza – de nossos pais ao Outro acadêmico, a lei, a religião, Deus, a tradição e assim por diante – as relações imaginárias, não são apenas características da primeira infância e, de alguma forma, superadas psicologicamente com o tempo. Elas permanecem importantes durante toda a nossa vida (FINK, 1998: 110).

4.2 A IDENTIDADE DOCENTE E A RELAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

A identidade docente não é algo inalterável, fixo, imóvel. Ela faz parte de um longo processo de evolução, ao longo da carreira docente, que vai sendo definido, remodelado a partir das experiências vividas, da maturidade do próprio ser humano, da convivência com os pares e com os alunos. Portanto não se espera que a formação dê conta de formar o professor por completo, mas que possa fornecer as bases para que esta identidade docente seja construída sólida e produtivamente.

Para Pimenta, a construção da identidade docente envolve uma gama de fatores, no decorrer da carreira:

> Uma identidade profissional se constrói, a partir da significação social da profissão [...] constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de

> suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor (2005, p.19).

Em suma, a identidade profissional do professor é algo ímpar a cada professor em formação e também em exercício, que carrega consigo as marcas próprias da vida do professor. Acreditamos que essa identidade comece a ser construída durante o Estágio Supervisionado, momento considerado como o "processo de passagem dos alunos de seu ver o professor como aluno ao seu ver-se como professor" (PIMENTA, 2005, p.20). Portanto é necessário ressignificar o Estágio Supervisionado para que os futuros professores possam ter acesso a um momento realmente formador.

A construção da identidade docente é uma das condições para sua profissionalização. Segundo Nóvoa, os primeiros anos da profissão são identificados como cruciais para a consolidação da identidade profissional. Esse processo identitário do professor demanda tempo para ser construído e reconstruído, como explicita o mesmo autor: "a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneira de ser e estar na profissão" (1997, p.34), onde o professor assimila mudanças, transformações, reflete e acomoda o que é ser professor. Isso implica um movimento do passado e do presente dando sentido à profissão, construindo uma identidade do que é ser professor.

A identidade docente é uma construção que permeia a vida profissional desde o momento de escolha da profissão, passando pela formação inicial e pelos diferentes espaços institucionais, onde se desenvolve a profissão, o que lhe confere uma dimensão no tempo e no espaço. É construída sobre os saberes profissionais e sobre atribuições de ordem ética e pessoal.

A formação pode ser entendida como uma conquista feita com muitas ajudas: dos mestres, dos livros, das aulas, dos computadores. Mas depende sempre de um trabalho pessoal, como diz Nóvoa (2001) "a formação é algo que pertence ao próprio sujeito". Cada um forma-se a si próprio, ninguém forma ninguém.

Parece-nos importante aqui lembrarmos da citação de Nias (*apud* NÓVOA, 1995, p. 25): "o professor é uma pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor." Nesse sentido, é preciso voltar o olhar para a vida e a pessoa do professor, pois parece não ser possível separar o "eu profissional do eu pessoal" (ibid: 1995, p. 17).

Dentro dessa visão, o modo como o professor vai desempenhar o seu papel, ou seja, construir sua identidade, depende de suas escolhas e de como ele as assume. A singularidade do desenvolvimento de sua identidade se expressará pelos traços, atributos,

imagens e sentimentos que interioriza e reconhece como fazendo parte de si mesmo e que usará como referência para sua constituição.Quando falamos que o indivíduo toma como sua uma atribuição do outro, salientamos que ele somente interioriza aquilo que tem significado para ele, o que também pode caracterizar o processo de constituição de sua identidade.

Entretanto parece haver um núcleo de permanência na identidade do indivíduo. É o que permanece, o que é estável ao longo de sua vida, ou seja, a construção e ressignificação da identidade docente sofre alterações, mudanças ao longo do tempo, mas há algo duradouro, que fica, que é o traço do sujeito, que o marca e o acompanhará em sua vida em sua identidade pessoal e profissional..

4.3 A RELAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

No capítulo 4, foram apresentadas as análises das entrevistas dos nossos estagiários, onde se procurou inferir os saberes que cada estagiário havia demonstrado ter construído durante a prática de sala de aula em contato direto com os alunos, com o conteúdo, e as situações inesperadas que surgissem no contexto da sala de aula e do processo de ensino-aprendizagem. Neste capítulo, inferimos como cada sujeito desta pesquisa constrói-se professor durante sua vida. Em suma, a análise realizada até o momento consistiu em tratar o discurso intencional que aparece na fala do estagiário na tentativa de compreender sua própria construção.

No entanto parece-nos que, no caso de E2 e principalmente de E4, é preciso que se vá mais adiante É necessário avançar em nosso referencial, pois a construção de sua identidade docente parece estar em algo que só pode ser lido nas entrelinhas de suas falas, nos aspectos subjetivos de cada sujeito.

Neste capítulo, serão analisados novamente os fragmentos das entrevistas de E4, indo-se além dos saberes docentes. Abordar-se-á o processo de *identifica ao* como descrito pela psicanálise, que nos fornecerá subsídios para inferirmos a construção da identidade do professor a partir dessa relação.

4.3.1 A Identificação como Processo Constitutivo do Professor: o caso de E4

Ao ler a entrevista de E4, quando relata sua experiência com a observação de classe, fica claro sua preferência pela Prof (4B). Aparentemente, senão como um modelo a ser futuramente seguido, pelo menos como um exemplo interessante e agradável de "ser professor", pelo comportamento observável da professora, dos alunos e das relações entre eles. Entretanto algumas falas do estagiário parecem revelar mais sobre ele mesmo, sobre suas hipóteses a respeito do ensino e da aprendizagem ou sobre o que o agrada ou desagrada no comportamento das professoras, sobre o que as professoras e os alunos realmente sentiam ou pensavam.

O trecho abaixo evidencia o expresso acima sobre suas hipóteses quanto ao aprendizado, supondo que, para despertar no aluno a vontade de aprender, é preciso fazer que cada dia seja um dia diferente:

> *E4(– Eu acho que é o professor buscar além daquilo, trazer inovação para a sala de aula, chamar atenção do aluno de uma certa forma sabe, fazer que cada dia seja um dia diferente para o aluno ter vontade de aprender, sabe...*

E4 aponta em outro momento que a metodologia adotada pela Prof (4B) levaria o aluno a pensar melhor:

> *E4(0) – É, não era isso, eram umas perguntas meio... tinha que pensar... tirar tipo uma situação e em cima daquela situação, trabalhar no contexto tipo histórico, seria então... eu acho assim... estaria construindo melhor o aprendizado dessa forma sabe, porque ela Prof(4B) estava levando o aluno pra mentalizar, pensar melhor aquilo sabe, qual seria a resposta dele em relação aquilo o que estaria acontecendo ali então eu achei muito melhor, não tem nem comparação com o que eu vi na outra escola, passava longe.*

O estagiário ainda faz suposições de como o professor deveria agir com o aluno, parecendo falar mais de si mesmo do que de algum aluno em particular:

> *E4 (3 – O professor hoje em dia, ele não deve se prender apenas a conteúdo, ... ele tem que buscar ali é.. .o indivíduo que está se preparando pra viver sabe, porque até então, ele não é formado pra isso, ele ainda não tem um relacionamento, o relacionamento às vezes ainda é tão estreito entre a família em casa pai, mãe, irmãos, então é diferente*

Em outros momentos, o estagiário diz, por exemplo, que a Prof (4B) tem um jeito muito diferente da Prof (4A):

> *E4(♣) – A Prof(4B) sempre traz uma inova ão sabe, ela sempre traz uma curiosidade, uma forma de chamar a aten ão do aluno, é diferente sabe, ela não fica preocupada assim, eu tenho assim que fazer uma leitura, dar um exercício para o aluno fazer. Não, ela faz com que o aluno trabalhe um pouco a perspectiva, a visão, tenta trazer para a vida do aluno qual a importância daquilo ali, é muito diferente sabe, nada a ver com a outra professora. Mesmo sendo uma aula expositiva, mas é uma conversa não seria uma aula e sim uma conversa com os alunos.*

Outro ponto positivo apontado por E4 em relação à Prof (4B) é o eu relacionamento com os alunos, que não mantém o papel tradicional professor-aluno:

> *E4(33) – Em sala de aula a gente via que tinha um certo carinho envolvido tal, mas assim na hora do intervalo que ela estava descendo as escadas, indo para a sala dos professores ela encontrava com um aluno, outro e oi fulano, oi isso, aquilo tal, dá uma risada, um oi, tal, uma conversa, isso pode parecer insignificante pra muita gente, mas só que às vezes pra uma crian a que não tem um oi, um carinho do pai em casa, é diferente... sabe... e eu notei essa certa diferen a porque os alunos tinham um respeito por ela sabe, assim uma certa admira ão, ah, era diferente.*

O estagiário faz até suposições sobre o que os alunos pensariam ou como agiriam em certas ocasiões:

> *E4(33) – Os alunos não tinham somente aquela rela ão· ˙ ah ela é minha professora e eu sou aluno dela.'*

Ou seja, o estagiário trabalha mentalmente com uma imagem construída do outro, ou como diz Charlot, citando Wallon, com o "fantasma de outrem que cada um leva dentro de si" (CHARLOT, 2000: 46).

Ao observarmos o quadro 2 (p.35), podemos perceber as posições que o estagiário assume frente às atitudes de cada professora. Por exemplo, em relação a Prof (4A) sua posição é de desaprovação da sua metodologia que a professora "não explica" e que agiria de forma diferente. Já em relação a Prof (4B), o estagiário assume uma posição de aprovação das atitudes da professora, destac383(.)-15.95u762(r)3.212( )-154.210.6383(a)-2.98383(av(pr)3.280762(r)3.9(i)
àso

Ao analisar os trechos de sua entrevista, em que relata suas primeiras experiências com a sala de aula, fica evidente que o principal foco de sua fala é o relacionamento com os alunos. Parece que, frente a tantos problemas com que um professor se defronta numa sala de aula, o único que é foco de sua preocupação é o relacionamento com a turma. Sua inquietação está em controlar a disciplina da sala, e julga ter conseguido isto somente "após muito diálogo", quando um bom relacionamento se instaurou entre o estagiário e os alunos. Como analisar isso frente ao conceito de identificação?

Como já dito, temos duas maneiras de pensar a identificação: como uma relação entre o eu e o outro, em que o eu adota traços do outro (Freud); ou como a produção do sujeito pelo outro (Lacan). Parece-nos que esses dois conceitos de identificação podem ser úteis para a análise dos dados desta pesquisa. Talvez esse conceito nos ajude na procura por uma resposta à questão: por que um sujeito se torna professor?

Voltando aos nossos dados, vimos que, quando o estagiário entrevistado se refere à Prof (4A), criticando-a em vários aspectos, seguramente, para ele, a Prof (4A) não seria um modelo a ser seguido. No caso da prof (4B), entretanto, o estagiário a avalia de forma oposta. Há algo nessa professora, a sua postura e o modo de conduzir a aula, que o estagiário admira. Mas além do que é imediatamente observável, há algo nela com o qual - podemos dizer - ele se "identifica". Essa "identificação" tem como ponto forte - ou principal "traço" – a relação que a professora mantém com os alunos, a presença de "*um certo carinho envolvido"*, que talvez ele próprio tenha sentido na época em que era aluno dessa professora. Como diz Freud, "o eu tenta se moldar ao outro, pois só assim será amado, já que vê no outro algo que é admirado e adorado".

Seguramente, não se trata aqui de psicanalizar o sujeito (o estagiário) e descobrir suas representações inconscientes, até porque isso deve ser realizado por alguém autorizado e em um *setting* apropriado. O que percebemos é que os conceitos psicanalíticos de identificação em Freud (a adoção de um traço) e em Lacan (a produção de um sujeito) poderiam ser utilizados como metáforas para a análise dos nossos dados, em particular como explicação para o processo de constituição de um professor.

Ao relatar suas observações sobre essa professora, parece evidente, portanto, que há uma identificação muito forte deste estagiário com ela, ou melhor, com um traço presente na imagem que ele faz a respeito dela: a maneira como a Prof (4B) se relaciona com seus alunos. É possível entendermos essa relação do estagiário com a Prof (4B) como uma identificação do tipo "freudiana". E uma identificação do tipo "lacaniana" também poderia ser localizada?

A identificação em Lacan, ao afirmar que o eu se constrói pelo outro, aponta para um além. Transpondo essa idéia para o caso do nosso estagiário E4, poderíamos dizer que o processo de tornar-se um professor, pelo qual ele passa, tem na Prof (4B) uma agente, uma causa. O estagiário é causado, enquanto professor, por ela; o seu próprio ser-professor, ainda não plenamente formado, se constrói a partir dela (ou, pelo menos, sendo essa professora uma de suas causas, já que poderia haver outros professores com os quais ele se identificou no passado).

Ou seja, a formação de um professor, no caso de E4, parece passar por um processo de identificação com um outro – um outro professor, provavelmente – que participa ativamente, mas talvez não conscientemente, através de algum traço distintivo que possua e que toca profundamente a subjetividade do estudante. Em síntese: apontamos que o professor pode ter na origem de seu ser um outro, provavelmente um outro professor.

Essa idéia pode ser reforçada pela estagiária E2, quando se refere aos seus professores:

> *E ( ) – ... eu lembro que os professores que eu tive, que é muito bom a gente poder ver transmitir o conhecimento porque tem aluno que fica lá parado e o professor lá falando, acho que é muito gostoso, saber que ele sabe e poder estar ensinando o outro.*

O que podemos inferir pelo trecho acima é que E2 passou por uma *identificação* ainda na época em que era aluna, quando algo de "bom" a marcou de alguma forma. Ao dizer que "tem aluno que fica parado e o professor falando", parece que está referindo-se a si mesma enquanto aluna e ao mesmo tempo o que quer de seus alunos. Poderíamos inferir ainda que essa *identificação* provavelmente tem influências na escolha de sua profissão. Seria, como salienta Silva (1994, 13), citando Bohoslavsky, que a escolha da profissão "está relacionada com as primeiras figuras de identificação [...] dos objetos internalizados, da elaboração dos conflitos." Ou seja, a escolha da profissão, no caso aqui apresentado, já passa por um processo de *identificação*, na maioria das vezes, com outro professor. Por meio desse processo, poderíamos inferir que o sujeito sofre interferências na sua personalidade, nas escolhas e mesmo, posturas profissionais.

Ainda em relação a E2, poderíamos inferir que apresenta fortes indícios de que se identificou com Prof (2A) em relação à postura de desconsideração do comportamento de bagunça do aluno em sala de aula. Para essa estagiária, a visão e a conduta do professor parece reforçar a sua imagem de qual seja o papel do professor. Parece que para ele é o de manter a imagem de sujeito suposto saber, ou seja, daquele que tem o saber e que deve ser

respeitado por isso, sendo o seu papel somente o de transmitir conhecimentos não se importando com o aluno. Veja como ela expressa satisfação em relação a sua postura de domínio e poder em sala de aula: sente-se "poderosa, um marechal".

Ao relatar sobre as identificações passadas e atuais do sujeito que determinam a escolha da profissão professor, Silva (ibid:35) diz que:

> O professor pode tornar-se um suporte de investimentos e vice-versa; então, o que se transfere são as experiências vividas, principalmente com os pais, que se tornam atualizadas ganhando vida novamente na relação professor-aluno (SILVA, 1994: 35).

Poderíamos inferir que. a partir dessas experiências com o professor, o sujeito desenvolva relações de identificação com um ou vários professores. Em outras palavras, poderíamos dizer que o processo de *identifica ao* está no cerne da escolha profissional, pois, muitas vezes, o estagiário parece apontar uma outra possível profissão, mas, ao relatar sua escolha pela docência, nem que seja por um tempo determinado, fala sobre ela com grande entusiasmo, e mesmo demonstrando "um gosto" que parece não ter uma explicação racional.

Essa hipótese não é de todo absurda, muito pelo contrário, pois há diversas evidências que poderiam corroborá-la. Em um trabalho, cujo objetivo era investigar os fatores que levaram alguns jovens a escolherem a profissão de professor de Matemática, a autora, refletindo sobre seus dados e sua própria história de vida, em certo momento diz: "sou levada a pensar que o que gera a vontade de ser professor é um outro professor, é como se fosse um ovo gerando outro ovo" (PASSOS, 2004: 121).

Através das comparações que o estagiário estabelece entre as professoras sob observação e seus antigos professores, é claramente perceptível nas falas do estagiário que uma visão do que é um professor já está em andamento durante o Ensino Fundamental e Médio. O estagiário, por exemplo, faz uma comparação entre a Prof (4A) e os seus antigos professores:

No caso do nosso estagiário, podemos enfatizar que os dados fornecidos por E4 demonstram as diferentes visões que o estagiário possui sobre as professoras (4A) e (4B). A partir de suas observações, ele tira conclusões e estabelece valores que pretende seguir futuramente em sua vida profissional. Nossa hipótese é que tais reflexões são precedidas de um processo de identificação (ou não). Ou seja, as reflexões do estagiário que traçam diretrizes futuras para a sua ação docente são conseqüências de um processo anterior, nem sempre plenamente consciente.

A relação de *identificação* poderia assumir um valor central que faz dela, mais que um mecanismo inconsciente entre as pessoas, uma operação pela qual o sujeito humano se constitui, uma operação que possibilita pensar a constituição do professor, a partir de um traço por meio do qual a *identificação* pode se estabelecer. Ou seja, parece que no ser professor há um elemento que vai além do consciente, além do que o sujeito consegue falar.

Em suma, parece que o processo de construção da identidade dos futuros professores passa pelas primeiras experiências de Estágio e também pelo encontro e identificação de aspectos observados na conduta dos professores das salas de aulas em que estão realizando o estágio. E talvez, neste processo, os estagiários tomem como referência aqueles professores que apresentem características que reforçam as suas indicações pessoais.

1

CONSIDERAÇÕES FINAIS

` O pior pecado· satisfazer-se com os resultados
adquiridos· não quere caminhar mais.
Crer que já chegamos ao pico da montanha.''
(Rose Marie Muraro)

Acreditamos que a contribuição deste trabalho para as investigações no campo da formação inicial de professores, em um contexto de construção do ser professor a partir da prática de sala de aula, foi tentar compreender a construção da identidade docente durante a formação do professor, na etapa do Estágio Supervisionado. Durante esse momento, o estagiário tem a oportunidade de construir saberes ligados à prática do professor que contribuem para a construção de uma identidade própria.

Direcionada pelo objetivo de tentar compreender como se dá a construção dos saberes docentes durante a realização do estágio supervisionado, o impacto dessa experiência e a construção da identidade docente, percebemos que a influência das condições subjetivas do contexto escolar e dos sujeitos envolvidos nela interfere diretamente no saber que é produzido na interação entre estagiário professor e aluno. Mais fundamentalmente, parece-nos que a relação entre essa tríade e os elementos de ensino é que determinam o julgamento do estágio como uma boa ou má experiência. No entanto é na prática que parece estar a fonte de satisfação e realização do professor.

Parece-nos que a etapa principal da formação inicial se dá na imersão da sala de aula, como um lugar de produção e ressignificação dos saberes que envolvem a formação de professores, pois o relacionamento com a turma, a elaboração de algum saber ensinar e do saber ser parecem ser construídos apenas nessa imersão do estagiário em contato com os alunos e com o conteúdo a ser ensinado. Devido a isso, salientamos a importância de se dar um novo olhar ao estágio, pois ele é com certeza um momento fundamental na formação do professor. Assim, a formação deveria propiciar a construção de competências amplas de modo que o estagiário domine os modos de produção de saber, estabelecendo as bases para a aquisição contínua de conhecimentos, ou seja, de saberes que irão construindo sua identidade ao longo da profissão, já que esta nunca está totalmente pronta, mas sempre em elaboração.

Como vimos na análise, no capítulo 4, o Estágio Supervisionado pode propiciar ao estagiário a possibilidade da construção de vários saberes docentes. Essa pesquisa indica que a experiência do estágio pode ser um processo que vai além da burocracia determinada pelos programas de formação de professores. Pode ser a oportunidade do estudante construir um saber teórico, um saber fazer e principalmente um saber ser professor que é o seu saber pessoal e subjetivo que não pode ser ensinado, mas é preciso ser aprendido.

Apesar de a formação do professor se prolongar por toda a vida profissional, nossa pesquisa evidencia que o Estágio Supervisionado não é apenas mais uma disciplina,

mas um momento determinante da formação profissional que pode determinar o seu estilo profissional.

A construção dos saberes docentes apresentados pelos estagiários permitiu que eles mesmos pudessem identificar aquilo que falta e o que precisa ser melhorado, aperfeiçoado. O desenvolvimento desses saberes permitiu que alguns estagiários fossem além do papel do professor posto atualmente nas escolas. Ao longo da experiência com as regências de classe puderam estabelecer algumas mudanças e superações. Apenas no relato da estagiária E6 não possível localizar a construção de algum saber desenvolvido no período de estágio. Os demais estagiários, cada um com a sua singularidade, desenvolveu vários tipos de saberes, alguns ainda em construção. Esses resultados vêm ratificar a importância do Estágio Supervisionado para a formação de professores e salientar que o professor de sala é uma peça importante nesta etapa.

Como já mencionado nesta pesquisa, um trabalho semelhante com estagiários do curso de Licenciatura em Física (BACCON, 2005) vem somar-se a nossas considerações. É possível perceber os mesmos elementos significativos para os estagiários de Física e de Biologia apresentados nesta pesquisa, indicando que é "preciso aprender a 'ser' professor" (ibid: 130). Neste trabalho é enfatizada a construção do "lugar" do estagiário como professor, bem como a interferência do professor regente para que o estagiário possa assumir sua posição. Isso só vem reforçar a idéia de que é preciso que o professor de sala tome consciência da importância que tem na formação do estagiário, seja na construção de sua identidade, seja nos exemplos de profissional que demonstra.

A posição do estagiário é uma posição dúbia, intermediária, pois ora é aluno, ora professor. Nessa etapa da formação a identidade docente oscila entre o ser aluno e o tornar-se professor. O estagiário parece olhar para os professores que há ao seu redor e procura encontrar um modelo que faça o seu estilo. Podemos apontar que uma modelagem é o principal meio pelo qual se dá os primeiros passos na construção do ser professor. O que reforça essa idéia são os estagiários E2 e E4, em quem isso parece acontecer de modo inconsciente. A teoria da psicanálise pode nos dar sustentação para a hipótese de que a identidade docente possa passar pela identificação, mesmo não plenamente consciente, onde o professor regente está no papel do outro imaginário pelo qual o estagiário se moldará.

A construção da identidade docente é um processo em constante evolução, é uma construção marcada por múltiplos fatores que interagem entre si, estabelecendo consciente ou inconscientemente negociações das quais certamente fazem parte suas histórias de vida, sua formação escolar e o imaginário recorrente dessa profissão. Os casos aqui

analisados nos permitem supor que o estágio é apenas o primeiro momento em que o aluno, futuro professor, tem a oportunidade de entrar em contato com o contexto escolar e criar e recriar o seu jeito de ser, ou seja, a sua identidade.

Podemos salientar ainda que a escolha da profissão em E2, E4 e E6 sofre influências de sua formação escolar anterior, em que a admiração por algum professor os levou a seguir a mesma profissão. Ao menos são nesses estagiários que isso fica mais evidente, o que não significa que nos demais estagiários isso não possa ter ocorrido. Frente a isso podemos supor a importância do professor regente no momento do estágio e também durante a formação escolar, de modo que nos dois momentos o professor deixa marcas, interferindo na escolha profissional e nas ações desses futuros docentes.

Nossa hipótese aponta que não apenas a escolha da profissão deriva de uma *identifica ão*, mas que a própria constituição da identidade do professor também passa por um processo identificatório do estagiário com os professores com quem se relacionou durante o estágio ou mesmo durante sua vida escolar. Estamos supondo que o professor é constituído a partir de um outro, por meio de um processo inconsciente: o que o estagiário admira e aprova nas ações ou atitudes do professor com que se identifica deseja incorporar, por desejar para si a mesma admiração.

Apesar de o processo de *identifica ão* não ter aparecido em todas as entrevistas, parece-nos possível supor que esse fenômeno inconsciente pode ser determinante na constituição do futuro professor, podendo a identificação ocorrer na sua experiência como aluno, em contato com vários professores ou na etapa de observação de classe. Foi possível perceber que os estagiários sempre se remetem a seus antigos professores, apontando alguns aspectos que de uma forma positiva ou negativa chamam sua atenção.

Já durante a realização das observações de classe, pudemos perceber que os julgamentos que os estagiários fazem sobre os professores regentes são de outra ordem, pois, quando na posição de aluno, temos observado que o sujeito se limita a dizer apenas que gosta ou não gosta de um ou outro professor; mas durante a formação inicial, quando está pensando em se inserir na profissão, já avalia em termos de o que faria naquela posição e se ele gostaria ou não de ser um professor com aquelas características. Há, portanto, nesse caso, uma preocupação de ordem profissional.

Parece-nos importante destacar o papel do professor da faculdade. Os estagiários entrevistados praticamente não se remetem a ele. Apenas E4 diz ter recorrido ao seu professor. Poderíamos dizer que o que aparece na fala do sujeito é aquilo que lhe falta. É

o saber ser professor de Ensino Fundamental e Médio que está em construção e não um ser professor na faculdade que constitui uma outra ordem de saber e relacionamento.

O caso aqui analisado aponta para a importância de se entender os processos de i*dentifica ão*, pois esse conceito pode nos ajudar a pensar de uma outra forma a constituição do futuro professor. A professora com a qual o estagiário se identifica positivamente provavelmente vai servir como um modelo para a sua atuação futura, quando se inserir em de uma sala de aula, enquanto a professora com que se identifica negativamente pode ser tomada como um contra-exemplo, ou um modelo a não ser seguido. Muitas vezes temos observado que é mais fácil para o estagiário saber o que não quer ser do que o que quer. Ou seja, infelizmente, parece ser mais comum a observação de contra-modelos (maus professores) do que de modelos positivos (bons professores).

Em suma, poderíamos dizer que a identidade docente é construída a partir da experiência prévia enquanto aluno, que influencia a escolha da profissão, do estágio, como um espaço de identificações pessoais, da observação de classe e da regência, sua fonte de saberes práticos. Assim, a identidade profissional dos professores pode ser entendida como uma construção pessoal e social marcada por múltiplos fatores, resultando numa série de representações que o futuro professor tem de si mesmo, da escola, dos alunos e da sua profissão.

Nesse sentido, é preciso compreender a ressignificação da identidade docente. Entender que a identidade docente é uma só, construída pela identidade pessoal e pela identidade profissional. Essa união é indissociável. É justamente a partir dessa indissociabilidade que surge a identidade do professor.

5.1 REFLEXÕES DA INVESTIGADORA

Quando decidi que iria fazer a inscrição para o mestrado, não tinha uma idéia exata do que seria isso. Quando tive que fazer o pré-projeto não sabia do que se tratava, mas fui atrás, li e procurei quem pudesse me orientar.

Mas acredito que o melhor de tudo está no aprender, aprender o que é uma pesquisa, como se faz, como se encaixa o referencial com os dados e suas análises. Nesses dois anos, acredito que o que aprendi foi essencial para uma construção pessoal acima de tudo, mas também como profissional e investigadora.

Durante o processo de construção desse trabalho, me deparei muitas vezes pensando na minha formação. Nos professores que de alguma forma deixaram em mim suas marcas. Ao ler as entrevistas pude me ver, em alguns momentos, na pele do entrevistado. Durante esses momentos pude refletir melhor sobre o meu processo de construção de saberes docentes e perceber o quanto foi conflituoso e cheio de dúvidas e incertezas. Posso dizer que o professor que habita em mim foi construído por meio de um processo árduo, mas também cheio de esperança e vontade que crescer a cada dia.

Assim como alguns dos estagiários entrevistados, minha vontade de ser professoras existia desde que era criança. Durante a adolescência, tive dúvidas e oscilava o pensamento entre outras profissões. Mas acredito que isso tenha sido influencias de amigos ou familiares que diziam que esta não era uma boa profissão. Na passagem do Ensino Fundamental para o Médio, na época 2º grau, cheguei a cursar o primeiro ano do curso Educação Geral, curso de nível médio que preparava para o vestibular. Mas decidi não fazer o segundo ano, voltar para o primeiro e fazer o curso de Magistério. E foi isso que fiz. Não arrependo da minha escolha de mudança de curso. Ser professora era um sonho que tinha desde a infância, mesmo nas brincadeiras adorava ser a professora e não a aluna.

Assim, fazendo as análises dos dados dessa pesquisa, refletindo sobre a construção da minha identidade como professora, pude perceber que os professores que tive durante a formação escolar foram alvos de possíveis identificações, que provavelmente contribuíram para minha formação profissional, destaco uma professora do Ensino Fundamental e um professor maravilhoso de Botânica do curso de graduação. Aliás, foi para ele que liguei logo que soube da minha aprovação no curso de mestrado. Senti a necessidade de compartilhar a minha conquista com ele. Mesmo depois de formada sempre mantemos uma boa amizade e muitas trocas de experiências.

É incrível como posso ver em minha conduta como professora aspectos semelhantes com o desses professores que sempre admirei. Além de terem sido pessoas com quem aprendi muito, me ensinaram, de acordo com minhas convicções, a construir a minha identidade docente.

Reconheço que na elaboração deste trabalho, o melhor está em aprender, em vivenciar, em ser o agente do processo. Confrontar os dados recolhidos com as teorias existentes é uma tarefa que só que já fez sabe como é difícil, mas ao mesmo tempo gratificante pois é esse o tom da pesquisa.

Esses dois anos que estive envolvida neste trabalho foi um tempo de construção de saberes, de meus saberes. Não posso considerar que esta etapa está encerrada, é

apenas o início, que apontará para outros trabalhos, outros saberes que será necessário construir, elaborar e aprender.

REFERÊNCIAS

` Os estudos constroem-se sobre outros estudos, não no sentido de que retomam Onde outros deixaram, mas no sentido de que, melhor informados e melhor Conceitualizados, eles mergulham mais profundamente nas mesmas Coisas. Um estudo é um avan o quando é mais incisivo – o que quer que isso signifique – do que aqueles que o procederam; mas ele se conserva menos nos ombros do que corre lado a lado, desafiado e desafiando.''

Clifford Geertz

ANTUNES, Francieli Cristina Agostinetto; ZAPPAROLI, Ferdinando Vinicius Domenes; ARRUDA, Sergio de Mello. **A construção dos saberes docentes no estágio supervisionado em Matemática.** In: V ENPEC, 2005, Bauru. Anais. 2005. 9p.

ARRUDA, S. M. **Entre a inércia e a busca: reflexões sobre a formação em serviço de professores de Física do Ensino Médio**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da USP, São Paulo. 230p., 2001.

BACCON, Ana Lúcia Pereira. **O Professor como um Lugar: um modelo para a análise da regência de classe**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual De Londrina.

BOGDAN e BIKLEN. **Metodologia qualitativa de pesquisa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORGES, Cecília Maria Ferreira. **O professor da educação básica e seus saberes profissionais**. São Paulo, JM Editora, 2004.

CHARLOT, Bernard. **Formação de Professores: a pesquisa e a política educacional**. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs.) **Professor reflexivo no Brasil genes crítica de um conceito**. 3 ed. São Paulo, Editora Cortez, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, Formação dos professores e Globalização**. Porto Alegre. Ed. Artmed, 2005.

CHEMAMA, Roland. (Org.). **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre. Editora Artes Médicas, 1995.

HOUAISS. Dicionário Eletrônico da língua portugusa.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1998.

FORBES, Jorge. **Uma aprendizagem de desaprender – o entusiasmo da invenção**. In: MRECH, Leny Magalhães. (Org.). **O impacto da psicanálise na Educação**. São Paulo, Ed. Avercamp, 2005.

FREUD, Sigmund. **Identificação**, 1921. In: A edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id**, 1923. In: A edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora.

HARARI, Roberto. **Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan**. Editora Papirus, 1990.

LACAN, Jacques. **Complexos familiares**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Publicado originalmente em 1938.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In Escritos. Jorge Zahar. Publicado originalmente em 1949.

LACAN, Jacques. **Para além do princípio da realidade**. In: Escritos. Jorge Zahar. Publicado originalmente em 1936.

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 1. **Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. Publicado originalmente em 1953-1954.

LACAN, J. O Seminário, Livro 11. **Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 1998. Publicado originalmente em 1964.

LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei 9394/96.

LIBÂNEO, José Carlos. **Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro?** In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs.) **Professor reflexivo no Brasil genes crítica de um conceito**. 3 ed. São Paulo, Editora Cortez, 2005.

LOPES, Francisca Michelli ; MELLO, Eliana de ; ARRUDA, S. M. . **O papel da identificação na construção da relação entre o estagiário e o professor regente.** In: V ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Bauru. Anais. 8p.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU. 1986.

MARCELO GARCÍA, C. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto Editora, Barcelona: EUB, 1995.

MRECH, Leny Magalhães. **O impacto da psicanálise na Educação**. São Paulo, Ed. Avercamp, 2005.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. *Ciência & Educa ão*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. RJ: Jorge Zahar. 1989.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, António. **Vida de Professores**. Editora Porto, 1995.

NÓVOA, António. **Profissão Professor**. Portugal. Porto Editora, 1992.

PARECER CNE/CP 9/ 2001 Disponível em http://www.anaceu.org.br/legislacao/pareceres_cne/Parecer%200009%20-2001%20-%20Formacao%20de%20Docentes.pdf Acesso em janeiro, 2007.

PARECER CNE/ CP 21/ 2001 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/021.pdf. acesso em janeiro, 2007.

PASSOS, M. M. **Ser professor de Matemática e a reconstrução da subjetividade**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. 4 ed. São Paulo, Editora Cortez, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido; Lima, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo, Editora Cortez, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

SALES, Lea Silveira. **Primeiro quadro da teoria lacaniana do imaginário: Os complexos familiares**. Revista de Psicoanálisis y Cultura. nº 1. jul, 2004. Di

ANEXOS

Entrevista – E1 Observação

Entrevistadora - Em que série que você fez o estágio o ano passado?O que você achou?

E1 – (1) Eu achei em relação ao estágio, em relação a turma, ao professor?

Entrevistadora – Em relação a cada um deles.

E1 – (2) Em relação ao estágio, eu vou ser bem sincera, a professor que eu peguei, né, que eu fiz observação, eu achei ela bem, bem, fraca. Bem fraca, porque ela não tinha o domínio da aula, né os alunos praticamente não prestavam atenção, principalmente Michelli porque foi a tarde que eu fiz, foi na 7ª e na 8ª série a tarde, e os alunos eram bem, bem rebeldes, então era aquela bagunça, né, o professor falava uma coisa e os alunos falavam duas, três em cima do que ela falava. Eu achei que ela não tinha domínio sobre a aula. Bem bem vago a aula dela. Por isso que eu falo, que depende muito a aprendizagem do aluno do professor, porque desde que o professor não tem domínio sobre a aula o aluno não tem interesse nenhum.

Entrevistadora - Você gostou de fazer estas observações?

E1 – (3) Eu gostei porque deu pra ter uma experiência, né. De como que a turma, principalmente turma de, não desmerecendo, mas, igual no (nome do colégio) à tarde são crianças mais carentes que estudam, são crianças que digamos, são uma faixa mais assim uma renda menor, né, tinha crianças assim bem humildes que você via ali dentro, então achou que a professor deveria ver esse lado né, ta orientando principalmente eu vi ela tava dando sobre orientação sexual, as primeiras aulas que eu vi tava bem vago, ainda mais 8ª série que são crianças de 13ª 14 anos que tá né descobrindo agora, achei que foi muito vago, mais foi bom que foi uma experiência a mais.

Entrevistadora - Conta alguma coisa,um fato que foi interessante que chamou a sua atenção.

E1 – (4) Que chamou a atenção... no estágio do ano passado...ah igual eu estava falando pra você, o que chamou mais a minha atenção assim, o que me deixou mais assim... preocupada foi em relação a escola, foi a dificuldade que eu tive pra realizar o estágio na escola, porque é... realmente eu liguei la pra conversar com a diretora, ela disse assim que não ia poder, porque já tinha muito estagiário, sendo que só tinha eu e um menino Tinha estagiário só que em outras áreas, né eu acho que não interfere em nada, tinha estagiário na área de Educação Física, Português, Geografia, eu acho que se tivesse muito estagiário na área de Biologia, de Ciências no caso, tudo bem, daí eu acho que poderia, só que como eu tava falando, é estágio de observação, eu chegava lá e sentava e ficava olhando a professora dar aula, ficava fazendo as observações. Em relação a aula que ela deu, que ela estava ministrando, então eu achei muita dificuldade em relação a isso, em relação de preencher as entrevistas, nossa, maior demora porque eram poucas perguntas, né, a gente tem que fazer as entrevistas com o diretor, o supervisor, o secretário, o orientador, né, eles demoraram muito pra entregar e eram perguntas fáceis, que não custava nada, porque eles já passaram por isso, então não custava nada, né.

Entrevistadora - Fala um pouquinho mais sobre o professor lá na sala, o que ele fazia, como que ele transcorria a aula.

E1 – (5) Eu, particularmente, achei que ele não tinha motivação nenhuma pra dar aula, não vou citar nem o nome da professora, ah,ah eu achei que ele não tinha motivação nenhuma dar aula, ficou bem bem vago mesmo, porque eu acho que o professor tem que chegar, falar com os alunos, perguntar como que foi, por exemplo, da aula na segunda-feira, perguntar como que foi o fim de semana, não querendo entrar na intimidade do aluno, é mas pelo menos, passar uma segurança para o aluno, porque o professor chega na sala: 'Ah, Bom Dia!' Faz a chamada, nem pergunta e nem ri para o aluno ela nem olhava na cara das crianças Michelli, sabe, acho que ela nem saberia reconhecer os alunos fora da sala, assim muito fria, e eu acho que né, já é meio preocupante, né, entra, senta, passa no quadro e dizer assim: - Responde isso e me entrega daqui a pouco, não olha caderno, não olha se aluno tá fazendo, saia, muitas vezes deixava a sala de aula, e eu no meio dos alunos, ela falava pra mim cuidar, né eu vou falar...quem sou eu pra...

Entrevistadora - Mas ela pedia pra você cuidarda turma?

E1 – (6) Pra cuidar, é, dá uma olhadinha pra ver se eles...sei lá

Entrevistadora - Ela passava os exercícios ou ela só deixava você cuidando?

E1 – (7) Ela falava assim, geralmente a aula dela era bem assim, Michelli, ela chegava, ela abria, falava pra pegar o livro didático que ela tava trabalhando, abre em tal página, que era pra ler a respeito, por exemplo, ler sobre doenças sexualmente transmissíveis, lê sobre aquele tema, aquele tópico ali, e responder as questões, né responder que ela vistava no final da aula. Só que eu penso assim: tem que ler, acompanhar a leitura do aluno explicando em cima, e se surgir dúvidas ir tirando as dúvidas do aluno.

Entrevistadora - Não tinha explicação do assunto tratado?

E1 – (8) Não tinha, não tinha.

Entrevistadora - Todas as suas horas você fez com essa professora?

E1 – (9) Fiz com essa professora, eu juro pra você. Sabe, a explicação que tinha foi muito, se teve, teve, minto pra você, se teve sim, mas foi muito pouco, muita pouca coisa, não é você chega, senta e dizer hoje a gente vai ver a respeito disso, e desse jeito que se aplica, ler, explicar para o aluno, perguntar se tem dúvidas, né, em relação às questões, o aluno respondeu, você vai lá, corrige, eu não vi ela corrigindo.

Entrevistadora - Como era feita a avaliação? Você chegou a ver alguma?

E1 – (10) Ela avaliava comum, avaliava com prova, tanto é que os alunos tinham muita nota vermelha.

Entrevistadora - Mas era avaliação tradicional então?

E1 – (11) Tradicional, duas avaliações valendo 35 e o restante era ponto do caderno, aquele esqueminha assim, você fez, ganha ponto positivo, não fez, ganha ponto negativo, desse jeito, entende.

Entrevistadora - E os alunos como que eles eram? Relate um pouco sobre eles.

E1 – (12) Eu fiz tudo no período da tarde, por isso que não dá pra falar pra você melhor, por eu acho que eu poderia ter feito também no período da manhã pra fazer uma comparação, né, manhã e período da tarde. Ah, eles eram bem rebeldes, Michelli, ela falava eles não estavam nem aí sabe, nem parecia que tinha alguém ali.

Entrevistadora – Ela, a professora?

E1 – (13) É ela não podia exigir muita coisa, né. Ela falava pra eles fazerem atividade muitos não faziam, né eu percebi que tinha bastante não, tevia ter uns cinco ou seis na sala, a sala também era pouco numerosa, tevia ter uns vinte alunos. Não tinha muito aluno não. E tinha esses cinco ou seis ali que realmente sentavam mais afastados dos outros alunos que eram mais baderneiros, e que faziam que mostrava interesse e que ia lá e perguntavam pra ela como que faz tal coisa? Eles que iam atrás, geralmente eu acho assim, na faculdade sim o interesse parte do aluno, as dúvidas que surgirem o aluno que tem que se virar ou ir atrás do professor pra tirar né, o interesse maior é dele. Agora em relação a quinta a oitava série, até mesmo no Médio, o interesse maior tem que ser despertado por parte do professor em explicar, tirar as dúvidas dos alunos, em mostrar o quanto é bom aprender, porque tá saindo agora, tudo aquilo é novo pra eles.

Entrevistadora – Faltava despertar o interesse do aluno.

E1 – (14) A aula não tinha motivação nenhuma, tanto é que eu preenchi as minhas fichas de observação todas sem motivação da aula, até que a minha professora de prática falou: 'nossa mais não tinha motivação nenhuma?' E eu falei: 'não, ela chega ela faz a chamada e só. Fala para o aluno abrir o livro e...só.'

Entrevistadora - Mais todas as aulas isso? Não teve nenhuma aula que houve alguma coisa diferente?

E1 – (15) Parece mentira Michelli, mas não, não mesmo, era um tédio as aulas dela. Eu cheguei a ter dó dos alunos, sabe.

Entrevistadora - Tinha alguém que entrava interrompia a aula, ela saia da sala ou outros professores chegavam, os alunos ficavam fazendo trabalhos de outra matéria, tinha este tipo de coisa?

E1 – (16) Em relação a trabalhos de outra disciplina eu nunca vi, de alguém chegar e interromper a aula de vez em quando, agora dela sai acontecia muito ela saia e demorava pra voltar.

Entrevistadora - E enquanto como ficava a sala?

E1 – (17) Naquilo a sala virava uma bagunça, né, a minha cabeça ficava deste tamanho... Eu lembro que eu trabalhava na VIVO esta época, né e o (nome do namorado) até falava: "vai para o teu sofrimento", porque sobrava pra ele né,nossa menina mas tinha um aluno, nossa o menino era grandão, Michelli, tevia ter uns dezessete anos, na oitava série, porque ele era um cavalão, sabe, nossa mais aquele menino mais me enchia, mais me enchia ele cantava a gente sabe, eu só dava rizada...hahahah...sabe e eu ficava lá no fundo só olhando, só anotando, só observando e ele mexendo, mexendo até hoje eu passo na rua e ele mexe comigo..hahahah... e

esse menino era o mais baderneiro da sala, os outros não, os outros eram na deles, bagunçavam só entre eles.

Entrevistadora - Você disse que ela saía e falava pra você ir tomando conta né, e daí, quando ela saía e deixava você tomando conta, como era nesta hora?

E1 – (18) Ah, as meninas, aquelas que eu falei pra você elas vinham perguntar pra mim, elas perguntavam como faz tal coisa, como que é isso, porque que é isso, por que é assim, aí eu tirava a dúvida né até onde eu sabia né, se bem que geralmente eram coisas fáceis, né até a oitava série são aulas mais fáceis, são temas bem simples e daí eu tirava as dúvidas que elas tinham, ajudavam a responder, geralmente era verdadeiro ou falso, complete ou na maioria das vezes perguntas. Aí eu ajudava, né, se preciso mostrava onde tava tal assunto no livro, agora os outros não, os outros só faziam bagunça.

Entrevistadora - Pelo que você fala os alunos passavam a maior parte do tempo fazendo exercícios, e a professora passava estes exercícios no quadro ou trazia pronto?

E1 – (19) Ela trazia pronto às vezes e outras vezes eram exercícios do livro. E a avaliação era em cima desses exercícios. Ah, deixa eu te contar, então, eu comecei fazer as observações em maio e fiz até outubro, né e no final ficou faltando umas quatro fichas pra ela assinar, daí eu fui lá pegar a assinatura dela, ela tava dando aula na quinta série, nossa que bagunça que tava a sala dela, o que era aquilo, os alunos em cima das carteiras, nossa lá de baixo ouvia, sabe. Ah deixa eu te falar, ai que feio, dizem que ela deve muito para os outros, né, diz que ela é bem caloteira tanto é que (nome de uma amiga) vendia Contém um grama, e diz que, ela estudava com ela, né e um dia ela vendeu um perfume pra ela, e ela pensou ah, professora deve ganhar bem, né..hahahahah... daí ela me falou: 'mais deu um trabalho receber daquela mulher', e diz que ela comprou um monte de coisa, sabe, e ela cobrava, cobrava, e até que um dia ela pagou. Mas esse dia que eu fui no colégio pra pegar a assinatura dela, tinha uma mulher cobrando ela na porta da sala, acredita? Umas lingerie que ela tinha comprado .

Entrevistadora – Nossa!

E1 – (20) Daí a hora que eu cheguei ela falou pra eu entrar, senta e espera que já que eu assino pra você.Daí daqui a pouco bate na porta de novo e um aluno grita: 'ai professora outra cobrança!'Desse jeito.

Entrevistadora – Como você julgaria esta experiência que você teve com as observações de classe no ano passado?

E1 – (21) Mesmo que a professora tenha sido desse jeito né, que eu te falei, eu achei que foi interessante porque deu pra notar como é que é um professor, depende muito a aula do professor, se ele não tem motivação, se ele não tem dominância da aula, do assunto que ele vai trabalhar, né não tem como ele fazer uma coisa bem feita. Eu achei que mesmo sendo deste jeito, eu tirei proveito disso, porque deu pra eu ver como que são as coisas, né mas foi interessante.

Entrevistadora - E você tem alguma expectativa pro estágio deste ano?

E1 – (22) Eu tenho, quem sabe eu dando minhas aulas, né, tem que saber dar aula, tem que saber do assunto, não dá pra ficar só com exercícios, né. Ah, Michelli sei lá,... assim...eu gosto, eu quero, acho que tô estudando pra isso, como eu falei pra você, só que sei lá eu tenho medo, sabe.

Entrevistadora - Mas medo de que?

E1 – (23) A sei lá de não saber, porque o pessoal assim eles falam muito, igual a (nome de uma professora recém formada), você conhece? Então, eles falam que ela é muito ruim, que ela não sabe nada, os alunos mesmo, sabe, diz que ela não tem controle de aula nenhum, dizem que os alunos fazem o que querem na aula dela.

Entrevistadora – E o seu medo?

E1 – (24) O meu medo é em relação a isso, eu não saber lidar com os alunos, apesar que este ano na faculdade e gente ta tendo muita aula sobre esta interação professor-aluno. E o meu medo é em relação a isso eu não conseguir interagir com eles, sabe, passar alguma coisa, sabe lidar com o aluno, acho que você tem que saber se por dentro da sala, já que você é o professor, você estudou pra aquilo, eles estão estudando ainda, você tem que se...se por dentro da sala, você não pode deixar que o aluno ...é... ficar acima de você, sempre o professor acima dos alunos. Sabendo também que não pode ser aquele professor, assim, rude, né, que tudo fala para o aluno cala a boca..., fica quieto, faz se não eu dou zero, você tem que saber lidar com este tipo de situação. Eu acho que o principal é isso.

Entrevista – E1 Regência

Entrevistadora – E daí como foram as regências?

E1 – (25) Ah, eu gostei viu, foi muito legal, me senti bem realizada mesmo.

Entrevistadora – Explica como aconteceu.

E1 – (26) Olha a gente perde mais tempo preparando as aulas do que dando, né. E eu preparei tudo direitinho, fiz um monte de coisa legal, levei material concreto do assunto da aula pra explicar, sabe. Os alunos de 5ª a 8ª foi muito gostoso, eles prestando atenção na gente, eu fiz alguns experimentos, sabe trabalhei o ar na quinta série, então fiz demonstração da existência do oxigênio, do gás carbônico, nossa foi muito bom, que gostoso!

Entrevistadora – Como os alunos se comportaram diante disso?

E1 – (27) Então, isso que foi o legal, fiquei me sentindo um verdadeiro Einstein, como se eu soubesse tudo porque as crianças ficaram maravilhadas né. Eu comprei todos os materiais porque a escola não tinha nada, imprimi exercícios pra não ter que ficar passando muita coisa no quadro.

Entrevistadora – Eles tem livro ou não?

E1 – (28) Eles têm, mais só usei o texto , os exercícios eu dei os que eu preparei. Os alunos ficaram encantados, sabe. Nossa queria que eu ficasse, falavam assim: 'a professora fica dando aula pra gente, não vai embora não' e eu me sentia né. Só que eu sei que isso foi porque eu preparei tudo direitinho, arrumei as coisas, mas no dia-a-dia não sei se o professor consegue fazer isso.

Entrevistadora – Por que não?

E1 – (29) Porque tem um monte de aula pra dar, né eu dava duas ou três por dia. Claro que quando eu tiver minha sala eu quero ser do jeito que eu fui na regência, quero fazer coisas diferentes, mostrar para o aluno onde está o que a gente ta falando. Acho que isso chama a atenção do aluno. Pelo menos foi o que eu percebi comigo na minha aula. Nossa em comparação com o que eu observei no ano passado, minhas aulas dão de dez, naquela professora.

Entrevistadora – E o professor?

E1 – (30) Olha, ele pouco ficava na sala me observando nem sei baseado em que ele preencheu minhas fichas de avaliação, porque ele assistiu uma ou duas aulas só e pela metade, ele saia da sala me deixava sozinha, isso o professor de Ensino Fundamental, né porque o do Médio ficou quase que o tempo todo na sala, graças a Deus.

Entrevistadora – Mas por que este Graças a Deus?

E1 – (31) Por que? Ah porque o que aconteceu no Fundamental, foi totalmente diferente do Médio. Lá foi difícil, não que eu não tenha conseguido, eu consegui sim, mas é que eu notei que os alunos se comportavam quando a professora estava na sala, esta professora assistiu

praticamente todas minhas aulas inteiras, então quando ela saia um pouquinho eu notava que a sala ficava uma bagunça e eles não queriam nem saber mais do que eu estava falando.

Entrevistadora – Como você reagiu a isso?

E1 – (32) Ah , eu chamava a atenção gritava com eles, mais daí eles paravam só na hora eu começava explicar a matéria de novo e pronto começava a conversa de novo, sabe todo mundo falando junto, eu fiquei sem saber o que fazer, continuava meio sem saber mais o que tava dizendo, porque eu ficava nervosa com aquilo, até que a professora voltava e eles davam uma de santinhos.

Entrevistadora – Isso em todas as aulas?

E1 – (33) Isso em todas as aulas do segundo ano do Ensino Médio, porque eu fiz todas as regências de Médio nesta turma e as de Fundamental eu fiz na quinta e na sétima série. Aqui tudo bem tudo gostoso, mas no Médio, nossa, foi fogo viu.

Entrevistadora – As professoras de Fundamental e Médio eram as mesmas?

E1 – (34) Não eram diferentes, ainda bem, né porque a do Médio nossa ela dava medo hein. Então eu sei que eu me realizei mesmo no Ensino Fundamental, porque os maiores a gente pensa que são mais responsáveis, tem um vestibular pela frente, que nada eles queriam mais é brincar mesmo, a minha sorte, como eu te disse foi que a professora ficava na sala e eles tinham muito medo dela sabe, daí eles ficavam quietos e até prestavam atenção em mim, mas se ela saísse, ai eu tava perdida.

Entrevistadora – Interessante. Fala mais um pouco do seu relacionamento com os alunos durante a regência.

E1 – (35) Olha eu senti que o meu relacionamento com os alunos foi tranqüilo de quinta a oitava, sabe eu ia explicando fazia uma gracinha eles davam risada, criou assim uma amizade entre a gente sabe a gente nas últimas aulas passou a conversar sobre outras coisas além da matéria que eu tinha que dar, sabe, nossa eu contava coisas minhas pra eles, eles pra mim, na sétima já estão começando a paquerar, então nossa foi muito legal.

Entrevistadora – Já no Ensino Médio foi diferente, né?

E1 – (36) Olha foi mesmo viu porque lá eu comecei a ficar, ah, a ficar com raiva deles mesmo sabe porque não estavam nem aí pra minha aula. Não, tinha dois grupinhos que até que eram legais sabe que perguntavam, questionavam a matéria, perguntavam sobre o curso de Biologia, sabe, mas o restante foi tão falso, eu digo falso porque eles perto da professora eram uns anjinhos a hora que ela se ausentava um pouquinho se transformavam, então eu acho que eles eram falsos. Como eu tava dizendo isso me atrapalhou até a se relacionar bem co1.064(que)-2.831915( )-

E1 – (37) Olha depende, no Fundamental eu me senti sim, a verdadeira e com todo o poder, entende, mas no Médio eu acho que eu preciso melhorar muito ainda pra poder ter o controle da sala, saber me relacionar melhor com os maiores, acho que faltou um pouco mais de conversa com eles sabe, é a professora colocou na minha ficha que faltou um pouco de diálogo, bom de repente minha praia são os menores mesmo, né mas eu quero melhorar e poder chegar numa sala com domínio da turma sem ficar dependendo dos outros pra você conseguir transmitir o seu conhecimento, né.

Entrevistadora – Você tem noção de como fazer isso?

E1 – (38) Não sei não mas eu chegava em casa em ficava pensando muito sabe pra que da próxima vez fosse diferente, mas acho que é assim mesmo, os adolescentes não estão nem aí com nada mesmo, querem ficar só na folga, por isso que quando chega o vestibular é uma minoria que passa numa universidade de qualidade, né. É eles que buscam isso, melhor não buscam né, não querem nada. Mas quando eu tiver a minha sala eu não vou desistir, é que aqui foram só trinta aulas, mas quando eu tiver o ano inteiro com a mesma turma eu tenho que tentar fazer alguma coisa, né o que eu não sei, que sabe ser igual aquela professora que os alunos morrem de medo, né!

Entrevista E2 - Observação

Entrevistadora - Em que turmas você fez estágio ?

E2 – (1) No Ensino Médio 1º, 2º e 3º, nas três séries e com a 6ª e 7ª. No período da manhã e à noite.

Entrevistadora - De manhã. E a noite, era EJA, igual o dela?

E2 – (2) Não.

Entrevistadora - Conta aí como era o dia-a-dia da sala de aula, como eram as aulas, os alunos os professores.

E2 – (3) Olha, de manhã os alunos eram bem mais alvoroçados que os da noite. Acho que porque os da noite costumavam trabalhar durante o dia, acho que estavam mais cansados, né o pique já não era mesmo.

Entrevistadora - Mas era Ensino Médio regular ou supletivo?

E2 – (4) Regular, normal, agora os da manhã, era demais, gente, muita bagunça os professores, o professor que eu fiz tanto de manhã quanto à noite do Ensino Médio, era o mesmo né, ele é tipo assim ele dá a aula dele lá, explica super bem, e aqueles alunos que na maior bagunça e ele não se importa ele não pede para os alunos ficarem quietos.

Entrevistadora - Ele não liga, não faz nada?

E2 – (5) Ele não faz nada, ele não chama atenção porque o que ele pensa, pensa assim: 'quem está perdendo são eles e não eu.'

Entrevistadora - Ele chegou a falar isso?

E2 – (6) Ele fala pra mim: 'não tem como eu... não falo nada, eu deixo à vontade deles porque depois no dia da prova eu quero ver o resultado disso', sabe, ele é desse jeito.

Entrevistadora - E fica a sala inteira na bagunça, não tem nenhum grupinho ali pra salvar?

E2 – (7) Não, tem um grupinho que se interessa lógico, até ele não fala muito alto, fica ali falando pra aqueles que estão prestando atenção, mais para aqueles os outros que estão fazendo bagunça ele não dá bola, só dá uma olhadinha ali e deixa entendeu é assim. Praticamente, quase todas salas é assim. Ninguém merece o Ensino Médio acho que, sei lá, bom as fases, acho que o ginásio também.

Entrevistadora - E o dia a dia era tranqüilo ou o professor deixava os alunos sozinhos, os alunos ficavam fazendo trabalho de outra matéria, enfim tinha esse tipo de coisa?

E2 – (8) Não eu nunca percebi, nunca deixou sozinho nunca vi fazendo nada de outra matéria.

Entrevistadora - Ele explicava o conteúdo?

E2 – (9) Explicava, explicava super bem nossa, maravilhoso!

Entrevistadora - Nem assim os alunos não se ligavam?

E2 – (10) Não. Tinha um grupo que era demais, gente, quando revoltava conversando, fazendo bagunça, tacava papel, giz sabe um no outro, grudavam um no outro no meio da sala sabe, fazendo bagunça era desse jeito.

Entrevistadora - Você quer ser professora?

E2 – (11) Olha, eu assim comecei fazer Biologia, eu optei por esse curso pra mim mais pra frente enfrentar uma área de pesquisa como bióloga, não como professora embora agora eu vou atuar como professora.

Entrevistadora - Você entrou como uma intenção, o que te fez mudar? Você entrou com a intenção de partir pra área da pesquisa, e o que te fez mudar e decidir ser professora?

E2 – (12) Na verdade não está decidido ainda não está decido, mas aí como se diz eu estou fazendo esse curso porque depois pra mim ser mais pra frente vai ser melhor pra mim é como eu posso dizer? Para o meu emprego.

Entrevistadora - No mercado de trabalho você quer dizer?

E2 – (13) Também, depois pra eu estudar em uma especialização num mestrado sei lá é pra mim entrar em outros cursos posso eliminar matéria não posso assim que eu penso ser um pouco mais rápido acelerar um pouco o processo.

Entrevistadora - Mas hoje, você quer ser professora ou não?

E2 – (14) Hoje eu quero ser professora mas a minha meta ainda não foi atingida que eu quero conseguir ser bióloga ainda. Quero por enquanto, eu estou querendo por enquanto, eu quero é o que eu vou começar é sendo professora porque mais pra frente eu quero dar aula eu vou pra sala de aula mas eu vou continuar estudando pra mim chegar aonde eu quero na verdade.

Entrevistadora - E o seu querer é sair da sala de aula, deixar de ser professora e partir pra pesquisa ?

E2 – (15) Exatamente. Ah sei lá eu não sei o que eu quero, não sei se eu quero ser professora, eu nunca fiz essa pergunta pra mim. Ai, porque eu quero ser professora ...ah sei lá fugiu, ah, sabe, porque assim meu pai ele sempre falava que meu maior sonho era ter uma filha professora né que seja de Português, que seja Matemática, mas uma filha professora tanto que quando eu fui fazer inscrição para o vestibular porque eu não tinha pensado eu sempre gostei de Biologia só que eu não tinha pensado em fazer Biologia, ai eu pensava em fazer administração daí depois o sonho do meu pai de ter uma filha professora deixa eu juntar as coisas já que ele quer ter uma filha professora e eu gosto de Biologia vou fazer Biologia. Aí resolvi fazer Biologia e também, nossa eu lembro que os professores que eu tive, que é muito bom a gente poder ver transmitir o conhecimento porque tem aluno que fica parado né e o professor lá falando e falando acho que é muito gostoso acho, saber que ele sabe e poder estar ensinando outro também entra um pouco aí.

Entrevistadora - Esses estágios que você fez no Ensino Médio, você acha que esse estágio está te ajudando, vai contribuir de alguma maneira com a sua formação?

E2 – (16) Ajuda, ajuda bastante sim porque é uma maneira de você ver a dimensão de uma sala de aula, de você sentir o que o professor passa, entendeu, ali perante todos aqueles alunos, o que aqueles alunos aprontam, como eles são, uns são bons outros não, como que o professor lida com esse tipo de aluno, como que o professor lida para incentivar o conhecimento do aluno entendeu, é bom por causa disso você vai passar sentir na pele o que o professor passa de verdade.

Entrevistadora - Quando você falou vou sentir na pele o que um professor sente, e o que você sentiu na pele quando você estava lá na sala de aula?

E2 – (17) Olha é fogo viu porque, é bem assim a gente tem vontade de ser professor lógico, você está aqui fazendo o curso tudo bem só que a hora que você vê o descontrole dos alunos... os alunos são demais não sei se eles querem aparecer, se é uma fase sabe, é muita bagunça, nossa, muita conversa parece que você não tem o controle e a profes

Entrevistadora - O que você construiu pra você, o que prendeu, o que você tirou do estágio como uma experiência própria pra você?

E2 – (21) Ah, pra mim foi bom, foi uma experiência diferente né gostei muito de fazer o estágio.

Entrevistadora - Apesar dos pesares, da bagunça, da conversa, você gostou?

E2 – (22) Apesar dos pesares eu gostei porque é convivência, eu gostei da convivência, ah... pra mim foi bom acho que eu tirei uma boa coisa disso.

Entrevistadora - Quais são essas coisas boas?

E2 – (23) Quais são essas coisas boas hahahha... ai, se o pouco que eu tirei disso foi aprender a conviver com o tipo de aluno pra mais pra frente eu já,... sei lá, ter em memória o que eu posso ajudar ou não entendeu de que forma eu posso agir com aluno que se interessa ou que não se interessa acho que a convivência foi bom, com certeza.

Entrevistadora - O que faz você ter essa certeza?

E2 – (24) Ah ...eu tenho o gosto pela coisa, ah sei lá.

Entrevistadora – Como assim? Explica melhor.

E2 – (25) Gosto pelo ensinar mesmo, ensinar, tentar transmitir o que eu aprendi, tentar passar um conhecimento básico porém tentar ensinar, ensinar quem não sabe. Ah....eu não sei porque os dois professores que eu, eu gostei da maneira deles entendeu por exemplo o (nome do professor) igual eu falei pra você os alunos estavam conversando ele foi lá ele fez o papel dele de professor ele passou o que ele tinha que passar e não ficou se importando com aqueles alunos que não queriam aprender, entende.

Entrevistadora - Qual é esse papel de professor que você fala ?

E2 – (26) Controlar disciplina, explicar né e assim... fazer o que ele tinha que fazer dar a aula dele entendeu mesmo que os alunos não estivessem prestando atenção ele ia dava a aula dele e a maneira dele de pensar eu gostava da maneira de pensar dele tipo assim eu estou fazendo o que eu gosto de fazer eu estou dando a minha aula se eles querem aprender que prestem atenção se não querem não. Acho eu vou seguir esse exemplo eu vou ser assim se tiver aluno descontrolando a aula eu quero chegar e dar a minha aula os que tiverem interessados tudo bem no dia da prova vai ter o seu resultado.Os que não estiverem interessados eu não vou ficar sabe chamando a atenção, bom não sei também se eu vou resistir, mas quando eu ver que não estou tendo mesmo o controle eu vou com certeza, tem que deixar de lado quem não quer aprender.

Entrevistadora - Como transcorria a aula dele assim usava livro, fazia leitura, só explicação exercício como era?

E2 – (27) Ele era uma aula expositiva né ele tirava do livro passava no quadro porque os alunos não tinham acesso ao livro só ele tinha aquele livro. Ele passava a matéria toda no quadro depois ele explicava tudo, detalhe por detalhe explicava muito bem, sabe depois que

explicava mandava tarefa e transcorria dessa maneira ele passava no quadro explicava tudo aquilo lá que estava no livro tirava do livro depois a tarefa ... uma atividade.

Entrevistadora - Os alunos faziam essa tarefa?

E2 – (28) A maioria, posso dizer que, posso dizer que noventa por cento.

Entrevistadora - Nossa, mesmo com aquela bagunça?

E2 – (29) Mesmo, acho que era o momento né que fazia aquela bagunça mas pelo menos os exercícios faziam sim pelo menos noventa por cento, não todos lógico, porque sempre numa sala tem uns seis mais ou menos que atrapalham e não fazem nada, né.

Entrevistadora - Você disse que tem uma outra professora que chama a atenção dos alunos exige silêncio tal alguma coisa assim?

E2 – (30) É a (nome da professora), chama atenção exige muito, nossa .

Entrevistadora - Como é que é o transcorrer da aula dela?

E2 – (31) Ela pouco usa o quadro sabe porque daí, estas turmas tem o livro que ela tem então ela pouco usa, só pra fazer alguma curiosidade que não tem no momento no livro aí sim mas aí ela chega ela é pede lá o livro pra eles ou então busca um livro que tem na biblioteca mas que eles não tem de sétima série tal ai ela começa explicar eles vão seguindo, depois ela passa tarefa que tem no livro e eles vão fazendo é assim... então de sempre uma pesquisinha, ela busca os livros traz pra eles tal página pesquisa sobre isso tal pra mim, é assim.

Entrevistadora - Como você avalia tudo isso?

E2 – (32) Foi uma visão boa do que eu vou enfrentar, depois eu estou vendo hoje o que eu vou passar mais tarde, a visão é dos alunos sabe como que são na sala de aula o comportamento, a disciplina, a maneira deles, se prestam atenção ou não para o que, que o professor está falando, esse tipo de coisa, né.

Entrevistadora - Você acha que o estágio te deu subsídios pra você enfrentar isso mais tarde, está te embasando de alguma forma?

E2 – (33) Ah mais ou menos.

Entrevistadora - Em que mais e em que menos?

E2 – (34) Acho que tá sim ...ah ...eu acho que na verdade o que eu senti foi um pouco de medo, sabe.

Entrevistadora - Medo de quê?

E2 – (35) Depois, quando eu tiver uma sala de aula minha de não conseguir controlar todos aqueles problemas, porque eu vejo que a professora passa apurada, tem hora porque é demais, por mais que chama atenção tem aluno que é demais não pára um minuto sabe, igual eu falei pra você um dia uma menina pegou o menino de tapa, de tapa mesmo sabe agredia mesmo, eu

não queria estar na pele dele só que ele também era um insuportável e a professora o que ia falar pedia pra parar mas a menina parecia um moleque gritava e falava ele está mexendo comigo e não sei o que e falava palavrão sabe ... falava em sala de aula e assim a professora não conseguia controlar a situação na hora, então meu medo é esse de não conseguir controlar, não conseguir às vezes passar a mensagem tentar ensinar porque sala de aula tem aluno que por pior que você fale, ele já capta a mensagem que você falou e tem aluno que não, demora um pouco mais você tem que ter um pouco mais de paciência sabe tem que conversar mais fica difícil ...

Entrevistadora - Quando você chegava em casa o que você pensava sobre tudo que você tinha visto, observado enfim..?

E2 – (36) Sei lá, sabe, quando eu saía da sala eu me sentia aliviada, ah porque é muita conversa na sua cabeça sei lá, nossa, mas não é, até os professores mesmo falavam pra mim 'nossa eu não agüento mais' tem hora que eu acho que parece que eu vou desistir porque é muita conversa muita bagunça ai meu Deus do céu...

Entrevistadora - Sensação de alívio, mais alguma coisa?

E2 – (37) Alívio de alívio, um pouco de ansiedade de chegar logo ali de poder estar dando aula mesmo de conseguir chegar ao sucesso ao êxito, que mais, ah de saber dar uma boa aula, ser reconhecida, acho que é isso ...

Entrevistadora - Você já pensou, hoje você está ali só pra observar e daqui a pouco você fazer sua regência, quando mesmo você vai fazer?

E2 – (38) Vou começar na sexta feira.

Entrevistadora - Sexta feira, você já pensou como você vai lidar com estes problemas?

E2 – (39) Isso que eu quero ver é isso que eu quero ver, hahahaha.... mas é isso que eu quero, é chegar lá e sentir tudo que um professor sente, quero sentir de verdade não simplesmente ver e achar que isso é legal e isso não é. Eu quero ver se eu consigo ter controle, eu quero ver se eu vou conseguir estar passando o que eu preparei pra ver se eu consegui passar mensagem quero vê se eu consegui ensinar, se eu consigo prender a atenção daqueles alunos para que eles aprendam o que eu estiver ensinando, é isso, porque a coisa é difícil na hora que a gente está na sala de aula e quando a gente ta na graduação porque aqui nas aulas de didática, estrutura, metodologia tudo parece muito fácil, a metodologia ajuda claro, mas a hora que você vai lá pra prática eu acho que a coisa é diferente, o que eles passam aqui pra gente é uma visão muito certa da escola, a gente faz um plano de aula você põem aquilo no papel, os alunos estão lá prontos pra aprender, não fazem bagunça, né e lá é muito diferente, se sabe, né. O que eles passam aqui pra gente, é bem assim, é uma sala pronta o que eles passam muito é a diferença em termos de nível social, é os alunos o que tem sabe, mesmo sendo em escola pública tem alunos que tem um grau um nível social maior um do outro, por exemplo tem aluno que tem um nível maior e tem aluno na mesma sala que se sai.

Entrevistadora - Qual o sentido que essas aulas psicopedagógicas não contribui?

E2 – (40) Não contribui? As aulas que a gente tem aqui? Às vezes eles passam uma coisa aqui que é vago que a gente chega lá não é igual eles passam aqui.

Entrevistadora - Por exemplo?

E2 – (41) Igual eu te falei, por exemplo, termos de da realidade do aluno. Às vezes você chega lá cada um tem um problema diferente, um problema diferente, aqui eles não expressam todos os problemas, você chega lá tem aluno rebelde, tem aluno que briga um com outro, tem professor que não está nem ai com a sala. O que eles passam aqui, eles nunca passaram pra gente aqui que tem professor que não tem interesse em dar aula, tem um professor que o aluno faz bagunça e chega lá igual eu te falei que a professora não estava nem aí. O que eles passam aqui é um exemplo de um professor perfeito e de uma sala perfeita né, que tem aluno um diferente do outro mas não é igual a gente vê na prática, na prática é diferente

Entrevistadora - Diferente, como?

E2 – (42) Que na prática é diferente, não eu acho assim porque quando você chega na sala de aula cada aluno tem o seu problema, igual eu estava falando daquela menina que ela é revoltada ela quer fazer de tudo pra chamar a atenção professor na sala de aula, não adianta a metodologia dele, ele vai ter que vê conversar com essa aluna ou investigar, conversar com os pais dessa aluna pra vê o que está acontecendo na casa dela. Igual na casa lá como é no ginásio. No ginásio não tem como um professor convocar o pai dessa aluna pra ele conversar, no caso daí se todos os professores achar que esta aluna está incomodando ele vai ter que ir lá conversar com o diretor e o diretor vai ter que conversar com a mãe dessa aluna, o diretor vai ter que descobrir qual é o problema que tem na família dessa aluna que deixa ela revoltada desse jeito. É o que eu falo, cada um é uma coisa, vai saber se na família dela ou na casa dela a mãe dela fica cantando aquelas músicas besteirentas. Ou fica, bate nela, e a mãe dela bate, porque a menina estava com a perna cheia de manchas, ela está com a perna toda roxa e não aprende, quer dizer... eu penso assim, que, que a gente aprendeu que com ela, as aulas da (professora da faculdade), o ano passado ela falou que ela não tinha ... ela dava aula de Estrutura, mais na lei de princípios e bases ela fugiu um pouco da didática, metodologia em prática ela dava mais os artigos, as leis. Claro que é importante, mas acho que pra você aplicar dentro da sala de aula não é cem por cento e esse ano a metodologia aqui ela quer o que? Ela quer plano de aula, ela não se interessa nos problemas que o aluno tem, ela quer que você tenha o esboço, tenha o conteúdo, tenha a verificação de aprendizagem e tenha planejamento, ela não fala nada em termo de ... é... tem também o comportamento do aluno. Tem também, mas ela não fala assim: ‘os alunos se comportaram? Sim ou não?’ Ela nem pede pra colocar exemplo de comportamento de aluno.

Entrevista E2 – Regência

Entrevistadora - Conta como foi sua experiência com regência de classe.

E2 – (43) Ah, até que foi agradável, foi gostoso, assim, pelo menos quando eu estava observando, assistindo, a professora que dava aula ano passado, e percebia que era uma bagunça, né, porque eles eram acostumados com ela, eles não respeitavam, mas o dia que eu fui dar minha aula foi um silêncio total, pelo menos no Ensino Fundamental.

Entrevistadora - O que você fez que conseguiu este silêncio?

E2 – (44) Isso foi só no Fundamental, né, eu acho que era porque eu era desconhecida, eles estavam acostumados com a professora todo dia, entende, então, eu falei sobre os moluscos, desenhei no quadro, levei umas conchas lá que eu tinha, levei também uns caramujos e lesmas pra eles poderem observar sobre o que eu estava falando, né é claro que todo mundo conhece, mais eu acho que quando você vai dar uma aula sobre este tipo de assunto, por exemplo, por mais que já se conheça do que está falando você levar o animal, nossa parece mais verdade o que você está falando. Sabe não teve conversa, eu fui explicando perguntando se eles estavam entendendo, sabe foi desse jeito, não tive dificuldade com eles foi tranqüilo, não sei porque, talvez porque estavam dois professores na sala, né eu ali na frente e ela lá no fundo me avaliando.

Entrevistadora - A professora em algum momento interferiu na sua aula, te ajudou ou te atrapalhou?

E2 – (45) Não, não ela ficava o tempo todo sentada lá no fundo da sala, acho que mexendo com os livros de chamada ou sei lá o que, não interferiu em nada não. Mas eu não esperava isso não, esperava que eles fossem se aproveitar, né eu sou nova ainda, só uma estagiária. Ah, mais daí eu ajudava eles a resolverem as atividades, porque tem aluno que não sabe procurar no livro, a resposta tá ali na cara dele e não acha.

Entrevistadora - Você se sentiu professora?

E2 – (46) Ah, eu me senti poderosa!

Entrevistadora - Por quê?

E2 – (47) Porque eu achei que eles iam se aproveitar da situação, mas percebi que foi diferente, que eu tive o controle de sala, né. É lógico, uma sala de 6ª série, um monte de moleque que fala muito, ano passado eu vi quando fiz a observação como era o comportamento deles e de repente ali eu dando aula foi diferente, é foi melhor comigo estagiária do que com a professora.

Entrevistadora - Será que alguma atitude sua provocou isso?

E2 – (49) Ah, eu parecia um marechal, não sei. Eu sou muito séria, sabe não sou de ficar fazendo brincadeira na sala, tô ali, procuro saber se está sobre controle, não sou de me abrir não. Eu estudei, fui lá e dei minha aula.

Entrevistadora - Você disse que este silêncio foi no Ensino Fundamental, e no Médio como foi?

E2 – (50) Ai, esta parte eu queria até pular! Ah, lá foi mais difícil, não que eu não tenha conseguido, sabe, mas no início eu fiquei com vontade de abandonar tudo!

Entrevistadora - Como foi o decorrer da sua aula no Médio?

E2 – (51) Bom eu tava trabalhando botânica, sabe pteridófita, gimnospermas, angiospermas, então eu levei um monte de folhas de tipos diferentes de samambaias pra gente ver os soros, os esporos no microscópio, enfim eu ia explicando, mostrando e...eu dividia eles em grupos

dedicaram logo de início, mas sei que no final as aulas estavam super gostosas, não tinha mais aquela tiração de sarro, e quase todos estavam participando, e quem não participava também não tirava mais sarro dos outros, sabe eles falavam: ‘o carpinteiro, é vaca que gosta de mato’, nossa uma coisa horrorosa! Mais acho que a minha insistência deu certo e no final das minhas regências os alunos já começaram a falar coisas tipo assim: ‘a professora não vai embora não

Entrevista E3

Entrevistadora – Conta como foram as suas regências?

E3 – (1) Então, na verdade as minhas regências, eu não foi assim nada diferente pra mim porque, quer dizer, tão diferente, porque eu já trabalho em escola e fiz os estágios na escola onde eu já trabalho, então eu já tenho aquela intimidade com os alunos, conheço todos por nome, então quando chegava dentro da sala tratava cada um por nome e isso era muito bom, na hora de chamar a atenção ou pedir alguma coisa. E a experiência que eu tive foi porque, até então, eu nunca tinha chegado na frente de uma classe de aula e dado uma aula, como eu posso falar, que eu tivesse sentindo a responsabilidade de estar passando mesmo conhecimento. Tinha as mini regências que a gente praticava aqui na faculdade, mas aqui a gente não tinha aquela responsabilidade de estar transmitindo o conhecimento, porque a gente estava simulando, então se eles não entendessem, no caso, eles já sabiam. Agora lá não, o professor, é o professor da sala ficou do lado e eu tinha toda a responsabilidade de ensinar pra eles aquilo que o professor teria ensinado se eu não estivesse. Então, cobrou bastante de mim sabe este fato de você sentir a responsabilidade. Mas muito legal porque a gente sabe que eles esperam muito da gente pelo fato da gente estar fazendo a faculdade, eles questionam bastante.

Entrevistadora – Questionam sobre a matéria, ou sobre a faculdade, você diz?

E3 – (2) Isso, os alunos questionam bastante sobre a faculdade, o que a gente aprende, como que é o curso, parece que desperta neles um interesse, 'nossa será que eu já tenho que começar definir se é isso que eu vou fazer, se um dia' né. A gente fez assim vários trabalhos que diferente do que com eles estavam acostumados, porque o professor que está ali, ele tem um jeito de trabalhar. Então você chega, você quer tentar agradar a sala, ai você inventa um monte de moda e acaba realmente conquistando.

Entrevistadora – Você sentiu que isso aconteceu, que houve esta conquista?

E3 – (3) Eu percebi sabe, o fato assim de você usar mais transparências, porque muitas vezes eles estão acostumados ao professor passar no quadro, só, então você fazer uma aula assim mais dinâmica, propor pra eles um trabalho de campo, porque eles gostam muito de sair de dentro da sala. Eles estão ali acostumados só ficar na sala, então você fala que tal dia a gente vai fazer um trabalho de campo, mas nós precisamos de tal material então vocês têm que trazer às vezes eles trazem até sobrando. Então a experiência foi muito boa. Não sei se tem mais alguma coisa?

Entrevistadora – Tem, sempre tem. Você comentou que você sentiu retorno deles, dá um exemplo pra entender melhor.

E3 – (4) Como retorno assim um dos retornos seria que eu fiquei muito contente em ver foi que a gente percebe muita reclamação do professor quando a gente já trabalha em escola, na secretaria principalmente, até porque a minha escola tem a direção só com vinte horas, e ela funciona quarenta. Então, o diretor faz o horário dele na parte da noite, eu trabalho a tarde então esse horário a gente que praticamente responde pela escola, então é aluno sabe que você tem que ficar chamando atenção, às vezes professor manda lá para a secretaria, professora reclama porque os alunos desobedecem, não participam, uma coisa ou outra. E eu nas aulas que eu apresentei, eu não tive esse problema, todos participaram, todos prestaram atenção

sabe ficaram assim, a maioria perguntava, é lógico tem alguns que fica, mas você percebe que ele pelo menos não atrapalha o outro. Agora também não estou atribuindo a incompetência do professor, certo. Porque eu sei que não é um fato de eles se manterem ali quietos prestando atenção, não sou eu, é pelo fato de eu ser novo na sala, apesar deles me conhecer como secretário da escola, mas dentro de sala eu sou novo, então eu sei que é isso, e se eu estivesse ali no dia-a-dia eu sei que eu teria a mesma reclamação do professor. Mas essa foi uma grande recompensa, você conseguir atrair a atenção deles.

Entrevistadora – Foi legal?

E3 – (5) Muito legal.

Entrevistadora – Você dá aula há quanto tempo já?

E3 – (6) Agora não estou dando aula, mas já trabalhei dois anos com crianças, na Educação Infantil.

Entrevistadora – Antes disso você já deu aula em algum outro nível?

E3 – (7) Não, eu trabalho em escola há sete anos, mas na secretaria.

Entrevistadora – E as observações você fez nessa mesma escola, com os mesmos alunos?

E3 – (8) Não, na mesma escola, mas em salas diferentes.

Entrevistadora – Salas diferentes. E como é que foram as suas observações? O que você pode relatar das observações que você fez?

E3 – (9) Nas observações eu percebi isso: que os professores sabe e vem reclamando com a gente: que o aluno não presta atenção. Até porque você estava ali, quando você está falando, você está na regência, então você acaba muitas vezes passando despercebido uma ou outra. Quando você está só observando, olhando todos os cantos você vê aquele aluno que de repente o professor está lá explicando, ele está riscando o caderno, uma coisa ou outra sabe, jogando bolinha de papel no tubinho da caneta no teto da sala, então até que responder professor, por exemplo, esse tipo de coisa eu não percebi quando estava. Mas já é o fato de ter um observador, que o professor também já alerta eles né, tem alguém observando, então eles se comportam um tanto. Mas questão de ficar um pouco desligado eu percebi, quando estava observando.

Entrevistadora – E quando você foi pra regência você acha que, ah foi com alunos diferentes?

E3 – (10) Com alunos diferentes. Um ou outro que aconteceu de, por exemplo, reprova alguma coisa então coincide, mas eu preferi fazer em sala diferente pra estar conhecendo melhor os alunos como que é dentro da sala.

Entrevistadora – A turma é em qual período, que você fez?

E3 – (11) Eu fiz, foi oito aulas no vespertino e vinte seis ou vinte oito aulas no noturno. Porque eu fiz dois horários, porque a gente era pra fazer trinta, quinze no Ensino Médio e

quinze no Fundamental. Então acho que acabei fazendo trinta e seis aulas no total. Porque nós fizemos, a minha escola é uma escola rural certo, e os professores são da cidade, só tem uma professora que é do local. Então acontece de perder muita aula, certo, chuva uma coisa ou outra, então a gente perde bastante. Então o que a gente faz? O aluno não pode ter prejuízo, então quando dá uma certa quantidade de aulas, a gente combina com os alunos e vai num dia de sábado repor essas aulas. A gente faz lá um dia inteiro de aula, certo. É das oito até as quatro cinco da tarde. E nessas aulas, que foi uma das que eu participei e que eu fui o professor deles o dia inteiro.

Entrevistadora – Ah, você foi como professor, legal e daí?

E3 – (12) Eu fui como fazendo a regência, então o professor acompanhava. Então o professor acompanha, a gente fazia trabalho, foi nesse dia que eu fiz o trabalho de campo. Levei eles para o rio, quando a gente trabalha questão de mata ciliar, você está falando e chega lá pra você mostrar pra eles ali: 'ó essa mata deveria estar até um tal lugar, essa árvore não poderia ter sido cortada, essa pequena valeta que está surgindo aqui vai se tornar numa voçoroca', sabe essas coisas que você fala teoricamente e que o aluno parece não capta, quando ele sente na pele desperta uma atenção muito grande sabe. Tipos de animais, qualquer animal eles já querem saber. 'Ah mas esse aqui é um inseto', aí você já aproveita e dá uma puxadinha de orelha, é, 'mas só que inseto' não precisa que você tá vendo aqui porque tem lembra das normas lá que tem três pares de patas é inseto, se for quatro é aracnídeo, sabe esse tipo de coisa. Então é legal.

Entrevistadora – Legal. Você gostou?

E3 – (13) Gostei.

Entrevistadora – E você acha que se embasou em alguém pra dar as suas aulas?

E3 – (14) Não, eu acho que eu criei meu próprio estilo, certo. Eu, o que eu acho, o que eu percebi, pelo menos no meu aprendizado, que você não pode chegar na frente e só falar, sabe se você só falar, falar, falar. Eu me cansava, quando eu estudava e estudo até hoje, então a gente, eu acho que o professor que fala muito a gente se cansa bastante, então eu procuro sabe na minha aula eu procuro fazer uma piada. Então eu estou falando aqui com você, ao mesmo tempo que eu estou aqui explicando pra sala eu estou tentando buscar alguma coisa, sem fugir da matéria, certo, eu transformo a minha explicação numa piada. Porque aquele um que, de repente, começa às vezes ficar despercebido, quando ele começa riscar o caderno, você faz uma graça assim ele nem prestou atenção no que você falou, aí a sala inteira dá aquela risada dentro da sala, sabe e ele levanta apavorado pra saber e ai pergunta: 'o que aconteceu?'

Entrevistadora – E isso acontecia na sua aula? Nessa regência?

E3 – (15) É, isso não acontecia na minha regência porque assim, como diz, ele ficar despercebido não aconteceu, como diz, no começo eles mais assim eu fiz as brincadeiras, certo, eu fiz e eles riram. Mas não houve a necessidade de fazer pra chamar a atenção de alguém, mas eu sei que quando eu tiver todo dia e isso vai acontecer, então já estou criei, não sei se criei, quer dizer, copiar eu não copiei, eu busquei assim sabe um jeito, talvez outra pessoa já faça essa prática, mas é foi legal.

Entrevistadora – Qual a contribuição que este estágio trouxe para sua formação? Formação de professor? Vocês estão saindo agora professores, né, Licenciados em Ciências Biológicas, é pra dar aula. Qual a contribuição que este estágio teve?

quer ser admirado e isso é uma prática do ser humano gostar de ser admirado, então aí você vai gostando cada vez mais.

Entrevistadora – E foi a partir daí que você que apareceu a vontade de ser professor, ou não? Ou nada a ver?

E3 – (21) A vontade de ser professor, na verdade, despertou quando eu comecei a trabalhar em escola. Eu comecei a trabalhar em escola e trabalhando no meio de um punhado de gente que era tudo formado, que tinha uma faculdade. Aí você começa a se sentir assim se eles têm, eu também preciso ter, eu também preciso crescer, eu não posso me contentar com o que eu tenho. E ai eu coloquei na minha cabeça que um dia eu faria uma faculdade. Só que eu tive medo de fazer o vestibular várias vezes eu quase fiz, mas eu não podia manter o transporte que era muito caro, eu moro a 125 quilômetros daqui, (nome da cidade) aí quando eu vi que dava, eu encarei, fiz e contei um pouco com a sorte sabe, primeiro vestibular que eu fiz na vida passei, comecei a estudar, teve dias que eu tive vontade de chutar o balde, não, não agüento mais, eu gostaria de me formar, mas eu não agüento mais.

Entrevistadora – Todo mundo que faz faculdade já passou por isso um dia.

E3 – (22) Mas ao mesmo tempo eu pensava: se eu fizer isso, estou me entregando e eu não posso me entregar, não posso deixar que a dificuldade me derrube. Então tentei e estamos a um mês praticamente do final do curso, todo empolgado agora. E se Deus quiser vou seguir a carreira de professor sim.

Entrevistadora – Porque você escolheu ser professor de Biologia?

E3 – (23) Biologia, eu sempre me simpatizei muito com a matéria viu, agora na verdade...

Entrevistadora – Na época que você estudava ainda?

E3 – (24) Isso. Mas um pouco foi falta de opção. Se tivesse História aqui, eu teria prestado para História. Eu gosto muito de história, mas hoje eu não me arrependo. Depois que eu comecei a fazer o curso de Biologia ai eu me apaixonei de verdade, apesar de ter umas coisas meio difíceis, genética muita Matemática e Matemática. Então é o fato da genética ter muita Matemática e eu tenho muito... eu tenho muita dificuldade em Matemática, então, mas na verdade eu acabei gostando. Hoje tenho, eu até tenho vontade de, tenho vontade não, eu gosto da genética o problema pra mim é a Matemática. Lembra lá do qui-quadrado, aquilo lá mata a gente. E depois o (nome do professor da faculdade), e o ciclo de Krebs. e depois ainda o Ciclo de Calvin.

Entrevistadora – Você se sentiu professor no momento do estágio?

E3 – (25) Me senti, no momento em que eu estava na frente dos alunos, eu me senti realmente ali professor da sala, começa logo a me enxergar como se aquela classe fosse minha, sabe assim. Será que o ano que vem eu vou ter uma classe pra mim, poder chegar sabe, porque muitas vezes você fica um pouco inibido em dá sua aula porque você tem medo se estar atropelando alguma coisa que o professor não gostaria que fizesse, entendeu. Eu pelo menos senti essa insegurança, sabe você está ali, explicar a matéria, então de vez em quando você dá uma olhada para o professor que está no canto, pra ver ... não deveria ter falado isso, isso ai pode ser mais pra frente, ou sabe então isso ai que deixa a gente um pouco inseguro na

verdade, mas quando a gente tiver, quando eu tiver a minha sala ai eu vou estar mais livre. Cometer erros eu sei que vou, apesar de ter ido muito bem nos meus estágios, mas eu sei que ninguém é perfeito e que quando eu entrar na sala eu vou cometer erros. Uma coisa muito importante para nós é como eu disse é que nós vamos estar servindo de espelho então nós precisamos, professor não só professor, qualquer profissão, mas principalmente professor que ele está modelando novas pessoas, então ele tem que ter muita humildade, sabe. Aprender se redimir dum erro, por exemplo, eu falei aqui eu dando aula de repente eu falei um tamanho de uma besteira e eles não sabem eles engoliram. Se eu depois perceber que eu falei esta besteira, eu devo chegar na sala e falar eu falei tal coisa, concordam? 'Ah, concordamos professor.' Pois desconsidera porque eu estava errado, porque muitas vezes se alguém lá percebe, eu posso até me corrigir, mas se alguém não percebeu eu fico quieto na minha e isso pode causar um problema mais tarde para esses alunos, então o professor tem que ter humildade, muita humildade saber que ele lida com pessoas diferentes, ele lida com negro, com branco, com pobre, com rico, com favelado, com drogado sabe com aquele um que é filhinho de papai que todas as mordomias, com aquele outro que vive com o pai que chega bêbado e bate na mãe. Então tem que aprender a diferenciar esses tipos de coisas dentro da sala de aula, porque muitas vezes eu posso sacrificar um aluno sem que ele mereça.

Entrevistadora – Como era o seu relacionamento com os alunos ?

E3 – (26) Receberam pelo assim, como eu já disse, eu já conhecia todos então já cheguei brincando. Cheguei falando assim: 'professora aquela cadeira é sua você vai sentar que hoje eu vou dar aula. Ah mais por quê? Eu vou dar aula e vocês ficam quietos, tá!' Mas num tom de brincadeira sem usar a autoridade, então aí a gente já tinha aquele relacionamento como amigos. Porque toda vida sempre lá na escola o fato do diretor não está, sempre um recado ou outro chamar atenção da sala a gente tem que ir então todas às vezes de eu entrar como regente na sala eu entrava na sala às vezes pra dar um chega pra lá na turma toda ou quando precisava de um aluno numa sala particular. Aqui não existe aluno e professor ou funcionário cá outro lá, então aqui existe um grupo, um laço de amizade que vocês possam tratar a gente como se fossem funcionário da escola que qualquer coisa que estou fazendo preciso esconder porque o funcionário pode ver, aqui vamos ser bem liberal e usar a amizade pra resolver tudo. Então uma comunidade muito boa sabe.

Entrevistadora – E as aulas da prática de ensino vocês tiveram?

E3 – (27) Pelo estágio supervisionado?

Entrevistadora – As aulas daqui ajudaram você?

E3 – (28) Contribuiu bastante, porque na prática de ensino é que a gente vê as normas, então você lê obras de grandes educadores, como foi Paulo Freire, como foi outros educadores aí, então isso contribui muito, sabe, bastante.

Entrevista – E4

Entrevistadora

nervosa, até que depois ela chegou a conversar comigo, no dia da recepção não, foi tudo ótimo, ela me recebeu bem sabe bem, então vamos. Só que depois que ela ficou sabendo que eu já estava trabalhando também em Jataizinho como professor daí ela passou a ter mais preocupação daí ela veio conversou comigo realmente.

Entrevistadora - Mas ela falou que você estava incomodando, alguma coisa assim?

E4 – (6) Ela não, dessa forma diretamente, ela falou assim não era necessário mais ir assistir as aulas dela que ela pegaria e assinaria sem problema nenhum as minhas fichas né, e que não teria mais segredo nenhum, uma vez que eu era professor e que eu estaria vendo ela como professora então ela pegou e me dispensou então eu assisti com ela foi cerca de umas quinze, dezesseis aulas mais ou menos que eu assisti com ela. Daí quando ela ficou sabendo, um dia a gente estava conversando tal daí ela pegou e falou: 'porque você está fazendo estágio comigo não tem necessidade, o que você vê lá você vê aqui. Mas assim, pelo menos o nível era o mesmo ela tava trabalhando com 7ª e 6ª série e eu também tinha 7ª e 6ª série. Só que eu não trabalhava da forma como que ela trabalhava sabe, eu achei bem ultrapassado, um método bem assim... para a situação com dos alunos seria bem que assim meio que fracassado não estaria construindo conhecimento sabe, ela se baseava muito assim de questões, que ela passava durante todo o percorrer da aula de carteira em carteira corrigindo pergunta por pergunta no caderno e dando a resposta em voz alta como um ditado sabe, ela não mantinha, ela não dava aquela explicação, eu, então achei meio falho nisso aí só. A única incidência que aconteceu foi essa, porque quando ela descobriu não foi assim descobriu, a gente estava conversando normalmente só que eu que não tinha comentado ainda que eu estava dando aula daí ela pegou e me dispensou de observar ela é só isso que aconteceu.

Entrevistadora - E o seu relacionamento com os alunos, tinham alguma forma de contato ou era indiferente para os alunos você estar lá no fundo?

E4 - (7) Na hora que eu cheguei, que eu entrava em cada sala foi normal, não aconteceu nada demais assim, eles se olhavam muito entre eles tal, daí tinha um que era o desafiante e olhava para professora né e perguntava quem era, quem era, tal sempre tinha assim aí ela falava, ela me apresentava tudo certinho tal, mas não tinha problema nenhum com eles, eles se sentiam bem normais só que às vezes igual ela falava pra mim, 'mas é só porque você está aqui hoje, porque eles são mais alvoroçados eles estão envergonhados', tal mas...

Entrevistadora - A sua presença na sala servia até para controle de disciplina ...

E4 – (8) Ela dizia pra mim que a turma era mais alvoroçada tal, mas por eu estar ali naquele dia não, eles estavam mais calmos tal, mas não tinha problemas com eles não, mas também eu não tinha muita relação com eles porque foi um pedido mesmo da direção e dela, e outro também a gente já vem preparado da faculdade que em momento nenhum a gente deveria interromper as aulas que a professora estivesse ministrando a não ser que ela pedisse a opinião nossa em sala de aula, se ele pedisse tudo bem, a gente dava nosso parecer se ele direcionasse a gente a ajudar algum grupo por exemplo na sala de aula, um trabalho em grupo dentro da sala de aula, se ele direcionasse sim

Entrevistadora - E a professora chegou a pedir algum dia que você cuidasse da sala ou que participasse de alguma atividade?

E4 – (9) Nunca. Não, ela nunca pediu não, mesmo se ela precisasse ausentar da sala por uns minutos para atender um telefonema, mas ela nunca chegou a pedir nada, eu sempre continuava lá no fundo da sala só observando mesmo.

Entrevistadora - E a rotina da sala, todos os alunos ficavam centrados naquela matéria ou às vezes ficavam fazendo tarefas, atividades de outros, bagunça, ficava entrando alguém para interromper a aula, tipo falar com a professora, como é que era esse tipo de coisa, a rotina ali do dia a dia, como transcorria?

E4 (- (10) Não, às vezes o que acontecia assim, era de um dos secretários ou até às vezes a diretora vir na sala para dar algum recado ou então mesmo querer falar com a professora. Mas coisa assim de instantes minutinhos pouca coisa, nunca foi muito não, os alunos nunca teve um incidente grande que incomodasse a aula de tal forma que o professor precisasse superar na disciplina sabe, mas não teve um incidente grande né. Dessa forma, não tinha assim conversas, os alunos estavam conversando às vezes um ou dois conversando três mas o professor chamava atenção e logo cessava mas fora isso...

Entrevistadora - Como era o transcorrer da aula dela desde que ela entrava, como ela conduzia a aula?

E4 – (11) Bom, é...então foram... eu observei ela somente um período, o vespertino, o período da tarde, eu pegava sempre as mesmas turmas né, era um total de quatro turmas diferentes e eu observava que era sempre da mesma forma sabe: ela entrava, ela abria o livro no conteúdo que tinha trabalhado até na última aula daí dificilmente ela explicava conteúdos, dificilmente. Ela sempre abria o livro e eles faziam leitura em voz alta ela junto com os alunos todos ao mesmo tempo...

Entrevistadora - Todo mundo junto?

E4 – (12) Todo mundo junto na maior altura pegava olhava colocava

hahahaha

E4 – (13) Exatamente, seria o caso igual 1ª série.... daí lia né, eles faziam leitura em voz alta e depois logo em seguida como todo capítulo de livro já vinha as atividades logo em seguida sabe, e ela falava pra eles fazerem aquelas atividades né, daí sempre tinha lá do 1 ao 10 ou então quando ela via que o conteúdo era muito extenso e tal, ela sempre ficava pela metade do capítulo e ela mesmo passava as perguntas no quadro e sempre eram do tipo estudo dirigido 10 questões sempre assim... dessa forma, sabe..

Entrevistadora - Você chegou a ver alguma avaliação?

E4 – (14) Não, eu não tive nenhum contato com as avaliações dela, mas assim, pelo que os alunos comentavam eles não iam muito bem nas provas não sabe, sempre era o que eles alegavam que a disciplina era difícil e que eles não iam muito bem, que estavam com notas baixas e tal, sabe.

Entrevistadora - E essa observação que você fez, o que você acha que você conseguiu tirar pra você? Construir pra você, para o seu conhecimento quando você for ser professor ?

E4 – (15) Bom, particularmente assim, pelo...a grosso modo, eu acho assim, que eu não seguiria o método dela, porque eu praticamente assim no meu estudo de Ensino Fundamental e Ensino Médio não fui assim embasado dessa forma, foi totalmente diferente tal, claro que algumas coisas assim não eram tão diferentes como estudo dirigido uma coisa e outra, mas da forma com que ela fazia... apenas leitura e de responder questão sabe, eu acho assim que não é muito certo o professor fazer isso, porque o certo mesmo, a sei lá, mas eu acho que é o professor buscar além daquilo, trazer inovação para a sala de aula, chamar atenção do aluno de uma certa forma sabe, fazer que cada dia seja um dia diferente para o aluno ter vontade de aprender, sabe...

Entrevistadora - Então, em outras palavras, você seria diferente dela quando você for pra sua sala de aula?

E4 – (16) Exatamente, eu seria isso: procuraria um outro método, sem ser aquele que ela estaria utilizando, fazendo todo dia a mesma coisa.

Entrevistadora - Que pelo menos alternasse ...

E4 – (17) Exatamente, e é o que eu não consegui é ver isso, porque por eu estar sempre assistindo quatro turmas diferentes eu sempre reparava que era sempre a mesma rotina de sempre: chegar, a leitura toda junta, estudo dirigido e acabou. Eu acho que não seria o ideal pra se aplicar

Entrevistadora – E no outro colégio como foram as observações?

E4 – (18) No outro colégio eu fiz com 6ª e 7ª série do Ensino Fundamental e 2º e 3º ano do Ensino Médio. Bom foi normal. Porque por um lado essa professora, ela foi a minha professora também antes de eu sair do Ensino Médio sabe, e ela de certa forma assim, ela sempre traz uma inovação sabe, ela sempre traz uma curiosidade, uma forma de chamar a atenção do aluno, é diferente sabe, ela não fica preocupada com aquele negócio, assim, eu tenho assim que fazer uma leitura dar um exercício pro aluno fazer tal..., não ela faz com que o aluno trabalhe um pouco a perspectiva, a visão, tenta trazer para a vida do aluno qual a importância daquilo ali, é muito diferente sabe, nada a vê com a outra professora. Mesmo sendo uma aula expositiva, mas é uma conversa não seria uma aula e sim uma conversa com os alunos, eu pude notar que ela diferenciou bastante em relação a professora da outra instituição.

Entrevistadora - Do mesmo jeito que você me descreveu o transcorrer da aula do outro colégio, transcreve como era a aula nesse colégio.

E4 – (19) Ela chegava sempre na sala de aula, ela colocava no quadro negro os principais tópicos que ela estaria comentando naquele dia naquela aula... daí ali e colocava, os alunos copiavam tal e dali eles colocavam o lápis em cima da carteira e ali vamos partindo da conversa. E ali ela ia explicando ao mesmo tempo que ela estava passando conteúdo a gente podia ver que eles estavam entendendo de alguma forma porque eles também estavam questionando, sabe, então isso eu consegui observar, assim... foi no percorrer de umas vinte aulas mesmo que ela sempre estava trazendo coisas diferentes, coisa que algum não fazia e às vezes ela sempre começava uma aula diferente em relação a aula passada. Ela nunca ficava só assim... por exemplo... vou entrar passar uns tópicos, vou dar as perguntas, os exercícios qualquer... às vezes ela entrava na sala de aula mandava eles formar grupos de três quatro

pessoas ali ela poderia estar passando algumas perguntas tal, que a gente podia notar que não era realmente aquelas perguntas assim que estariam as respostas nitidamente no texto, sabe.

Entrevistadora - Só tirar do texto e colocar no papel como disse que eram as questões da professora da outra escola.

E4 – (20) É, não era isso, eram umas perguntas meio... tinha que pensar... tirar tipo uma situação e em cima daquela situação, trabalhar no contexto tipo histórico, seria então... eu acho assim... estaria construindo melhor o aprendizado dessa forma sabe, porque ela estava levando o aluno pra mentalizar, pensar melhor aquilo sabe, qual seria a resposta dele em relação aquilo o que estaria acontecendo ali então eu achei muito melhor, não tem nem comparação com o que eu vi na outra escola, passava longe, assim ...

Entrevistadora - Você sentia que os alunos se prendiam nessa aula, ou pelo menos parte?

E4 – (21) Bom, eu sei que eles sempre, tudo o que eles iriam fazer eles sempre perguntavam: 'professora vale nota?' Quando era em relação a algum trabalhinho, mas se era em questão assim à aula expositiva, no caso a explicação dela, eles se prendiam sim, porque era interessante, porque de vez em quando ela fazia pergunta alguma coisa e eles logo a professora não era aquilo que acontece assim, assim assado naquela situação tal daí o professor puxava daquilo que o aluno tinha falado e jogava em cima daquilo que ela estava apresentando sabe, então eu acho assim, que o certo é assim, porque havia uma conversação ali em cima dos conhecimentos prévios do aluno e em cima do conteúdo, sabe.

Entrevistadora - Ela utilizava os conhecimentos...

E4 – (22) Utilizava, é, então assim, tinha mais aproveitamento de conhecimento sabe, é isso que eu acho que é importante sabe, o que vale, é você valorizar aquilo, mesmo que seja assim... ah meio vago, às vezes é meio vago, mas não deixa de ser um conhecimento que o aluno esta trazendo que ele já tem, né.

Entrevistadora - Isso de quinta a oitava série, e no Ensino Médio, você notava alguma diferença ?

E4 – (23) Não, ocorre uma diferença: o Ensino Médio é, os alunos já eram mais críticos mais questionadores então eles buscavam extrair mais do professor, agora no Ensino Fundamental não né, realmente não seria os parâmetros da outra né, da outra professora, mas os alunos não tinham esse poder ainda de crítica.

Entrevistadora - Só recebiam, receptores passivos.

E5 – (24) Exatamente eles estavam ali para receber conhecimentos então ela pegava dava aula normal ela... fazia exposição mais... eles faziam muitas atividades, mas não aquelas atividades de estudo dirigido tal, ela sempre trazia também é... palavras cruzadas, enigmas, então isso mostrava que ela variava nas atividades, mas sempre em cima do conteúdo, porque também é... eles são praticamente crianças né, então é difícil alguma criança aprender alguma coisa assim de imediato.

Entrevistadora - Conta um pouquinho agora das suas observações nas turmas de Ensino Médio.

E4 – (25) Observação na turma do Ensino Médio

Entrevistadora - O que você observou, o que você notou, a rotina na sala de aula, enfim o que você viu lá que foi interessante, que chamou a sua atenção?

E4 – (26) Bom, no Ensino Médio, principalmente no terceiro ano, que... a gente é... bom nós estagiários poderíamos perceber o seguinte: que eles se centravam mais sabe, parecia que eles

apresentava. Por exemplo assim: hoje nós vamos ver tal assunto tal... ah, vocês sabem aquele negócio que acontece lá em casa tal assim, assim assado, então é isso gente é em relação a isso, então ela ia conduzindo através disso, fazendo com que o aluno entendesse alguma coisa em cima daquilo. Logo de início era sempre dessa forma.

Entrevistadora - Aproximar ao máximo dele

E4 – (32) Porque para tornar aquilo mais visível sabe, pra ele tornar uma coisa mais maleável, para que ele possa entender realmente o que estava sendo tratado, daí depois claro, ela dava uma aprofundada, porque realmente chega uma hora no conteúdo que tem que ser aprofundado pra que haja melhor entendimento né, mas o embasamento era sempre esse que ela fazia, sabe...

Entrevistadora - Tem alguma coisa que aconteceu em todos os seus estágios, que você achou interessante, que foi legal, que chamou a sua atenção, que te marcou, um episódio, um aluno, um professor na escola, enfim tem algo assim que você não esqueceu, que te marcou?

E4 – (33) Bom, eu nem sei, mas eu achei assim de certa forma interessante, porque eu acho assim, que primeiramente o professor, não só o professor, mas qualquer profissional, ele tem que se orgulhar, ele deve gostar daquilo que ele faz né, e eu notei que com essa professora que eu trabalhei no (nome do colégio) os alunos não tinham somente aquela relação: a ela é minha professora e eu sou aluno dela, não, tinha uma coisa, além disso, sabe..., daí mas não em sala de aula, mas em sala de aula a gente via que tinha um certo carinho envolvido tal, mas assim na hora do intervalo que ela estava descendo as escadas, indo para a sala dos professores ela encontrava com um aluno, outro e oi fulano, oi isso, aquilo tal, dá uma risada, um oi, tal, uma conversa, isso pode parecer insignificante pra muita gente, mas só que às vezes pra uma criança que não tem um oi, um carinho do pai em casa, é diferente... sabe... e eu notei essa certa diferença porque os alunos tinham um respeito por ela sabe, assim uma certa admiração, ah, era diferente e era o que não acontecia lá no (outro colégio) com a outra professora. Eu acho que ela estreitava tanto os laços entre professor e aluno que ela era ali... estava ali como profissional apenas, apenas para trabalhar e nada a mais além daquilo... sabe, e ela, os alunos não demonstravam assim afeição aproximação por ela eles sempre se mostravam restritos apenas ela estava ali para ensinar alguma coisa pra vida alguma coisa de conteúdo e apenas isso nada mais e saindo da porta pra fora acabou era tudo normal não tinha mais nada né, eu acho até que dificilmente se perguntasse pra ela qual é o nome de um aluno apresentasse pra ela como se chama aquele aluno, acho que dificilmente ela saberia... bom foi isso que eu observei

Entrevistadora – Então fala um pouquinho mais da relação dessa professora que era amiga. Comenta um pouquinho mais sobre essa relação dos dois, o que mais você pôde observar dela e dos alunos ?

E4 – (34) Bom, em sala de aula assim, em sala de aula eu observava mais pouco porque eu via que às vezes ela tinha que realmente, estar trabalhando o conteúdo, o assunto com eles, mas eu podia observar às vezes, que quando os alunos estavam meio ressabiados naquele dia, ou não estava prestando muita atenção na aula, ela ia perto assim numa forma de brincadeira... ela chamava a atenção do aluno... ô fulano, o que você esta vendo lá fora? Ô fulano, o que está acontecendo? Tal, conta pra mim eu também quero saber tal... dali o povo já dava risada... o aluno também às vezes se sentia bem ou às vezes ela podia perceber o dia que o aluno não tava muito certo não tava muito bem que às vezes ele estava meio triste, meio pra

baixo tal, sabe, mas na maioria das vezes ela sempre conversava com o aluno fora da sala, porque uma vez, estava esperando para colher a assinatura dela do lado de fora, daí ela até que um aluno falou que estava precisando falar com ela, daí eu sei que ela ficou lá, sei que ela perdeu quase o intervalo inteiro ficou uns 15 minutos só conversando com esse aluno, sabe, eu sei que depois que eles conversaram, conversaram, daí ela veio conversar comigo: 'desculpa pelo atraso estava resolvendo um problema com um aluno que estava precisando conversar'... e não sei, sei que na maior parte que a gente podia ver é que na hora do intervalo se eu conversasse com os alunos perguntando o que você acha a professora (nome da professora) tal, daí os alunos sempre falava, a não ela é muito 10 ela é muito boa, ela é legal isso aquilo, eles tinham uma certa admiração sabe, acho que ela buscou de uma certa forma construir aquilo ali, ela não era ali, sabe, apenas uma professora, ela não estava ali só pra trabalhar e nada a mais do que isso, ela estava levando algo de mais e a gente também né, sabe que isso ai atrai o aluno também

Entrevistadora - Você notava que esse bom relacionamento dela com os alunos, se isso favorecia de uma certa forma o desenrolar desenvolver da aula ?

E4 – (35) Acho que sim, viu Michelli, porque a partir do momento que basta que você saia na rua, por exemplo, você cumprimente uma pessoa estampe um sorriso pra ela alguma coisa, isso ai é motivante pra pessoa né, acho assim, que a pior coisa que existe é você chegar num ambiente em que você não se sinta bem ou então que você está ali por uma obrigação e você fale a meu Deus, hoje tenho que ir trabalhar ai que horror... como você já vai para uma sala de aula? Que motivação você vai dar para os seus alunos? Você não tem, você vai dar o que pra eles, não é? E como um aluno vai olhar pra você e vai falar assim 'nossa esse professor ele é legal, ele conversa, ele brinca, ele sabe dividir as horas tudo certinho: hora de estudar é hora de estudar, hora de brincar é hora de brincar de conversar' tal, sabe, é diferente, acho assim o professor hoje em dia, ele não deve se prender apenas a conteúdo, a livro didático, ele não deve olhar o aluno assim apenas como um objeto que tá ali, como muitos hoje em dia olham né, essa é uma realidade ele tem que buscar mais o aluno, sabe, buscar o aluno além do ser humano ele tem que buscar ali é ....o indivíduo que está se preparando pra viver sabe, porque até então, ele não é formado pra isso, ele ainda não tem um relacionamento, o relacionamento às vezes ainda é tão estreito entre a família em casa pai, mãe, irmãos, então é diferente, Michelli.

Entrevistadora - Agora mudando um pouquinho de assunto, porque nós estavamos falando bastante das pessoas, alunos, agora vamos falar sobre você, o que que você sentiu, o que você acha que produziu, construiu, como essas observações no colégio que te ajudaram, como você acha que isso vai te ajudar quando você for para a sala de aula, depois de você terminar a sua faculdade?

E4 – (36) Igual eu acabei de falar, eu penso assim, Michelli, que a gente primeiramente em qualquer profissão, a gente deve chegar mais, chegar com vontade, sabe, a gente tem que saber superar muita coisa na vida, né e ver as pessoas de um modo diferente, sabe, não ver como uma barreira entre elas e tentar o máximo possível. Primeiramente chegar a ela e entre os colegas de turma e de sala e também criar amizade, porque é a partir da amizade que tudo começa, a partir do momento que você cria laço com o aluno, com uma sala, sabe, isso começa a desenvolver o que? A amizade, e a amizade é um sinal bom de desenvolvimento de trabalho.

Entrevistadora - Em outras palavras o que você construiu com isso ?

E4 – (37) Bom, então né, o que eu construí com isso é que nós que estamos nos preparando para entrar no mercado de trabalho entrar como professores né, nós devemos pensar é que nós não0 0 rg q 8.15(né)-.0204( )2501(ho)-15.9574(e)-l(que)-13.44mpr-13.4472(bal.40381(r)i2.0421(,)-5..9574( )-

E4 – (45)

Entrevista – E5

Entrevistadora - Você quer ser professor?

E5 – (1) Eu quero.

Entrevistadora - Por quê?

E5 – (2) Porque eu acho uma profissão importante, que eu gosto, eu acho que eu sei fazer de uma forma legal e vou conseguir me aprimorar, acho interessante, que me dá um retorno legal pessoal.

Entrevistadora - Como seria esse retorno pessoal?

E5 – (3) Bom, retorno porque tem algumas pessoas que não são todos claro, ainda mais agora que estou dando aula num colégio público que se mostra interessado nas aulas, num turno pior ainda mas tem pessoas que você sabe que tem interesse, por exemplo, num colégio público sabe que uma pessoa que está ali no curso noturno trabalhou o dia inteiro e chega lá tem força de vontade para aprender e depois ainda essa pessoa vai ter uma chance de entrar na universidade se tornar um profissional e você fez parte do que essa pessoa é do que essa pessoa vai ser e acho que parece importante porque tem uma função primordial acho que intelectual futuramente e pessoal também.

Entrevistadora - O que fez você escolher Biologia ?

Entrevistadora - Você chegou a começar o curso ?

E5 – (5) Não, bom eu fiz vestibular na UEL para odonto e na hora vi que eu não tinha passado e desisti de ir atrás saber informação vim aqui prestei pra Biologia, olha não vou prestar por fazer odontologia não é minha mesmo vou fazer Biologia de uma vez já e depois que já estava fazendo Biologia que eu fui ver que eu havia passado em odonto então, mas até foi bom se não eu ia começar fazer provavelmente não tinha continuado não era minha praia mesmo, assim sabe o que é com certeza o curso que eu tinha mesmo escolhido

Entrevistadora - Você pode acabar conciliando as duas coisas.

E5 – (7) Lógico de repente é bem por causa disso, as pessoas querem pesquisar você está na universidade você é obrigado a dar aula então tem muitos professores que estão aí que eu sei que a função deles não é dar aula eles entram aqui para pesquisar eles são obrigados eles dão aula alguns, eu tive uma professora no primeiro ano que a primeira coisa que ela chegou na sala de aula ela falou: 'olha eu não gosto de dar aula eu estou dando aula, obrigada eu estou e pronto vocês colaborem.'

Entrevistadora – É, ela foi bem clara!

E5 – (8) Foi bem clara pra mim foi chocante porque na primeira semana de aula eu chego na faculdade e escutar isso da professora pra mim foi decepcionante, nossa! Mas em compensação vi outros que tinham, dão aula com muito gosto, preparam aula com muito gosto, se dedicam a isso e isso que é alegra você tem oito e oitenta você pode dizer que os dois extremos interessante.

Entrevistadora - Vamos falar do seu estágio, fala como foi sua observação depois você fala sobre sua regência, que tal?

E5 – (9) Mas tem alguma coisa específica assim que você queira saber ?

Entrevistadora - Ah, você vai falando no geral e quando tiver alguma coisa específica eu pergunto. Fala primeiro da sua observação.

E5 – (10) Primeiro foi estou dando aula num colégio muito grande e tem uma estrutura legal. Quando cheguei lá a professora me super bem pra estar dando esta disciplina lá, não tem professor que não gosta de às vezes estar lá, não trata muito bem os estagiários, pelo contrário ela tratou super bem e falou que ela queria dedicação também, é uma coisa que não precisa nem falar que vim estava fazendo aquilo não pra você que vai se só para o meu curso né vou fazer porque eu gosto né. A gente nota também não se durante quanto tempo os professores tem um pique que normalmente os estagiários tem lá mas é lá um pouco abatida um pouco de ela teve um problema lá por causa de nota de aluno alguns foram muito mal numas provas e vieram falar pra ela que os piores resultados foi na nota dela que vieram falar com ela que às vezes ela precisa dar nota para o diretor ou pra supervisora gostar dela ou se dar bem com ela alguma coisa assim ela falou assim: 'eu não vou dar nota por dá.' Infelizmente eu estou vendo agora que dou muita prova e que exercícios ela praticamente obrigada a dar nota para os alunos assim meio que obrigada, os alunos estão num ritmo muito mais lento eles não estão nem aí porque não sei nem como eles... não acho que só nota, nota não é só falta prova mas não estão nem aí com falta então volta e meia estão aí.

Entrevistadora - Você fez só no noturno ou diurno também?

E5 – (11) Noturno, então é muito mais lento, a pessoa já chega cansada do trabalho, mas tem muita gente que eu já escutei pelas conversas deles no meio da aula que eles não trabalham mas estão estudando no noturno.

Entrevistadora - Mas é regular ou é supletivo?

E5 – (12) Não, é regular e também existe uma preocupação muito grande com o conteúdo que nem lá uma turma atrasa eles não tem a preocupação de estar as duas turmas iguais não acabar o ano meio que todo mundo numa mesma coisa ou passar o conteúdo que está no plano anual como vai ser desenvolvido esse trabalho no ano durante o ano, eles não tem essa preocupação. Olha ela mesmo falou 'olha não se preocupa com isso' porque eu percebi que nessa escola não tem muito disso quer dizer o pessoal vai sair do segundo terceiro colegial faltando conteúdo, então já tem essa deficiência e um pouco por falta de espírito dos alunos em relação ao professor mas isso você percebe tanto quando dá aula no ginásio como no colegial porque quando chega lá um aluno professores estagiários nós somos mais novos, é uma linguagem diferente modo de se vestir diferente uma força de vontade talvez não que seja maior mas às vezes pode ser a gente acaba se destacando os caras estão cansados da professora tudo mais então eles chegam lá..e pra gente o retorno é ótimo só que a gente fica pensando no lado do professor porque ela entra às vezes na sala de aula ela fala: posso acompanhar a aula? Pode, você quer acompanhar uma aula acompanha. E eles reclamam dela assim na frente dela assim falam porque você não da aula pra gente o ano inteiro a gente está cansado dessa professora não sei o que então. Então isso é mesma coisa eles falam: 'porque você não da aula até o final do ano a gente está aprendendo Biologia pela primeira vez!' Com a gente ótimo isso com a professora chato, uma situação constrangedora, então eu imagino que às vezes você pode ser um professor novo mas se os alunos cansarem de você, mas você coloca um estagiário na sala os alunos vão falar a mesma coisa não dá pra saber se é só deficiência do professor ou do sistema ou então dos alunos que enjoam mesmo assim da cara. E fiz as observações com ela, viu que tinha algumas turmas que tinham a propensão de ser mais bagunceiras assim e levaram a gente pra conversar com eles olha isso é um trabalho,estou aqui porque gosto, porque curto fazer isso espero que consiga passar pra vocês o que aprendi né, o que a gente sabe a gente vai se dedicar pra isso e tudo mais então a gente procura ter uma conversa um pouco franca com eles no começo não tomando muito tempo porque a aula lá é de quarenta minutos lá os alunos se movimentam de uma sala pra outra eles não tem uma sala fixa então perde mais tempo ainda.

Entrevistadora - Esses quarenta minutos fora dessa movimentação ?

E5 – (13) Fora não, dentro contando com a movimentação deles quer dizer a gente acaba tendo vinte, vinte cinco minutos de aula sobre ... então a última aula já tem ahhh sai os alunos o professor libera os alunos dez minutos antes praticamente porque é última aula porque eles estão cansados não sei o que então tem mais esse problema também né que atrapalha.Quanto das aulas foi tranqüilo assim acho que foi tranqüilo eu tive por incrível que pareça mais problema com uma turma que eu dei aula foi o dia que eu fui ser avaliado ainda que foi semana passada ela estava super bagunceira assim eu tive que dar um puxão de orelha assim eu não sou aquele professor bravo demais mas o que eu precisar falar eu falo mesmo os caras não estão ali para ser os meus amigos eles estão ali pra aprender e eu sou o professor, isso porque às vezes parece que eles esqueciam disso que apesar de a gente ser jovem a gente respeitar eles a gente dá risada e tudo mais é brincadeira que pareciam que eles esqueciam que ali existia uma relação professor aluno eles esqueciam disso.

Entrevistadora - Autoridade.

E5 – (14) Exatamente e a pessoa que estava lá eu comecei a aula apresentando a professora que estava me avaliando falando que era minha professora pra ver se eles se ligavam um pouco mais nisso, professora avaliando o cara, teve gente que se ligou especialmente as meninas os caras ficaram meio dispersos tal e começaram a conversar e por incrível que

pareça o pessoal mais bagunceiro não ficava no fundo ficavam ali na frente então desconcentrava mais ainda e chegou uma hora que eu chamei a atenção bati na mesa do cara falei falei e o cara não parou de chamar mandei parar puxar para um lado mais em questão de respeito falei oh, galera eu estou aqui porque eu gosto eu estou aqui com muito respeito em relação a vocês a vocês entendo que vocês estão cansados vocês trabalham que vocês não estão gostando muito da matéria eu não sei o que acontece só que básico com relação a qualquer pessoa seja namorado pai, mãe ou filho, professor aluno é respeito então eu exijo respeito principalmente porque tem um professora aqui me avaliando. E foi aquele silêncio alguns alunos ficavam até com cara meio até de constrangidos porque na verdade a minha intenção era falar pra aqueles que estavam me desrespeitando, só que não dá pra ficar eu não podia apontar pra cara de um ou de dez sei lá, então achei melhor falar porque daí já encerra e servia pra todo mundo que eu estava falando de uma vez. Quanto a isso o professor gostou da nossa avaliação a nossa aula foi legal a gente veio a... dei aula para o segundo e terceiro colegial e não existe muita diferença entre um ano e outro acho até que em relação a cabeça de alguns alunos lá pode ser até que um aluno do primeiro colegial tenha uma cabeça melhor que aluno do terceiro. E normal.

Entrevistadora - Essa bagunça que você disse que teve no dia que você foi avaliado, que a sua professora de 96 TL ( ) /R13 11.28sso e sem disca0.4255(62(d)-58.51 cd 99.76 0 Td [(d)789(s)-3(e)-13.4459( )

eles é ...no geral acho que foi tranqüilo assim seria como se estivesse dando aula num até eu penso eu estudei em colégio particular imagino que a minha sala era pior até do que a sala que eu estava em alguns momentos tranqüilo porque Biologia não é uma disciplina fácil pela questão dos nomes eles iam perguntar pra gente assim: 'como é que você consegue estudar tudo isso' eu falei é vocês imaginam como que é ter que passar pra vocês é um vinte avos do que a gente tem que estudar em termos de nome porque a gente não passa nome científico quase pra eles a gente não passa estruturas passa de forma simplificada. Então teve um aluno que veio falar pra mim: 'como pode você está dando aula e ser aluno ainda e saber tanta coisa e tem professor que está aqui e a gente pergunta as coisas eles não sabem?' Foi legal eu não sei quanto fica isso que você está falando pra mim mas é uma coisa que o cara pode ter não sei a especialidade dele se está perguntando assim Biologia você vai para o meio do mato as pessoas acham que você tem que saber tudo então você passa no lugar o que árvore é essa pô cara eu não sei não sou botânico não tenho que saber.

Entrevistadora - Tanto de insetos né que é uma classe imensa...

E5 – (17) Tudo qualquer coisa que eles perguntarem pra mim até de uma maneira eu vou saber sei no geral o que o curso passa pra gente né no geral as pessoas cada um vai buscar suas especialidades depois, tem gente que vai se especializar em carrapato que vive na capivara, não sei é uma coisa muito especializada, então mas o cara me pergunta o que é eu não tenho condição de falar de te responder o porque você está precisando de uma reciclagem você já é muito velho não se lembra das coisas ou não é um bom professor de verdade. Não estou aqui pra julgar isso, mas ela falou: 'então você passa as coisas de uma forma tão clara pra gente que pô!' Que bom que você está avaliando o que eu estou passando agora ruim porque com os outros professores vocês estão tendo esse conflito também.

Entrevistadora - Você tem algumas aulas ainda pra dar? Faltam algumas regências?

E5 – (18) Essa quinta-feira agora, quinta e sexta, sexta-feira já é... como é que chama... recuperação paralela na semana passada prova.

Entrevistadora – Ah, você deu a prova?

E5 – (19) Dei prova, exercícios tudo.

Entrevistadora - Qual foi o resultado?

E5 – (20) É então, o que aconteceu. eu fui dar o exercício e lá o... eu pedi pra professora não deixar fazer exercício de consulta, e eu não pude avaliar esse exercício não pude estar naquele dia porque tinha uma prova muito difícil aqui, ai não deu certo de estar presente naquele dia. Ela seguiu o exercício, agora deixou eles fazer consulta, mesmo assim eles tinham capacidade de copiar do livro ou do resumo que eu passei pra eles o nome errado, aí tudo bem, passou até que eles relativamente bem nesse exercício também não tinha como não ser né. Foram fazer uma prova com questões. Tinha até questões que tinham nesses mesmos exercícios, mesmo assim eles não foram bem na prova e eu vi agora o resultado da prova que está aqui na minha mão alguns que nossa, os cara foram bem mal e eles não estão nem aí, eles não estão nem um pouco preocupados se vão passar ou não vão como é que está a nota deles e a recuperação. Fora isso ... manda fazer exercício esse bimestre agora que já dei mais da metade das aulas, sessenta pontos né foram,trinta de exercícios, dez vai ser de participação, vinte de freqüência, meio se os caras estão freqüentando as aulas ou não se estão bagunçando um pouco ou não,

bem coisa parecida com o primário e quarenta pontos da prova que eles foram super mal na prova. Então eu não sei como vai ficar a situação deles porque no primeiro bimestre tinha aluno que a média era assim três dois.

Entrevistadora - E isso aconteceu ainda porque você notou que o desempenho, o interesse deles foi um pouco melhor, né?

E5 – (21) E esse bimestre eles vão ficar com nota melhor ainda que o bimestre passado mas eles estão, quando chegar lá no terceiro ano tu começa dar aula de genética lá eles são completamente perdidos é muito difícil assim pra eles levar, até teve uma aula que eles estavam fazendo exercícios de genética, acho que três aulas seguidas os alunos não conseguiam entender como se fazia um cruzamento, fazia sistema ABO, que é o mais baba mesmo, assim eles nossa copiando qualquer coisa estavam desesperados, então isso que é difícil, estavam apesar de tudo que foi passado na tentativa de estar ajudando eles assim, não tinham nenhum esforço e não tinham base pra isso falta base, muita coisa lá de trás que não tem legal.

Entrevistadora - Porque a genética acaba tendo que depender lá da citologia do primeiro ano, né.?

E5 – (22) Lógico teve aluno inclusive na prova assim cada erro de português eu até corrigi erro de português da prova também porque ...é não sabiam diferenciar onde colocar o U ou o L ou então coisas básicas que tinham que arrumar porque acho que eles não sabiam escrever direito mesmo porque a forma que escreviam não dá nem pra copiar direito nem escrever direito estava feio é reflexo de tudo é o reflexo do sistema né tá aí.

Entrevistadora - Você acha que atingiu seus objetivos através do estágio, o que você esperava, que deixou a desejar?

E5 – (23) Olha, eu acho que primeiro meu intuito como estudante de Biologia era praticar. Eu ainda penso por esse lado praticar foi bom, dando estas aulas para os meus... para os alunos, eu estou ali aluno e professor literalmente sem estar apresentando seminário que o conteúdo às vezes é bem mais complicado aqui, mais é amigos pessoas que eu estou apresentando e o professor, né.

Entrevistadora - É outra realidade.

E5 – (24) É eu estou lá a sala de aula na minha frente eu não conheço ninguém lá aquela coisa de nervoso ou não e de postura tudo mais de usar as palavras, gírias, qualquer coisa que você tem que fazer quando está dando uma aula. Quanto a isso acho que foi super legal pra mim, porque é uma forma de estar praticando, que se eu pudesse estar fazendo mais eu faria mais ainda, estar dando aula paralelamente como eu fiz agora, mas quanto a conteúdo eu sei que eu passei o que deveria pra eles mas eu não sei a forma com que eles assimilaram isso eu tentei fazer eu acho que da forma mais básica possível tenta passar pra eles alguns conceitos, dava conceito toda santa aula, a hora que eu fui dei... é asquelmintes, platelmintes e nematelmintes, poríferos e cnidários, anelídeos estou no artrópodes agora uma ... de conceitos que se repetem todos os filos tipo triblásticos, simetria lateral, toda aula que eu estava começando falava esse filo essa característica pertence ao filo triblástico tal, eu fiz isso desde o começo na última aula, todo filo eu tinha que falar, eu falava porque eu achava que era importante, que é uma coisa que faz fixar, pra eles fixarem nas últimas aulas você que o pessoal eram duas a três

pessoas que falavam, algumas sentiam vergonha porque eu mesmo .... falar estavam de saco cheio e até sabia mas no perguntar mas a maneira que eu percebi ... como você não saber a mesma menina sempre falava a mesma coisa .... avaliou né pô como é que vocês não lembram de nada, não é possível estou falando desde o começo uma coisa que se eu estivesse dando agora no dia anterior tudo bem mas eu dei todos os dias que eu dei aula ... eu vi que não era uma falha minha porque eu estava tentando fazer isso direito lembrando puxando assunto tri..o que é, é três, o que eles nem assim não iam não sei ... Então por um lado é meio frustrante isso porque você tem a lógico a função de dar aula fazer com que você consiga atingir a todos possíveis ... tem universidades ... ginásio você trabalhando com pessoas que estão ali com os hormônios na flor da pele tão querendo fugir da carteira e não tem nenhum interesse. Aqui na faculdade você dá aquilo que você quer agora, sair de uma aula, não tem nem chamada não tem nada aqui, nota lógico, é isso que vai te passar de ano ou não mas ai vai depender de você, vou aprender assimilar conteúdo agora eles, ah eu estou pensando ... ai eu acho que acaba sendo mais difícil e conseqüentemente mais frustrante a pessoa também está aqui ele faz assim fica a critério de cada um se ele quiser ser um bom biólogo ele vem cá e aprende. Agora aluno, lá se ele quiser ser um bom aluno ou não está mais dele, lógico da gente também que tem que forçar um pouco isso porque eles não conhecem a vantagem de estar correndo atrás daquilo, eles não pensam que esse curso vai mudar o meu futuro, vai ajudar alguma coisa lá na frente, então eles não têm essa visão ainda, alguns... talvez até tenham.

Entrevistadora - Você usou a palavra frustração, você às vezes ficou meio frustrado lá com os alunos, mesmo assim você seguir na profissão. O que te estimula a isso?

E5 – (25) Sim. Com certeza. O que me estimula... que tem gente aqui dentro que pode ser quarenta que ta lá dentro, ser estiver duas pessoas que estão interessadas e essas pessoas progredirem tudo certo, porque em universidades públicas, nem sei qual é o índice de aprovação de alunos de escolas públicas de repente o sei lá, um por cento aqui entra de escola pública, assim um por cento, nem que seja cinco por cento, né, então esse cinco por cento agora e se desse cinco por cento entrar algum aluno que é da escola pública que eu tinha dado aula, já valeu a pena, que é menos um que não estaria entrando e está aqui tendo uma chance pelo menos é uma já que se é tão ruim que se você puder fazer o mínimo, que puder estar fazendo pra colaborar com alguém em alguma coisa que estiver, puder lembrar lá na frente talvez é nem uma coisa que mudou a vida dele ele entrou numa universidade mas você vai conversar com um cara um dia você encontra um ex-aluno seu e ele lembra de algo que você falou pra ele ou de algum conselho que você chega e dá, é bem mais difícil você lembrar porque você tem memória mais curta tal no ginásio isso é até melhor porque tinha dias que no intervalo tinha alunos que não queriam nem sair da sala de aula eles queriam ficar conversando comigo né, então ...

Entrevistadora - Você pode falar do estágio com o Ensino Fundamental?

E5 – (26) É mesma coisa, lá era mais molecagem crianças, em termo de bagunça, porque eles não estavam ali vamos dizer são adolescentes ainda estão começando a oitava série tal é uma quinta série, sexta série, estão começando mas era mais criancice tudo mais, mas eles se interessavam legal você mostrava algumas coisas pra eles então fazia algo diferente leva coisas pra eles observarem. O pessoal do colegial eles tem um laboratório maravilhoso lá, não aproveitam a professora acho que não havia estado lá ainda não sei, não havia aproveitado nada porque eu desci, todas as aulas que eu fiz eu levei um monte de exemplar, levei no laboratório deles e levei pra eles verem então é uma coisa você dá, falar o que é um piolho de

cobra, ninguém sabe o que é isso você pega lá e leva oh isso aqui você já viu outro dia você vai ver na rua de novo e vai lembrar que é piolho de cobra e no ginásio é a mesma coisa só que lá eu lembro oitava série que eu lembro que foi legal que eu estava dando aula sobre sistema respiratório e sistema circulatório, no sistema respiratório eu peguei na questão do cigarro que foi que teve interesse deles porque eu peguei e perguntei olha quem fuma aqui, o pessoal ficou meio assim tal tal eu falei assim olha eu já fui moleque já experimentei cigarro tudo mais não gosto de cigarro mas eu queria saber porque é uma coisa pra gente conversar pô ai começou aparecer um outro falando oh eu fumo, a eu fumo faz dois anos, pô fala sério você fuma há dois anos tal começou rolar uma papo mais legal com eles e eles se sentem por estar conversando com uma pessoa mais velha assim mais abertos, mais velhos eles se sentem um pouco mais avançados né e foi bem nessa turma que o pessoal começou no intervalo a não sair no intervalo queria ficar discutindo coisa assim chegar e perguntar ah como é que é ah como é o problema de fumar cigarro estou com umas doenças como é que funciona aquilo o cigarro pode me dar tal tal ah com minha vizinha aconteceu isso, ah com minha vizinha aconteceu aquilo. Acho que isso ai é legal, tive um retorno melhor com as crianças mais novas assim é eu não esperava, com a quinta, sexta, sétima e oitava do que com o colegial. Foi, surgiram algumas dúvidas no colegial interessantes teve uma aula, agora falando sobre hemofilia teve um rapaz que perguntou: e quando a mulher fica menstruada como é que é ela não... aparece... quer dizer era uma dúvida que ele tinha porque ele olhou pra mim e perguntou na hora uma curiosidade, muita coisa de Biologia ... também é isso curiosidade de saber as coisas isso resolve muita coisa pelo menos pra mim, muito em relação a curiosidade, você vê quanta evolução quanta principalmente sobre isso fazer muitas respostas que eu buscava isso foi legal.

Entrevistadora - Como você comentou lá da rotina da sala do que era o professor com os alunos depois como que foi você com os alunos

E5 – (27) Legal, eu acho legal mas eles também gostavam mais por ter uma relação melhor com o professor do ensino do que o do colegial agora gostavam mais do professor deles assim mas a mesma coisa quando eu estava lá eles pediam pra gente ficar, pra gente continuar dando aula pra eles. O problema é o seguinte acontecia lá que lá no ginásio as duas professoras tinham um pouco de acomodação assim, eu acho ela chegava lá passava exercícios para os alunos em vez dela pegar mandar eles fazer em uma folha e ela corrigir em casa gastar um tempo pra fazer isso, a aula já é curta não tem aula dobradinha, é uma aula só não tem dupla, então é muito difícil porque demora pro aluno entrar tudo mais você perde toda vez. O assunto das aulas não tem uma seqüência legal eu percebi um pouco de acomodação porque ela pegava e falava assim vamos corrigir agora os exercícios quer dizer ela perdia tempo pra corrigir os exercícios dos alunos lá pô eu sei que talvez seja melhor você pegar exercícios que estão você corrige se os alunos foram melhor quer dizer os alunos não estão conseguindo assimilar o que você está passando, pega o que for pior e chega na carteira do aluno e fala não é assim não é assado dá pra fazer isso direito olha você explica a teoria de novo pra ele, se for pegar os outros alunos que está fazendo alguma outra atividade você pode aproveitar esse tempo, mas não ela queria ficar então ela corrigiu os exercícios duas aulas e na outra ela mandou eles fazerem um desenho. Quer dizer coisas que eu acho que não estaria mandando eles fazerem, eu preferia fazer outra atividade levar algumas coisas para os alunos observarem ali ao vivo e a cores uma .. eu vi que na faculdade eu dei briófitas e pteridófitas, estava levando coisas pra eles lá verem porque não é só ver no livro não adianta ver no livro só e saber que lá na casa dele tem uma briófita ou uma pteridófita, que tem piolho de cobra, que tem um outro bicho que está passando ali perto que são os conhecidos que falam ah fala ...em Paulo Freire tem que colocar na comunidade tem que falar do dia a dia do cara. Tem um aluno

na nossa aula que falou: ‘é mesmo válido isso’, entende ter alguém para mostrar o quanto é importante na vida da pessoa é mostrar que tem na casa dele uma briófita, uma pteridófita.

Entrevistadora - Um aluno da escola ou da faculdade?

E5 – (28) Um aluno do meu curso perguntou, eu falei pô cara mas é lógico, porque é difícil sem você dar um exemplo pra ele prático da vida, do dia a dia dele já é difícil, você se você não fizer isso fica quase impossível, você já está mostrando que é difícil né ai ele perguntou: ‘ué nós vamos ficar como os americanos que eles só estudam coisas da região deles, a história deles’, não sei o que. Realmente no Brasil a gente tem uma tendência a estudar as coisas de uma forma mais ampla que os americanos, história em geral ... centram bastante no que eles fazem lá, só que eu falei: Meu, se você está dando aula sobre peixes para os alunos não custa você falar que o peixe que tem no rio Tibagi perto da casa dele é esse tipo de peixe. Você não está especializando demais as coisas, porque o peixe que tem no Tibagi tem às vezes no rio Tietê e tem na terra do Brasil. Você está dando um exemplo pra ele se situar que pô, perto de onde eu tô, se é uma coisa prática tá, às vezes as pessoas, tem gente que mora às vezes em cidade grande mas é numa cidade pequena mas não sai daqui, não tem oportunidade de sair, pode ser até que antigamente isso era mais normal hoje em dia ainda tem gente que você pergunta: Ô, você nunca foi lá não? Não, eu fui pra São Paulo não sei o que, ele vê pela televisão é uma coisa tal tal é uma coisa, só que você chegar lá e mostra aquilo o lá em São Paulo tem isso mas aqui também tem na sua casa.

Entrevistadora - Você fez isso nas suas aulas?

E5 – (29) Fiz isso nas aulas.

Entrevistadora - Pelo que você falou você trouxe, procurou trazer material concreto para mostrar, você acredita que isso enriqueceu as suas aulas?

E5 – (30) Enriquece, eu acho que isso é uma das melhores coisas que se possa estar fazendo, é como se ter um laboratório demais, laboratório com grande diversidade em material muita coisa que eles tem lá que nem na faculdade tem, não tem em relação as cobras, lá tem muitas, muita coisa, aqui não tem isso eles tem muito em relação aos aracnídeos, eles tem muita coisa, aqui falta bastante coisa, lá se você se aproveitar disso porque você pode dar os filos e trabalhar o Reino Animalia inteirinho mostrando exemplos que tudo você tem lá, vi sanguessuga lá, levei pra eles, você fala sanguessuga eles perguntam: ‘o que é sanguessuga?’ Eles não tinham idéia do que era, lembra quando era pequeno que tinha um filme do Rambo que mostrava sanguessuga? Vocês lembram a não sei o que, pô. Eu fui lá (no laboratório) estava procurando crustáceo, já porque eu não tinha o professor não tinha me dado a chave do laboratório ainda vamos conhecer daí eu levei tênia, lombriga pra eles verem porque isso é normal. Teve aluno que levantou a mão e disse: ‘ah, eu tive isso’. Então quer dizer ele mesmo teve mas não sabia o que era, então você mostrando você diz foi isso que você teve. Eu tirei do frasco, mostrei pra ele tudo mais e a lagosta, já tinham ouvido falar de lagosta, mas não sabiam o que era, tinha pra vender no mercado mas eles nunca viram, levei pra lá, pra eles verem também, então isso acho que é legal os caras aproveitarem a beleza do colégio público, falta coisa, falta verba, um monte de coisa, carteira não é a melhor, quadro negro é horrível, mas em compensação eles tem um laboratório valiosíssimo ali e a professora nem se preocupa com isso, nem comenta isso, até agora pelo que eu percebi a professora não tinha levado eles esse ano inteiro lá, não havia tirado material, porque eu perguntei onde estavam as coisas ela não sabia, então eu um mês que estava ali dentro nós fomos eu mexi mais que ela. Cheguei

pra ela perguntei: ‘professora piolho de cobra, tô procurando mas onde, professora?’ Eu bati o olho eu não tô conseguindo achar, comecei a revirar, revirar, ela olhando, olhando perguntando onde será que ta, será que não está aqui? ‘Não professora, aqui são só os mamíferos!’ Estava perdidinha! Bom bati o olho, olha tá aqui. Levei pra eles tal, então falta um pouco de força de vontade, bom normal na universidade acontecia isso essa acomodação de aula eles se acomodam, mesmo lá mais ainda já é contratado não vai ser mandado embora é fácil. Talvez a mesma professora se estivesse dando aula em colégio particular seria muito mais agilizada que na pública, que lá o cargo está a prêmio, se fizesse alguma coisa errada os alunos reclamassem como se tem um aluno que está pagando a escola tem muito aluno que não está nem aí, eu principalmente enchia o saco de professor que não dava aula legal, até dependendo do professor era até mandado embora porque eu não estou aqui no colegial para o vestibular e o cara ficar mandando eu fazer desenhinho. Eu estudava numa escola muito boa lá em São Paulo a galera falava eu vim aqui pra estudar, mas aqui a escola é muito boa a melhor de São Paulo, está entre as dez melhores. Eu falei entre as dez só se for de estrutura porque em relação de ensino é uma porcaria quando eu estudava no (nome do colégio), era um anglo pequeno, era muito mais forte o ensino lá na minha cidade, que em São Paulo, é que lá eles estavam preocupados com a formação do aluno no primeiro, segundo e terceiro colegial, lamentavelmente eu já tô formado ali o que a escola podia fazer por mim em termos de formação pessoal tinha feito, agora é hora de tenta, lógico acrescenta algumas coisas mas é não foram muito legais não, tinha uma estrutura maravilhosa ginásio, igual ginásio de São Paulo laboratório melhor que o daqui cada laboratório tinha uma tv para o professor mostrar o microscópio dele, tinha uma câmara a gente via o que ele estava vendo quer dizer era bom, só que não se aproveitaria da mesma forma então o ensino era bom, acho.

Entrevistadora - Você gostou do estágio?

E5 – (31) Gostei.

Entrevistadora - Do que você mais gostou ?

E5 – (32) Por dar aula, acho foi o que mais acho que serviu para fazer isso vai ser legal pra mim, eu curto fazer, vir dar aula tive oportunidade de trabalhar na transmissão de conhecimentos só que não dando aula realmente mas fazendo trabalho com as turmas no dia a dia. Não é normal ver gente desse jeito com a gente, mas pra mim foi emocionante, saia das aulas, às vezes emocionado comovido com aquilo pô, pra mim foi uma coisa tão simples um conhecimento que eu tenho que eu passei para uma pessoa que ela só queria atenção da comunidade que ela precisava disso: atenção. Foi o legal de ta lá, então foi uma forma de passar conhecimento diferente né então o aprendizado, a transmissão de conhecimento de diferentes formas que pra mim já me realizam, acho uma coisa legal seja de conhecimento de vida também às vezes pra você passar alguma coisa mas em escola especialmente por ser pessoas que estão ali sabe como te falei, pessoas que estão precisando daquelas ajuda algumas que tão ali querem que às vezes está lá depois de uma vida inteira está com aquela força de vontade eles merecem nossa atenção.

Entrevista E6

Entrevistadora - Sua regência foi em que série?

E6 – (1) Foi de 5ª a 8ª.

Entrevistadora -

foi indo. Todas as aulas foi, mais ou menos assim que eu fiz. Eu falei: 'eu não vou ficar inventando muito' porque se eu ficar inventando muita coisa num tem como... não ia ter como eu desenvolver todas as aula. Sabe por quê? Na escola que eu dei era Distrito de (nome da cidade), porque fora eu da minha turma tem mais sete que faz Biologia na minha sala, então imagina sete, oito pessoas fazendo, dando aula de Ensino Fundamental e Ensino médio só tem uma escola de Ensino Fundamental e uma de Ensino Médio na cidade que eu moro.

Entrevistadora - Os professores não dão aula.

E6 – (9) Os professores simplesmente tiraram férias.

Entrevistadora - Mas voltando pra sua aula. Quando você estava lá dando aula você acha que você se remeteu algum professor, se remeteu a alguém?

E6 – (10) Ah, eu acho que sim. Acho que sem querer eu me espelhei. Eu não sei em quem, mas com certeza eu me espelhei. Acho que um pouquinho de todos, acho que tudo que eu não gostava que faziam, eu procurei não fazer. O ponto negativo. Por exemplo, eu nunca gostei do professor na sala de aula, eu sempre tive muita dificuldade, um professor que anda muito devagar com, não com a matéria em si, mas uma aula parada, desmotivada, isso eu não fiz. Eu falo sem parar mesmo e é aquela coisa. Foi como o dia que eu dei minha primeira regência na faculdade: eu comecei, disparei e fui. Eu não paro de falar.

Entrevistadora - E lá também?

E6 – (11) E lá também. Às vezes eu tenho um ponto negativo. Às vezes os alunos lá como não me conheciam, tinham vergonha de me perguntar alguma coisa e tal só que daí eu, se queria perguntar também não deu tempo, porque eu disparei e fui indo.

Entrevistadora - Relata, conta alguma coisa aí, que aconteceu, interessante, que te marcou, o que você viu.

E6 – (12) O que me marcou, eu assim dar aula, porque eu dei num Distrito, a maioria dos alunos é da zona rural, então eles têm um pensamento assim diferente dos da cidade. Os assuntos que eles falam é de cavalo, de montaria, é verdade.

Entrevistadora - E isso influenciou na aula?

E6 – (13) Influenciou na aula, porque ainda mais de Biologia, se a gente vai falar de um assunto, que nem eu fui dar sobre água sabe, teve uma aula que eu tive que dar que era, como é que fala, eu entrei assim na falta de água tudo daí eles começam assim o rio dali está assim está assado, não sei o que. Se fosse alunos da cidade isso não seria possível. Eles não iam ter essa noção. Acho que isso.

Entrevistadora - Você acha que essa experiência como estágio contribuiu para sua formação como professora?

E6 – (14) Contribuiu mas muito pouco eu acho. Eu penso assim na realidade, principalmente os dias que a gente é observado na sala de aula, que eu penso assim: a gente trava um pouco pra dar a aula quando a gente está sendo observada e quando a gente não está que a gente tem

a responsabilidade da sala é muito mais fácil dar aula, então eu penso sinceramente que o estágio não tem função nenhuma, eu penso assim.

Entrevistadora - Por quê?

E6 – (15) Porque na maioria das vezes, é que nem a gente fala: um professor dá o que? Esse ano não foi trinta horas-aula que a gente teve que dar, mas não, o ano passado foi se eu não me engano foram trinta horas. Agora me fala: que aluno vai dar trinta horas de regência? É mais fácil o governo contratar ele pra trabalhar então. Não é verdade? Pra que? Tem gente que trabalha de graça, não é verdade. Eu acho isso um raciocínio lógico. Eu assim, tá tem que ter regência? Tá bom. Pra ter contato tudo, mas um número tão grande de aulas acho que não tem noção nenhuma, é só trabalho pra gente ficar preenchendo os mesmos planos de aula fazendo aquelas mesmas cópias dos livros pra ter o resumo em pasta e aquela observações que eles colocam no fim de tudo e pronto acabou. A realidade é essa. E não é só aqui, é em qualquer lugar. Claro, a gente faz porque tem que ter, porque também não é assim a gente vai lá na escola e vai assinando, não. Só que um número tão grande de aulas nem o diretor da escola gosta. Tem isso também.

Entrevistadora - Você acha que é muito tempo de estágio nas escolas, isso?

E6 – (16) É bom. Não é que seja ruim fazer o estágio, não, mentira. É bom, mas eu digo assim: não tem o porquê de ser um número de horas-aula tão grande, porque o que acontece, a gente acaba o que? Se enrolando. Enrolando, porque imagina trinta horas-aula no ano. Que nem no meu caso, oito alunos?

Entrevistadora - Então, professora da disciplina de estágio, o conteúdo que vocês vêem aqui na faculdade? Como você avalia tudo isso?

E6 – (17) Não ajudou em nada, não ajudou em nada mesmo porque eu penso assim só experiência porque as aulas que ela dava aqui ela entrava na sala depois? Porque eu penso assim ela chegava na sala resenha, resenha, resenha e resenha de um livro de educação que ela tinha nem sei que livro que era e vamos lá tal, tal e tal. E vamos fazer resenha, e vamos fazer resenha. E era isso, e vocês estão fazendo estágio, vocês trouxeram o papel pra mim assinar pra vocês levar na escola, era isso nossas aulas de estágios que a gente tinha aqui na faculdade era assim.

Entrevistadora - E ano passado foi observação?

E6 – (18) Ano passado foi observação.

Entrevistadora - Conta lá das suas observações. O que você observou?

E6 – (19) Na observação a gente aprende, aprende sim porque é observando os professores que dão aula no Ensino Fundamental e Ensino Médio que a gente... é nesses que eu acabei me espelhando, não nos meus, mas no de Ensino Fundamental e Médio.

Entrevistadora - Por exemplo?

E6 – (20) Que eu observei, o jeitinho que eles lidavam com as crianças. Sabe, porque de 5ª a 8ª é criança, não adianta a gente falar que não é porque é. Principalmente 7ª e 8ª eles estão

naquela idade assim que nossa que a professora está explicando e eles estão querendo namorar dentro da sala, estão marcando encontro. É verdade, é a pura verdade. E eles estão ali marcando encontro dentro da sala de aula e você não sabe nem pra que santo apela na hora porque você não sabe nem o que você faz. Principalmente...

Entrevistadora - Você está falando isso no momento da sua regência ou observação?

E6(6(6(6(6(6(66383( )-15.9574(o6383((.21279(v)21))3 0 R9 11.28 Tf 82432 0 Td (V)9574(o6383(N6(60381(

E6 – (27) Ah, eu não tenho mais o que contar dela, faz muito tempo, estou velha já. Ela era uma professora, as aulas que ela dava levava para o laboratório, mesmo o laboratório não tendo muitas condições assim, porque escola estadual tudo, mas ela fazia, dava trabalho de campo pra gente fazer. Então, a gente tinha que correr atrás de bicho no meio do mato, tinha que ir atrás de borboleta no meio do mato. Isso é um fator que desperta o aluno pra Biologia, querendo ou não, tem uns que não gosta correr no meio do mato. Claro sempre não é cem por cento da sala que vai gostar, só que aqueles que tiverem interesse mesmo vão gostar. É uma aula diferente.

Entrevistadora - Você deu alguma aula assim?

E6 – (28) Não. Eu não dei. Não tem como dar principalmente quando é estágio. É muita responsabilidade você tirar uma turma da sala de aula, é muita responsabilidade isso. Mas quando eu tiver a minha eu vou. Agora ficar dentro da sala de aula não dá. A gente tava falando da observação né, então no ano passado que eu fiz a observação, eu fiz na cidade e eu preferi fazer mais neste distrito do que na cidade.

Entrevistadora - Por quê?

E6 – (29) Eu achei uma diferença muito grande de um aluno pra outro.

Entrevistadora - Qual diferença?

E6 – (30) Os alunos da escola que eu fiz a observação eles não tem noção de disciplina,. A sala é mais numerosa também então eles um quer falar o outro quer falar e não adianta mandar um falar de cada vez sabe. Tem turma que não, a gente não pode generalizar.

Entrevistadora - Fala um pouquinho sobre a sua observação, como era, o dia-a-dia da sala de aula, a rotina dos alunos, do professor.

E6 – (31) Os alunos chegavam, entravam, sentavam daí o professor chegava, rezava com eles, a professora também, chegava e rezava, eu não sei se isso é certo porque quando eu vi não são todos os alunos. Tipo assim, as sessenta horas que eu dei foi só com uma professora, então eu não sei dizer se as outras eram assim, mas a maioria dos dias ela chegava, rezava eu no meu caso eu não faria isso porque eu tenho uma disciplina na sala de aula tem diversas religiões, às vezes pode ter um conflito. Coisa que eu não quero é ter conflito, pelo amor de Deus.

Entrevistadora – Edaí?

E6 – (32) Chegava, geralmente cada aluno lia um trecho do livro do capítulo que ia ser estudado aquele dia e depois ela explicava, lia mais um trecho e ela explicava, lia mais um trecho e explicava. Eu achei bacana isso, porque eu achei assim que teve até uma participação legal dos alunos sabe, ficou mais fácil pra compreender, porque em vez de compreender tudo de uma vez só, lê e depois jogar aquele monte de informação, não ela aos poucos foi jogando e eles foram absorvendo o conteúdo. Que eu achei bacana dela foi isso. Tarefa também, quando ela dava tarefa ela corrigia no outro dia, na próxima aula ela sempre corrigia a tarefa, ela nunca deixava de corrigir.

Entrevistadora - E as suas regências?

E6 – (33) Ah eu fazia igualzinho. Chegava, lia um geralmente eu ia por fila cada um lia um pedaço. Não de Ensino Médio não. No Ensino Médio eu falava lêem leitura com os olhos, que a gente fala, desde que a gente estuda que a gente vê isso. Lê com os olhos, depois nós vamos debater, agora no Ensino Fundamental eu fazia assim: lê até o ponto, lê até o ponto e todo mundo participava da aula lendo um trechinho e aí no intervalo eu ia explicando, quando tinha que fazer algum esqueminha.

Entrevistadora - Isso você tirou da observação?

E6 – (34) Da observação, é porque um dos pontos da observação é pra que? Pra quando a gente ter idéia pra quando for dar a regência fazer o que? Desenvolver mais fácil, não é? Então, o que eu fui fazer foi isso. O ponto foi esse que me serviu, porque o resto não me serviu pra nada. Só me deu calo no dedo de ficar preenchendo aquele monte de ficha, que não tinha nada a ver com a paçoca. É verdade, é a pura realidade, nunca gastei tanto papel, nunca gastei tanta tinta, nunca gastei tanto dinheiro com xérox, pra uma pasta que não vai valer nada com nada. Não posso mentir, são fatos importantes. É o que eu falo, eu acho assim dez horas de observação, dez horas de regência, está ótimo. Não precisa colocar sessenta horas de observação e trinta horas de regência, isso é uma coisa sem noção. É uma coisa sem noção, porque é aquilo que eu falo: manda os professores embora e contrate a gente pra dar aula. Não tem necessidade de professor, não é verdade? Não tem gente.

Entrevistadora – Tem alguma dificuldade que você queira contar, ou mesmo alguma coisa que você achou legal?

E6 – (35) A minha maior dificuldade acho que foi o que pra colocar disciplina na sala, porque sempre as primeiras aulas que eu entrei na sala, nossa de onde você é? O que você faz? O que você está fazendo aqui? É difícil você chegar e no primeiro dia você já dá uma aula completa, você dá aquela aula, não tem como. Você dá o que vinte, trinta. Os alunos querem saber: quem é você? Onde você mora? Porque você está ali? O que você faz? Quer saber tudo. Se você tem namorado, se você é casada, eles querem saber tudo, quem é sua mãe, seu pai, tudo. E é verdade, então eu acho assim que o primeiro dia o estagiário vai, o primeiro dia a gente vai lá, se eu falar pra você que eu dei estágio, a professora estava lá, só que eu acho que ele entendeu também porque ela já passou por isso, então não adianta ela na minha ficha de observação e falar nossa ela foi péssima, ela vai me prejudicar sendo que não tem o porquê dela me prejudicar.

Entrevistadora - A professora da sala preenchia uma ficha sobre a sua aula? Como era?

E6 – (36) Preenchia, tudo por X. E assim vai. Não tem como ela pegar e me dar tudo ponto negativo, porque pra ela tanto faz ela vai me prejudicar, mas ela não tem o porquê de fazer isso, então quer dizer deixa ali uns quinze vinte minutos pra gente interagir com os alunos por quê? Porque daí depois, no segundo dia que eu for lá, no terceiro dia que eu for daí vai ser diferente.

Entrevistadora - Como que foi sua interação com ela? Quando ela ficava te observando?

E6 – (37) Ah foi legal, porque acho que eu já conhecia ela, sempre conversei com ela então eu não tive. Não foi aquela coisa, eu não tive aquele... todos dos dias que eu fui substituir. Teve dias que ela teve que viajar, teve dias que ela foi pra Faxinal do Céu lá que os professores vão, então eu fui três dias, um dia dei cinco aulas seguidas, assim sem ninguém

me observando, é diferente do que ela está ali olhando, porque você olha para o aluno olha pra cara dela, olha pro aluno olha pra cara dela, o que ela está pensando ali, a gente quer saber o que ela está pensando, o que ela está colocando na tua ficha, mas quanto a isso depois que eu vi como ela estava preenchendo a ficha eu fiz sossegada.

Entrevistadora - Quer dizer que estava tudo ótimo?

E6 – (38) Tava tudo ótimo. Na realidade, pode até ser que eu não tava tão bem assim, só que é o que eu falo, ela já passou por isso, não tem o porquê ela me prejudicar aqui na faculdade, não é verdade? Não tem o porquê. Por isso que eu falo dez horinhas já estava de bom tamanho, agora não entendo porque fazer uma pasta tão grossa com tanta coisa, acho que não tem necessidade nenhuma mesmo.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo